



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO-PRPPG
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS-CCHL
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA, CIDADE, MEMÓRIA E TRABALHO

PAULIANA MARIA DE JESUS

**REFLEXÕES SOBRE A MODERNIZAÇÃO DE CAMPO MAIOR ENTRE 1930 A
1970**

TERESINA-PI
2018

PAULIANA MARIA DE JESUS

**REFLEXÕES SOBRE A MODERNIZAÇÃO DE CAMPO MAIOR ENTRE 1930 A
1970**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí como requisito para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Orientador: Professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

Teresina-PI

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Piauí

Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras

Serviço de Processamento Técnico

J58r Jesus, Pauliana Maria de.

Reflexões sobre a modernização de Campo Maior entre
1930 a 1970 / Pauliana Maria de Jesus. – 2018.

135 f.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) –
Universidade Federal do Piauí, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento.

PAULIANA MARIA DE JESUS

**REFLEXÕES SOBRE A MODERNIZAÇÃO DE CAMPO MAIOR ENTRE 1930 A
1970**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras, da Universidade Federal do Piauí como requisito para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Aprovado em _____ de _____ 2018

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento (UFPI)
Orientador - Presidente da Banca

Professora Dra. Cláudia Cristina Fonteneles (UFPI)
(Examinadora Interna)

Professor Dr. Alcebíades Costa Filho (UEMA)
(Examinador Externo)

Professor Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento (UFPI)
(Suplente)

Teresina, 23 de março de 2018

A Deus, pai todo poderoso, que está presente em todos os momentos da minha vida, pois sem ele, eu seria nada e devo a ele tudo que sou.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por estar presente em minha vida, por me dar forças para continuar essa longa caminhada e me permitir alcançar todos os sonhos que tive um dia e me permitir chegar até aqui com vida, saúde e muita fé.

A minha família, em especial, meu esposo Abdias Messias Lima pelo incentivo e apoio durante toda a nossa trajetória juntos, por me animar quando me sentia fraca, por acreditar em mim e pela paciência que sempre teve quando precisei de sua compreensão.

Ao meu filho, Matheus de Jesus Lima pelo amor e carinho que sempre dedicou a mim. Sua existência é a razão do meu viver.

A minha mãe, Maria Rita de Jesus, pelo amor que sempre teve por mim, pela preocupação e por tudo que fez para que me tornasse o que sou hoje. Minha Tia Maria Auxiliadora e minha madrinha, Rosa Maria.

Ao meu querido e admirável Professor orientador, Dr. Francisco Alcides do Nascimento, pelas orientações e observações que dedicou ao meu trabalho permitindo melhorar a cada dia. Sua dedicação e experiência na área da pesquisa histórica foram essenciais para que eu refletisse sobre muitos pontos do meu trabalho. Para mim, é uma honra muito grande tê-lo como meu orientador.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI, em especial aos que tive o privilégio de cursar disciplinas: Prof. Dr. Jonhy Santana, Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco, Marcelo de Sousa Neto. Em especial, a Prof.^a Dr.^a. Cláudia Cristina Fonteneles e Prof.^o Francisco de Assis Sousa Nascimento pelos comentários, críticas e sugestões, tecidas na minha qualificação que me ajudaram melhorar e refletir muitos aspectos do meu trabalho. Todos são exemplos de amor e dedicação pelo que fazem, agradeço por ter tido a experiência de aprender com vocês.

Ao meu querido e amigo Professor Francisco Atanásio pelo incentivo na minha trajetória acadêmica desde a graduação, ensinamentos e por acreditar no meu potencial como pesquisadora.

A querida professora Tatiana Pinheiro Gimenes, pelo incentivo e apoio quando precisei me ausentar do trabalho por conta do mestrado.

As funcionárias da coordenação Dona Eliete e Rairana Moita pelo carinho e atenção concedida sempre que as procurei.

Ao amigo Francisco de Assis Lima pela concessão de fontes, tais como: imagens e exemplares do Jornal A Luta usados nessa pesquisa.

Aos colaboradores que aceitaram participar da pesquisa concedendo as entrevistas: João Alves Filho, Raimundo José Cardoso Brito, Raimunda Lopes Fontineles, Manoel Gomes de Holanda, José Airton Mendes, Maria dos Remédios Sousa Santos, Antônio Araújo Loiola, João da Cunha Lima. Agradeço pela disponibilidade e atenção dada a mim.

A amiga Jessica Gadelha pelos conselhos e disponibilidade de tempo para me ouvir.

Ao Professor José Ernani Júnior pelo incentivo e apoio na minha trajetória acadêmica, dando-me confiança para que eu pudesse participar da seleção do mestrado de História.

A todas as minhas cunhadas. Em especial comadre Iseuda, Ivanilda, Santilha. Ao compadre Beneval Neres (In Memória), pelo simples fato de o ter conhecido, e por me mostrar a alegria de viver e encontrar a felicidade nas coisas simples da vida.

Ao amigo Márcio Douglas por sempre me ajudar com conselhos e empréstimos de livros e por ser sempre tão prestativo e atencioso para comigo.

Muito obrigada a todos que, de alguma forma, me ajudaram.

Campo Maior do passado e do presente.

Cunha Neto, 1992.

[...] Eu falei do FRIPISA
Porém já foi retirado
O FRIPISA se acabou
Venderam para outro estado
Aqui em Campo Maior
Só se vive do presente e do passado

Vejam aqui alguma coisa
Que também se acabou
O relógio da “Luiz Miranda”
Um prefeito retirou
O coreto da “Rui Barbosa”
Era uma praça de rosa
Também se evaporou

Cadê o Cine Nazaré?
Que era um ponto ideal
E o trem da estação? [...]
Cadê a Marc Jacob?
Era uma firma bacana
Cadê a casa Inglesa? [...]

Cadê o Campo Maior Clube?
Cadê os seus carnavais?
Eram lindos os seus blocos
Hoje não existem mais
Só ficou a recordação
E o resto é ilusão
Assim conta nos anais [...]

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1: Carroça usada no transporte de água em Campo Maior, 1940?	38
IMAGEM 2: Casa Inglesa, 1940.....	54
IMAGEM 3: No plano superior está a Casa Marc Jacob, e na parte inferior a Casa Alves, 1934.....	54
IMAGEM 4: Centro histórico da cidade em 1934.....	57
IMAGEM 5: Praça Luís Miranda, 1934.....	60
IMAGEM 6: Novo Mercado público em fase de conclusão na década de 1970.....	64
IMAGEM 7: foto da Avenida Demerval Lobão entre 1950-1960?.....	71
IMAGEM 8: Construção do novo templo, Igreja de Santo Antônio, 1960.....	72
IMAGEM 9: Terminal Rodoviário Zezé Paz, 1973.....	76
IMAGEM 10: Prédio redondo onde funciona o gabinete do prefeito.....	77
IMAGEM 11: Os outros dois prédios onde funciona questões administrativas, recepção, atendimento ao público e questões burocráticas.....	78
IMAGEM 12: Praça Rui Barbosa, principal praça da cidade na década de 40.....	89
IMAGEM 13: Corso em Campo Maior com grande participação feminina 1940?.....	100
IMAGEM 14: Cineteatro Glória, 1932.....	102
IMAGEM 15: projetor do Cine Glória. 1948?.....	106
IMAGEM 16: Praça Luiz Miranda (1940-1950?.....	110
IMAGEM 17: linha ferroviária sendo construída de Teresina a Piripiri que cortava Campo Maior.....	116

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Receitas do município de Campo Maior entre 1943-1960.....	33
TABELA 2: Lista de prefeitos de Campo Maior e respectivos governos e contextos políticos entre 1930 a 1970.....	47-52
TABELA 3: Crescimento populacional de Campo Maior entre 1940-1980	67
TABELA 4: Municípios do Piauí contemplados com obras rodoviárias do Governo Federal.....	112

RESUMO

Este trabalho procurou analisar o processo de modernização de Campo Maior no período de 1930 a 1970. A pesquisa objetivou compreender qual a relação entre o poder público e as principais transformações urbanas no sentido de modernizar a cidade, entre as quais se destacam: a implantação da energia elétrica, melhorias no sistema de abastecimento d'água através da canalização da mesma, calçamento e alargamento de avenidas e ruas, arborização e remodelação das principais praças da cidade, construção de obras de grande porte como: o novo mercado público, o Terminal Rodoviário Zezé Paz, a construção da nova sede da prefeitura, o “Palácio das Carnaúbas” etc. Constatou-se através da pesquisa empreendida para a construção desta narrativa que o poder público visava deixar a cidade mais limpa e saneada dando a ela um aspecto civilizado. Sendo que essas reformas estavam imbuídas de um sentido que projetava o progresso e desenvolvimento para a cidade. Dessa forma, buscou-se entender as justificativas apresentadas pelo poder público para a realização das referidas reformas, além de entender como a população representa, através da memória, as modificações ocorridas na cidade, uma vez que, muitas casas e prédios arquitetônicos de valor histórico, do período colonial foram demolidos e casas e terrenos foram desapropriados para que acontecesse essas modificações na cidade. As fontes analisadas são constituídas por: decretos e projetos-leis, jornais, literatura, tabelas e dados estáticos, imagens e relatos orais através do emprego da metodologia da História oral.

Palavras-chave: História. Memória. Modernização. Campo Maior.

ABSTRACT

This work sought to analyze the process of modernization that in the period from 1930 to 1970. The research aimed to understand the relationship between the public power and the major urban transformations in order to modernise the city, among which stand out: the implementation of electric energy, improvements in the water supply system through the Canalization of the same, paving and widening of avenues and streets, afforestation and remodeling of the main squares of the city, construction of large works such as: The new public market, the bus Terminal Zezé Paz, the construction of the new headquarters of the prefecture " Palace of the Carnaúbas "etc. It was found through the research undertaken to construct this narrative that the public power was intended to make the city cleaner and more sanitized by giving it a civilized aspect. These reforms were imbued of a sense that projected progress and development to the city. In this way, it was sought to understand the justifications presented by the public authorities for the realization of these reforms, besides to understand how the population represents, through memory, the changes that occurred in the city, since, many houses and buildings Architecturals of historical value, of the colonial period were demolished and houses and land were disappropriated to happen these modifications in the city. The analyzed sources consist of: decrees and projects-laws, newspapers, literature, tables and static data, images and oral reports through the use of the oral history methodology.

Keywords: History. Memory. Modernization. Campo Maior.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A EXTRAÇÃO DA CERA DE CARNAÚBA E O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DE CAMPO MAIOR	21
1.1 Tensões políticas e mudanças na cidade	26
1.2 A chegada da luz elétrica.....	39
2 A CIDADE DA MEMÓRIA: REFORMAS URBANAS EM CAMPO MAIOR.....	44
2.1 Crescimento populacional e desenvolvimento do comércio	55
2.2 Reformas urbanas e o desenvolvimento da cidade	62
2.3 Campo Maior no bojo do progresso: construção de obras públicas.....	75
3 VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DE CAMPO MAIOR.....	86
3.1 O embelezamento das praças Bona Primo e Rui Barbosa.	87
3.2 Festas, lazer e sociabilidades.....	98
3.3 O cinema em Campo Maior	101
3.4 Da carroça ao veículo motorizado: a presença dos automóveis em Campo Maior	107
3.5 Campo Maior nos trilhos do progresso.....	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS	129

INTRODUÇÃO

O presente trabalho nasceu da inquietação de compreender como ocorreu o processo de modernização de Campo Maior-PI no período compreendido entre 1930 e 1970, haja vista que após a análise de fontes oficiais¹, relatos memorialísticos e historiográficos, constatei que durante o período houve significativas transformações urbanas na cidade, cujas intervenções modificaram o traçado de ruas e avenidas, entre elas estão: Avenidas Demerval Lobão e Senador José Euzébio, que antes eram residências e se transformaram em centro comercial, outras áreas que antes eram o centro cultural e social da cidade, que foi o caso das Ruas Santo Antônio, Cap. Manoel Oliveira e Quintino Bocaiúva, próximas à Catedral de Santo Antônio foram perdendo a sua função e importância.

As reformas urbanas se caracterizavam pela arborização e iluminação das principais praças, calçamento de ruas e alargamento de avenidas para facilitar o trânsito. Dessa forma, casas e terrenos foram desapropriados pelo poder público, para construção de novos prédios públicos, onde percebo que havia autoritarismo² nessas ações, uma vez que, o propósito era desenvolver obras que dessem um aspecto de uma cidade limpa e moderna³.

Para justificar o recorte temporal recorri a Marc Bloch⁴ que afirma não existir certezas absolutas sobre a exatidão dos fatos, posto que:

¹ Decretos leis encontrados no arquivo público de Campo Maior, atualmente localizados no segundo andar da estação rodoviária.

² Lei 628/65. Autoriza o executivo municipal ao pagamento de desapropriação de terreno urbano ao Sr. Otacílio Eulálio, desapropriado pelo Decreto 6/63, de 6 de junho de 1963. Campo Maior, 1965. O lote de terreno que seria destinado a construção do novo mercado, compreende parte das Ruas Senador José Euzébio e Demerval Lobão, medindo em cada frente 60 (metros) limitando-se ao Norte com a Senador José Euzébio, ao Sul com a Demerval Lobão, ao leste com o terreno de Antônio Andrade de Melo e Francisco das Chagas ao Oeste com a Rua Amazonas, desapropriado pelo decreto lei 6/2/63. O mesmo era de propriedade de Waldeck Bona e Otacílio Eulálio que não aceitaram a proposta de indenização da prefeitura e entraram na justiça, mas acabaram perdendo a causa para prefeitura e recebendo a indenização irrisória de Cr.\$ 2. 613. 000 Cruzeiros.

³ Campo Maior, Lei nº 628 de 27 de outubro de 1965. Autoriza o prefeito a fazer pagamento por desapropriação ao Senhor Otacílio Eulálio pelo terreno que compreende parte do quarteirão entre as ruas Senador José Euzébio e Demerval Lobão. A quantia recebida pelo dono do Terreno foi de Cr. \$ 2. 613. 600. Valor fixado pelo Juiz de Direito da Comarca de Barras em sentença de 8/09/1965; Campo Maior, decreto nº 46 de 26 de fevereiro de 1969. Declara de utilidade pública e faz desapropriações diversas, de imóveis marginais da rodovia Teresina- Fortaleza, nas zonas urbanas e suburbanas desta cidade, no trecho compreendido no bairro Lourdes, zonas urbanas e suburbana desta cidade, até o ponto em que encontra a avenida que contorna o açude grande desta cidade, na proporção das necessidades públicas, para fim de ser alargada a avenida que se liga a estrada mencionada, na sua saída para Teresina.

⁴ BLOCH, Marc. **Introdução à História**: edição revista, aumentada e criticada por Étienne Bloch: Publicações Europa-América, LTDA, 1997.

O corte mais exato não é forçosamente o que recorre a unidade de tempo mais pequena - caso em que conviria preferir não somente o ano à década, mas também o segundo dia, mas sim a que se adapta melhor à natureza das coisas [...] às transformações da estrutura social, da economia, das crenças, do comportamento mental, não podem, sem deformação, dobrar-se a uma cronometragem excessivamente apertada.⁵

O recorte de 1930 -1970 justifica-se por entender que as reformas mais significativas no sentido de embelezar a cidade ocorreram nesse período, ou seja, no início de 1930 houve a chegada da energia elétrica, reforma da Praça Rui Barbosa, calçamentos de várias ruas, construção do Cineteatro Glória, as mesmas foram proporcionadas pela valorização da cera de carnaúba no mercado interno e externo e seguiram durante a década de 1940 em função da segunda Guerra Mundial, pois ampliaram-se novas perspectivas de exportação da cera que passou a produzir um componente bélico, o ácido pícrico, de alto poder explosivo”⁶. Mas somente no final de 1950 o poder público municipal pôde fornecer água encanada à população, e nesse período havia uma discussão sobre a construção da ferrovia que traria o desenvolvimento para cidade com a passagem da linha de ferro.

Já no Final de 1960 e início de 1970 percebo que Campo Maior passou por uma fase de “renovação” através da edificação de novos prédios com características mais modernas, também houve a preocupação do poder público em definir a área urbana e suburbana⁷, mostrando o interesse da prefeitura em delimitar bem o espaço citadino e fazer uma separação clara entre zona urbana e rural. Também houve a demolição do “antigo mercado público”, e construção de um “novo” com “instalações modernas” dentro dos padrões de higiene defendidos pela saúde pública da época.⁸ Com a construção do novo mercado, a Avenida Demerval Lobão tornou-se o principal ponto de comércio da cidade, antes era praticamente deserta, também foi construído o terminal rodoviário Zezé Paz que era enfatizado pelo poder público do município como um dos mais modernos e amplos do estado⁹, foi erigido no lugar do antigo mercado na praça Luiz Miranda, o Palácio das Carnaúbas, um novo prédio onde enfatizou-se a Carnaúba, um dos símbolos da riqueza da cidade, também foi erigido o moderno Monumento aos Heróis do Jenipapo, com arquitetura imponente, homenagem aos brasileiros que morreram na Batalha do Jenipapo, ocorrida no dia 13 de março de 1823 para garantir a

⁵ BLOCH, 1997, p. 187.

⁶ QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo**. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2006.

⁷ Lei nº 400 de 13 de agosto de 1959. Que trata da modificação da Zona Urbana e suburbana da cidade. Campo Maior, 13 de agosto de 1959.

⁸ MIRANDA, José. A demolição. **A Luta**. Campo Maior, 21, de outubro de 1972.

⁹DIAS, Carlos. Estação Rodoviária. **A Luta**. Campo Maior-PI, 12 de agosto de 1973.

integridade e liberdade do território que estava sendo ameaçado pela corte Portuguesa que queria manter o domínio sobre a região do País.¹⁰

Essas obras foram construídas no governo dos militares, e nos discursos do poder público municipal e do jornal *A Luta*¹¹ eram apresentadas com muito otimismo em relação ao futuro e progresso de Campo Maior, no entanto, as ações em torno do desenvolvimento da cidade, provocavam reações que aconteciam, mesmo que de forma silenciosa, pois eram percebidas pelos poetas, cronistas e memorialistas que reagiam a essas modificações com um olhar saudosista para as coisas simples que aconteciam no cotidiano como nos passeios das praças Bona Primo e Rui Barbosa, das festas no Campo Maior Clube, no Centro Operário, as tertúlias realizadas nas festas de famílias, as tradições antigas ligadas a religião cristã e assuntos envolvendo as figuras populares que perambulavam nas ruas da cidade, mostrando que a cidade do presente se apresentava de uma forma diferente daquela do passado.

Diante disso, procurei entender o processo de transformação urbana na cidade, partindo do seguinte problema: De que forma o município orientou os processos de intervenções espaciais realizadas em Campo Maior no período compreendido entre 1930 e 1970? Além disso, busquei atingir os seguintes objetivos: Analisar o processo de modernização de Campo Maior a partir da chegada de alguns símbolos modernos; destacar os fatores que possibilitaram essa modernização na cidade; e entender como o poder público justificava as intervenções urbanas com o intuito de modernizar e trazer o progresso para Campo Maior¹². O suporte teórico da pesquisa está composto por vários autores, entre eles se destacam: Marshall Berman¹³, Jacques Le Goff,¹⁴ Antônio Paulo Rezende¹⁵, Nicolau Sevcenko¹⁶, Francisco Alcides do Nascimento¹⁷,

¹⁰ Sobre a batalha do jenipapo existe uma vasta Historiografia dentre as quais destacam-se os clássicos: BRANDÃO, W. A. **História da independência no Piauí**. Teresina: FUNDAPI, 2006; CHAVES, M.J. **O Piauí nas lutas pela Independência do Brasil**. Teresina: Alínea publicações editora, 2005. NUNES, O. **Pesquisa para a história do Piauí: A independência do Brasil especialmente no Piauí: Manifestações republicanas: A ordem**. Teresina. FUDAPI: FMC, 2007. 2.v.

¹¹ Jornal *A Luta*, arquivo particular de Assis Lima.

¹² O termo progresso era destacado no jornal *A Luta*, 1969 no sentido de desenvolvimento como se a cidade estivesse seguindo numa linha evolutiva, melhorando em relação ao passado, ou em relação as gestões anteriores. Mas na minha concepção era mais uma forma dos governantes locais quererem mostrar que estavam fazendo um bom trabalho frente a gestão do município, ou seja, era apenas um meio de fazer média junto a população.

¹³ BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**: aventura na modernidade. São Paulo: Schwarcz Ltda, 1989.

¹⁴ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

¹⁵ REZENDE, Antônio Paulo. **(Des) encantos modernos**: histórias da cidade do Recife na década de 20. Recife: FUNDARPE, 1997.

¹⁶ SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

¹⁷ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: Modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). 2.ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

que ajudarão a compreender o sentido de modernização e como essa expressão pode ser relacionado às transformações urbanísticas de Campo Maior.

Os autores que deram suporte para compreender o papel da memória na representação do passado são: Maurice Halbwachs¹⁸, Pierre Nora¹⁹, Ecléa Bosi²⁰, o primeiro trabalha com o conceito de memória coletiva, e afirma que a memória individual faz um diálogo com a memória coletiva, sendo que muitas experiências que temos de nós mesmo se referem ao grupo do qual fazemos parte. Por outro lado, Pierre Nora²¹ aborda sobre a importância dos lugares de memórias que têm um sentido concreto, funcional e simbólico; os lugares de memória surgem da necessidade que há de criar arquivos, celebrar datas, festas e ritos porque essas ações não são naturais.

Além disso, foram realizadas entrevistas com o apoio da metodologia da História Oral com o objetivo de analisar as lembranças trazidas pela memória dos entrevistados, posto que as memórias dos sujeitos estão impregnadas de representações da realidade²², onde a memória dos mais velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado²³. De acordo com Pesavento,²⁴ a realidade é apresentada através da cultura “que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já há um significado e uma apreciação valorativa²⁵. Nesse sentido, cabe ao pesquisador analisar os significados e sentidos presentes nos relatos orais.

Ressalta-se que não se pretende tratar esses relatos como fonte absoluta de verdade sobre o passado, mas objetiva-se trazer para o âmbito da história fatos e assuntos, que muitas vezes não percebemos nos documentos oficiais, pois é necessário mostrar os sujeitos que geralmente não aparecem nos discursos oficiais, haja vista que “a memória só existe ao lado do

Nascimento, 2015, Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH, vol. 27, nº 53, p.195-214, jun. 2007.

¹⁸ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

¹⁹ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

²⁰ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

²¹ NORA, 1993.

²² Para Carlo Guinsburg, nas ciências humanas fala-se muito em representação devido a ambiguidade do termo, mas “por um lado a “representação” faz as vezes da realidade representada, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença. ” Para o autor isso se constitui no aborrecido jogo de espelho que ele não se detém, “a imagem é ao mesmo tempo presença e sucedâneo de algo que não existe mais”. (GINSBURG, 2001, p.85.)

²³ BOSI, 2003. p.15.

²⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história Cultural**. 2. Ed. Belo horizonte: Autêntica, 2008.

²⁵ *Idem*, 2008, p.15.

esquecimento, um complementa e alimenta o outro, um é fundo sobre o qual o outro se inscreve”²⁶. Além disso, esses relatos memorialísticos descrevem os lugares associados aos seus respectivos proprietários e como cada comércio, restaurante, clubes etc. foram conferidos de significados e importância para os autores que se debruçaram a recordar sobre a cidade de suas juventudes e com o tempo foram sendo modificados, mas ainda permanecem na memória desses sujeitos, isso se aplica a afirmação de Márcio Seligman Silva (2003) no que diz respeito a memória topográfica dos lugares:

A memória topográfica é também antes de mais nada uma memória imagética: na arte da memória conectam-se as ideias que devem ser lembradas a imagem e, por sua vez, essas imagens a locais bem conhecidos. Aquele que se recorda deve poder percorrer essas paisagens mnemônicas descortinadas as ideias por detrás das imagens.²⁷

Compreende que não é objetivo tratar a memória como algo capaz de nos dar uma representação do passado tal como ele ocorreu, haja vista “que não existe a possibilidade de uma tradução total do passado, esse era justamente o credo central do historicismo e do positivismo[...] não existe tradução sem o trabalho da imaginação”²⁸.

Nesse sentido, a metodologia da História Oral deu suporte à pesquisa, através da realização e análise de entrevistas feitas com sete pessoas, cujo objetivo foi perceber como os entrevistados representam as transformações urbanas na cidade, tentando compreender os significados dessas mudanças para os seguintes sujeitos: José Airton Mendes Silva (Autônomo, atualmente aposentado), Manuel G. de Holanda (Servidor público Federal, aposentou-se na Sucam), João Alves Filho (presidente da Academia de Letras de Campo Maior, e funcionário aposentado do polícia Rodoviária Federal), Raimundo Cardoso B. Silva (Professor municipal de Campo Maior), Raimunda Fonteneles (Doméstica, aposentada), Maria dos Remédios Sousa Santos (Doméstica, aposentada), João da Cunha Lima (Marchante, trabalhou no Fripisa, onde aposentou-se). O critério de escolha dos entrevistados levou em consideração a idade desses sujeitos que vivenciaram o cotidiano de transformações da cidade no período analisado. Dessa forma, a memória com todas as prerrogativas surge como uma fonte para a escrita historiográfica pois:

Existem uma gama de memórias, recordações, fatos e acontecimentos que podem vir ou não a ser objeto do historiador, esse age conforme o lugar, tempo

²⁶ SILVA, Márcio Seligmann. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SILVA, Márcio. Seligmann (Org.). **História, Memória e Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003. p.53.

²⁷ *Idem*, p. 56.

²⁸ *Idem*, p.64.

e o espaço que ocupa, nem tudo pode ser arquivado, documentado, o trabalho da escrita historiográfica consiste em narrar as ações, vivências e experiências dos sujeitos no tempo operando sobre processos de rememoração e esquecimento.²⁹

Eis o motivo de trabalhar com as fontes orais, pois a memória dos sujeitos entrevistados, nessa pesquisa se constituem como um cabedal rico em informações, onde as lembranças dos sujeitos nos dão acesso a informações que fazem parte de suas histórias de vida e nos permitem perceber as subjetividades deles diante das transformações ocorridas na cidade, e como elas afetaram a vida dos mesmos. Para Lucília Delgado³⁰ a História Oral traz em si um duplo ensinamento, por tratar tanto da época enfocada pelo depoimento do entrevistado, o passado e do momento em que o documento foi produzido, assim “o tempo presente trata-se de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades”³¹.

Utilizei fontes oficiais como: decretos-leis, projetos-leis e códigos de posturas encontrados no arquivo público de Campo Maior, localizadas no Terminal Rodoviário Zezé Paz, no segundo andar, também foram analisados os arquivos da câmara municipal, localizados no prédio da instituição, próximo a Igreja Santo Antônio sendo que os utilizei não como uma forma de confrontar com relatos orais e nem como fontes de verdades absolutas, pois compreende-se que até mesmo as fontes oficiais estão impregnadas de subjetividades e por isso também necessita da interferência do pesquisador, sendo que essas fontes, só nos dão respostas quando sabemos fazer a perguntas corretas a elas, assim esses projetos e decretos leis foram utilizados como uma maneira de verificar as principais obras que foram construídas pela prefeitura no recorte temporal em questão para compreender quais eram as justificativas do poder público municipal para empreender as reformas urbanas em Campo Maior.

Também serviram de apoio, relatos memorialísticos, espécies de autobiografias de Campo-maiorenses, pois percebo que através de suas memórias é possível compreender como esses cidadãos representam as mudanças e entender como eles foram afetados pela modernização da cidade. Entre as obras dos memorialistas estão as seguintes: Memórias da adolescência (2014a), Memórias de Campo Maior (2014) e Solar dos Furtados em Campo Maior-PI: Fragmentos históricos, fotos, fatos e causos de autoria de Francisco da Silva Cardoso;

²⁹ CATROGRADA, CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo: memória e o fim do fim da história**. Biblioteca nacional de Portugal, 1945, pp.45-46.

³⁰ DELGADO, L. A. N. **História oral-memória, tempo, identidades**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

³¹ *Idem*, 2010, p.16.

Estrelas no Chão: memórias (1997) de Joaquim Pereira de Oliveira; Raízes de Pedra (2006) de Marcos Vasconcelos.

Essas fontes são de grande valia para pesquisa posto que se constituem como escritas autobiográficas, poesias e versos que relacionam a vida, lembranças e momentos de sociabilidade dos autores, além de entender como esses autores, poetas viam, percebiam e sentiam a cidade. Pois a literatura é como uma fonte que possibilita abordar o “social e cotidiano e o imaginário, ou seja, traz para o âmbito da história dimensões que permaneciam invisíveis.”³²

Foram usados os seguintes jornais: Jornal A Luta, do período de 1969 a 1973, arquivo particular do Professor Francisco de Assis Lima; Jornal O Comércio de 1958 a 1960; Jornal do Piauí de 1959 a 1961 que estão disponíveis para consulta na biblioteca Marion Saraiva. Nessas fontes é possível perceber o entusiasmo dos editores e seus produtores em relação aos símbolos do progresso que chegavam a cidade de Campo Maior, possibilitando transformações no espaço urbano e inserindo-a no contexto de mudanças do Piauí e do Brasil, entre as principais obras que eram citadas nos jornais estão as que se referem à construção da malha ferroviária, construção do terminal rodoviário Zezé Paz, construção do novo mercado público, e questões relacionadas à construção de várias obras e pavimentação de ruas e avenidas.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, “A extração da Cera de Carnaúba e o processo de modernização de Campo Maior”, faço uma análise da relação entre a valorização da cera de carnaúba no mercado interno e, principalmente, no mercado internacional e as intervenções realizadas no tecido urbano de Campo Maior que se caracterizaram pela chegada da energia elétrica, calçamento de ruas, edificações de novas casas principalmente dos novos grupos enriquecidos com a valorização da cera, comerciantes, arrendatários de carnaubais e fazendeiros. Essas mudanças, advieram não só por influência da economia da cera de carnaúba, mas também foram impulsionadas por acontecimentos políticos tais como a “Revolução de 1930” e o golpe de estado perpetrado no país em 1937 e que durou até 1945. Sendo que em Campo Maior, o prefeito Francisco Alves Cavalcante, seguia as linhas de pensamento político ideológico do novo governo que se caracterizou pela centralização e autoritarismo do poder executivo.

No segundo Capítulo, “A cidade da memória: reformas urbanas em Campo Maior” procurei analisar o crescimento populacional da cidade, os fatores que possibilitaram esse

³² QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Do Singular ao Plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006. p. 84.

crescimento, mas o objetivo principal foi entender como ocorreram algumas intervenções no tecido urbano através de alguns atos propostos pelo poder público municipal como: a demolição do mercado velho, e a construção de um novo, também foram analisados o processo de construção de algumas obras como o Terminal Rodoviário Zezé Paz (1973), a inauguração de novas instalações do Fripisa (1967), e do Monumento aos Heróis do Jenipapo (1973), bem como a Prefeitura Municipal, o Palácio das Carnaúbas (1973), percebe-se que essas obras foram construídas durante o regime militar. Apesar de muitas residências e terrenos terem sido desapropriados, para dar prosseguimento aos projetos da prefeitura e construção de novas obras, não houve reação da população, a não ser após o acontecido, mas apenas no âmbito de críticas poéticas e pela nostalgia em relação a cidade que já se apresentava com um novo aspecto. Acredita-se que essas obras foram bastante significativas e eram vistas com muito entusiasmo pelos meios de comunicação e pelas autoridades locais, mostrando o desejo de seus governantes em tornar a cidade um espaço mais moderno, limpo e civilizado, haja vista que paralela a essas obras, existiam a preocupação de calçar as ruas e sanear a cidade para mostrá-la com um aspecto mais civilizado aos seus habitantes.

No terceiro capítulo, “Vivências e experiências no processo de modernização de Campo Maior”, analiso como ocorreram algumas melhorias urbanas através do embelezamento das praças Rui Barbosa e Bona Primo, que na época era um dos espaços públicos bastante frequentados pela população, cujo objetivo foi compreender como esses espaços eram apropriados pela população e como foram significados pela mesma, além disso analiso outras formas de lazer que aconteciam nos clubes sociais, como o Campo Maior Clube e o Centro Operário, além das festas de carnaval; a chegada do cinema, com o objetivo de compreender como essa forma de lazer moderno era apropriada pela população. Analisei ainda a modernização dos meios de transporte em Campo Maior com presença de automóveis e a passagem da linha férrea que trouxeram várias melhorias urbanas para a cidade. Constatou-se que a presença desses elementos dava suporte para os discursos progressistas propagados pelo poder público que associavam a presença de tais símbolos ao desenvolvimento da cidade.

Portanto, o trabalho analisa o processo de transformação urbana em Campo Maior, tendo como norte e limitações as fontes avaliadas, acredita-se que esse trabalho abre um leque de possibilidades para compreender a modernização da cidade e como seus habitantes representaram as principais mudanças na urbe, demonstrando que o papel da história não é

reproduzir uma imagem do passado tal como ele ocorreu, mas nos ajudar a compreendê-lo sobre a luz das perguntas que fazemos.³³

³³ PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História e História Cultural**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

1 A EXTRAÇÃO DA CERA DE CARNAÚBA E O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DE CAMPO MAIOR

O objetivo desse capítulo é mostrar como o extrativismo da cera de carnaúba contribuiu no processo de transformações urbanas em Campo Maior. Nesse sentido, será feito um diálogo com autores que abordam sobre a economia piauiense, dentre os quais se destacam Teresinha Queiroz³⁴ e Raimundo N. Monteiro de Santana³⁵, os autores ajudaram a compreender o contexto econômico do Piauí e como o extrativismo vegetal da Borracha da Maniçoba e a Cera de Carnaúba fortaleceram e integraram o Piauí nas linhas do comércio internacional.

Conforme, Teresinha Queiroz,³⁶ já no início do século XX, o Piauí passou a integrar-se ao mercado internacional com o advento do extrativismo, tendo em vista que “ao longo de cinco décadas, a dinâmica da economia foi dada pelas exportações de produtos extrativos — borracha de maniçoba, cera de carnaúba e babaçu”³⁷. Essas atividades superaram a função até então exercida pela pecuária. “com a expressiva valorização da borracha, em virtude do crescimento da demanda das indústrias automobilística e elétrica, no final do século XIX, os reflexos de tal crescimento repercutiram no Piauí, a produção da cera de carnaúba e o látex da borracha de maniçoba ocorria não só nas regiões semiáridas, mas em todo o estado.”³⁸ Teresinha Queiroz³⁹ argumenta que “na década de 40, no auge das exportações, as receitas públicas chegaram a ser compostas, em cerca de 70% dos impostos cobrados sobre a cera”⁴⁰. Isso também repercutiu em Campo Maior, que é uma região onde existe uma quantidade expressiva de carnaubeira (*Copernicia prunifera*) fato que gerou a Campo Maior o título de “Terra dos carnaubais”.

De acordo com Felipe Mendes,⁴¹ em meados do século XIX até 1950, a economia Piauiense procurou se estruturar tendo como eixo o rio Parnaíba, que foi possível graças à transferência da capital para Teresina em 1852 com investimentos de comerciantes locais na navegação a vapor em 1859. “Esses foram os principais fatores para o início de um processo de

³⁴ QUEIROZ, Teresinha. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo**. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2006.

³⁵ SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense**. 2. Ed. Academia de letras- convênio Banco do Nordeste: Teresina, 2001.

³⁶ QUEIROZ, 2006.

³⁷ *Idem*, 2006, p. 31.

³⁸ *Idem*, 2006, p.33.

³⁹ *Idem*, 2006.

⁴⁰ *Idem*, 2006, p.36.

⁴¹ MENDES, Felipe. Formação econômica. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org.) **Piauí: Formação- desenvolvimento- Perspectivas**. Teresina, Halley, 1995.

desenvolvimento, com participação ativa no comércio internacional, que demandava os produtos derivados do extrativismo vegetal no Piauí.”⁴²

A economia piauiense, até meados do século XVIII ainda dependia muito da receita proveniente da pecuária, não havia investimentos e incentivo à agricultura que afinal era de subsistência, já no final do século XIX e início do século XX ocorrera um esforço dos comerciantes locais e do poder público para integrar o estado nas linhas do comércio internacional através do extrativismo vegetal representado pela produção e exportação da borracha de maniçoba e da cera de Carnaúba que durante o bom período, principalmente, no entre guerras sustentou a economia do Piauí.

A economia extrativista sempre teve um caráter extremamente cíclico e submetido às injunções do mercado externo. Além disso, o estado concentrava sua atenção exclusivamente na produção de um único produto, e como se não bastasse, faltava investimentos em técnicas modernas de aproveitamento e produção desses produtos. Isso acabava deixando a economia à mercê das variações econômicas de tal produto, além disso, interferia nos projetos de desenvolvimento, perspectivas e progresso no estado.⁴³

Após o declínio do gado que foi responsável não só pela expansão e povoamento do Piauí nos seus primórdios,⁴⁴ mas também compunha a receita do estado, houve incentivo à produção do algodão. Por outro lado, com a descoberta da borracha da maniçoba ocorreu um aumento na receita do estado possibilitando o governador Arlindo Nogueira, iniciar os serviços de água e luz elétrica em Teresina.⁴⁵

A Carnaubeira⁴⁶, que recebeu a denominação de “Árvore da Vida” pelo botânico Humboldt, posto que da árvore tudo se aproveita: caule, folhas, raízes, frutos, caroços. Por determinado período era aproveitada apenas como item doméstico e artesanal pelos habitantes locais, pois era utilizada na construção de currais, de casas, ou na fabricação de velas, esteiras etc.⁴⁷ Porém com a descoberta da utilidade da cera na indústria pelo inglês James Frederique

⁴² *Idem*, 1995, pp.68-69.

⁴³ QUEIROZ, 2006.

⁴⁴ Desde o período colonial, havia sido criado solto e sem técnicas de melhoramento dos rebanhos, bem como as condições duras da seca na região, que originou uma raça típica dos sertões o “gado pé duro”. MENDES, Felipe In: SANTANA Raimundo Nonato Monteiro de (Org.) Piauí: Formação- desenvolvimento- Perspectivas. Teresina, Halley, 1995.

⁴⁵ SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Evolução Histórica da Economia Piauiense e outros estudos**. Teresina: EDUFPI, 2008.

⁴⁶ De acordo com Cardoso (2014) a carnaubeira “copernicia cerifera” é uma árvore generosa e fecunda, é muito propalada e tem grande apreço pelo Campo-maiorenses. Também foi referenciada pelo Governador da Capitânia quando veio pessoalmente dar a nova denominação da Vila de Campo Maior, em virtude “dos belos e extensos campo de mimosos que possui “ornados carnaubais”.

⁴⁷ *Idem*, 2008.

Clark, que mandava, daqui do estado, amostra de cera para laboratórios de pesquisas na Inglaterra (Liverpool, Londres, e Manchester) e insistia na investigação desse produto, até que descobriram e assinalaram a grande utilidade da cera. “Em 1981 era remetido o primeiro carregamento de cera para a Europa, para USA e Japão.”⁴⁸

A cera de carnaúba ocupou o segundo lugar na pauta de exportação do estado, em 1911. E a partir de 1920 houve um crescimento da exportação da cera brasileira e “entre 1932 e 1936, por exemplo, o preço da tonelada de cera passou de Cr\$ 2, 690,30 para Cr\$ 8. 067,20 o que representou acréscimo de mais de 200%”⁴⁹. Essa valorização repercutiu na receita do estado que possibilitou um progresso de várias cidades onde havia uma maior existência e exploração da cera de carnaúba.⁵⁰

Dentre as atividades extrativas desenvolvidas no Piauí, está foi a que provocou efeitos mais significativos sobre a estrutura econômica-social. As modificações apenas esboçadas na região da borracha ganharam toda sua expressão nas áreas em que houve predomínio da cera de carnaúba.⁵¹

A Carnaubeira presente em Campo Maior, como em outras regiões do estado, também considerada como símbolo da vida, uma vez que de tudo se aproveita, era bastante utilizada na construção de currais, na construção de casas, e de produtos artesanais como a vassoura de palha, chapéus, esteiras etc. Desse modo, percebe-se que houve “impacto na economia piauiense que resultou em mudanças não só no plano econômico, como também no social e demográfico.”⁵²

Essas transformações na economia piauiense ressoaram de forma intensa em Campo Maior, território composto de imensas faixas de terras de carnaubais. A cera de carnaúba inseriu a cidade na dinâmica que ocorria no estado no início do século XX e vindo a ter maior valorização no período entre guerras:

Durante aquele conflito, os gêneros de exportação, a partir de 1916, viram subir seus preços. A cera também foi favorecida. Em 1918, alcançou Cr\$ 60. \$000 por arroba [...] com a segunda grande conflagração as cotações atingiram altas. Contudo, não chegou a Cr\$ 400,00 por causa dos chamados acordos de “Washington,” que fixaram, como medida de cooperação, os preços máximos da cera e do dólar [...].⁵³

⁴⁸ Aqui no Brasil é usada na fabricação de velas, isolantes, impermeabilizações de papel e papelão, cera para assoalhos e polidores, vernizes etc. (CARDOSO, 2014, p.69.)

⁴⁹ QUEIROZ, 2006, p. 41.

⁵⁰ *Idem*, 2006, p. 41.

⁵¹ *Idem*, 2006, p.43.

⁵² *Idem*, 2006, p. 44.

⁵³ SANTANA, 2001, p.99.

Apesar de suas oscilações no mercado de exportação a cera de carnaúba provocou grandes modificações sociais e econômicas, aumentando a circulação monetária e integrando o Piauí as linhas do comércio nacional e internacional. Para Teresinha Queiroz⁵⁴ essas transformações, não se limitaram apenas ao plano econômico, pois no plano social provocou o surgimento de novos grupos sociais detentores de poder e riqueza que advinham da comercialização da cera:

A valorização súbita e crescente das terras com carnaubais provocou mudanças que resultaram na emergência de novos grupos sociais, formados principalmente por possuidores de carnaubais, antes sem valor econômico e intermediários na comercialização. O padrão de riqueza modificou-se e, ao lado dos fazendeiros surgiram os novos ricos dos carnaubais.⁵⁵

Essas modificações econômicas e sociais advindas da comercialização da cera no estado, também trouxeram muitas melhorias urbanas para Campo Maior que tiveram início a partir de 1930 associadas as transformações que ocorriam no Brasil e no mundo que iam chegando aos poucos na pequena cidade que em muitos de seus aspectos predominava traços e características ruralista, haja vista que a política era dominada pelas elites locais, ricos fazendeiros e coronéis que interferiam na administração da cidade.

De acordo com o historiador Francisco Alcides do Nascimento⁵⁶ as transformações políticas sociais instauradas pelo Estado Novo no Brasil em 1937, ainda tiveram início com a “Revolução de 1930”. No Piauí, Landri Sales foi designado para ser interventor no governo agindo dentro dos moldes políticos de Getúlio Vargas, apesar da oposição e críticas ao seu governo, Landri Sales agia com forte repressão e autoritarismo.

Para Francisco Alcides do Nascimento,⁵⁷ as tensões por quais passava a sociedade brasileira naquele período não chegou em Teresina com a mesma intensidade que se dava nas grandes cidades pois:

Em Teresina, cujos recursos econômicos se originavam essencialmente da atividade comercial e do funcionalismo público. A vida política não apresentava sinais de tensão entre a elite política de um lado e os burocratas e comerciantes de outro, sendo muito ocasionais as mobilizações sociais nascidas entre os trabalhadores.⁵⁸

⁵⁴ QUEIROZ, 2006.

⁵⁵ *Idem*, 2006. p.45.

⁵⁶ NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: Modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. 2.ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

⁵⁷ *Idem*, 2015.

⁵⁸ *Idem*, 2015, p. 40.

De acordo com Antônio Paulo Rezende⁵⁹ (1997), é necessário refletir sobre como a cidade pode ser pensada além da industrialização e desenvolvimento tecnológico, haja vista que “O espaço físico da modernização, sua concretude acelera a modernidade, alarga sentimentos ditos progressistas. Na verdade, é a ideia de progresso que enfeitiça os homens, fazendo com que vejam na cidade seu lugar privilegiado”⁶⁰. Em Campo Maior, algumas reformas urbanas de maior envergadura se deram de forma lenta, por iniciativa do poder público municipal, pelo impulso da prosperidade da economia do estado e do município ou através de verbas federais.

As reformas urbanas que aconteceram em Campo Maior no sentido de embelezá-la ocorreram no período compreendido entre 1930 e 1945, no auge da economia da cera, depois teve uma certa estagnação em termos de melhorias e investimentos de maior envergadura na cidade. A estagnação referida ocorreu por ocasião do “declínio” da exportação da cera de carnaúba. Após a Segunda Guerra Mundial, houve uma desvalorização dos preços e diminuição das exportações. Nesse sentido o estado que ficou dependente quase exclusivamente desse produto sofreu forte impacto.

De acordo com Raimundo Nonato Monteiro de Santana,⁶¹ em 1950, o estado do Piauí enfrentava dificuldades financeiras e apresentava-se como um dos mais pobres do país em termos de distribuição de renda, “em toda área não conta um só centro capaz de dinamizar a economia. Ao longo de toda a história econômica do estado, os progressos ocasionais quando se deram, decorreram de fatores exógenos”.⁶² O que não quer dizer que no intervalo de 1945 a 1970 não tenha acontecido intervenções urbanas, pois a cidade é construída e reconstruída diariamente, está sempre em movimento; “a cidade não cessa de ser reconstruída, cria-se uma obsessão. A imagem que se tem dela passa a ser modificada constantemente, a dialética entre o novo e o velho ganha dimensões incríveis”.⁶³ As reformas urbanas ocorridas na década de 60 e 70 a que nos reportamos são: a construção do Terminal Rodoviário Zezé Paz, o “Novo mercado” público, a construção do Palácio das Carnaúbas, sede da prefeitura e o monumento aos Heróis do Jenipapo que trataremos nos capítulos seguintes.

⁵⁹ REZENDE, Antônio Paulo. **(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de 20**. Recife: FUNDARPE, 1997.

⁶⁰ *Idem*, 1997, p.25.

⁶¹ SANTANA, 2008.

⁶² *Idem*, 2008, p. 91.

⁶³ *Idem*, 1997, p.24.

1.1 Tensões políticas e mudanças na cidade

No período de 1930, no âmbito municipal, o indicado para governar o município de Campo Maior foi o prefeito Francisco Alves Cavalcante⁶⁴. A administração desse prefeito foi marcada por acirramentos políticos entre o administrador e seus opositores⁶⁵ que eram contra as suas atitudes autoritárias e que iam contra seus interesses, dentre algumas reformas urbanas iniciadas em sua administração. Heitor Castelo Branco Filho⁶⁶ lembra algumas delas: ⁶⁷

Iniciou o calçamento poliédrico da cidade, construiu quatro poços à margem do açude para colheita de água para a população, melhorou a parede do açude, construiu o mercado público, edificou o grupo escolar Valdivino Tito, além de ter melhorado a ponte sobre o Rio Surubim, na direção da cidade de Barras.⁶⁸

O prefeito Francisco Alves Cavalcante, editou vários decretos leis a partir de sua posse e manifestou total apoio ao golpe de 30. Por meio do decreto nº 1 de 05 /10/1930 mudou o nome da Praça Marechal Pires Ferreira para João Pessoa⁶⁹, em homenagem ao vice-presidente

⁶⁴ De acordo com Reginaldo Gonçalves Lima (1995, p. 139) em 1931, ao ser comemorado o primeiro ano da Revolução, sendo Interventor Federal do Piauí o Tem. Landri Sales Gonçalves e em Campo Maior, o Cel. Francisco Alves Cavalcante, foi formado o conselho consultivo Municipal e tomaram posse como conselheiros municipais: Antônio de Andrade, secretário do conselho por cinco anos; Antônio Cícero Correia Lima, Leopoldo Pacheco, e, como representantes do comércio, os contribuintes José Paulino de Miranda e Agenor Melo.

⁶⁵ Os principais opositores políticos de Francisco Alves Cavalcante eram ex-prefeito e senador Sigefredo Pacheco e alguns membros de sua família, como seus irmãos Cláudio Pacheco e Ivon Pacheco, além de amigos como o coronel Clemente Pires, o Coronel Ovídio Bona. Heitor Gil (2011) em sua obra “Paz e guerra na terra dos carnaubais” mostra como o clima era tenso nas eleições de 1935 onde o Candidato apoiado por Francisco Alves, o dentista Antônio Correia Lima foi derrotado com 42,923% contra 57,077% de Sigefredo Pacheco. De acordo com Heitor Gil (2011) O clima era tenso em decorrência de possíveis fraudes no processo eleitoral, além disso, naquele tempo usava-se não só de influência política, mas da violência física através da “contratação de meganhas” ou capangas como forma de enfretamento e combate político.

⁶⁶ CASTELO BRANCO FILHO, Heitor. **Paz e guerra na terra dos carnaubais**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 1992.

⁶⁷ Heitor Castelo Branco Filho nasceu em Teresina. Filho de Heitor Gil Castelo Branco e Emília Leite Castelo Branco. O autor se considera um apaixonado por Campo Maior, onde passou sua infância frequentando a fazenda do pai, até porque sempre se considerou campo-maiorense. É formado em engenharia civil. Ocupou vários cargos, estadual e federal: Diretor do DER-PI, Superintendente da estrada de Ferro central do Piauí, diretor regional do departamento Nacional de Portos e Vias Navegáveis, com jurisdição no Piauí, quando foi o grande incentivador da construção das eclusas da Barragem de Boa Esperança no Piauí Lutou pela construção do Porto Itaquí no Maranhão junto com José Sarney. É aposentado pelo Departamento Nacional e Obras Contra as Secas. No meio civil é empresário da construção civil, indústria, comércio e agropecuária. (CASTELO BRANCO FILHO, 2011, p.224)

⁶⁸ CASTELO BRANCO FILHO, Heitor. **Paz e guerra na terra dos carnaubais**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 1992, p. 201.

⁶⁹ João Pessoa, candidato a vice-presidente ao lado de Getúlio Vargas, a chapa saiu derrotada por Júlio Preste. Mas o vice a amigo de Getúlio foi assassinado por questões pessoais, mas esse assassinato ganhou uma conotação política, uma vez que foi o estopim para uma organização das lideranças políticas dos estados de Rio Grande do Sul, Minas e Paraíba, para tomar o poder pela força, a “Revolução de 30” foi constituída por forças de natureza diversas. Além disso, o sistema político já apresentava sinais de desequilíbrio, a título de exemplo temos o movimento tenentista, que vinham criando uma espécie de consciência de classe, além dos movimentos operários e das classes médias que criticavam a sistema político vigente que baseava-se as suas ações em torno da economia

assassinado antes do golpe. Nascimento⁷⁰ defende que durante o governo de Vargas havia certa preocupação com a construção de uma memória do Estado Novo. No Piauí o interventor Leônidas de Castro Melo colocou como prioridade a construção de um hospital grande e moderno e se preocupou em antecipar a obra para o dia 1º de outubro, data em que se comemorava aniversário do “novo governo”; o outro motivo “estava relacionado à construção da memória estado-novista: o nome do hospital, “Getúlio Vargas. Os amigos do interventor, mandaram construir um busto seu para homenageá-lo e o puseram na frente do hospital”.⁷¹

Pelo decreto nº 10 de 20/01/1932 que dispõe sobre arrendamento de terras do patrimônio municipal, usando os poderes do Decreto Estadual 1. 304 de 25-09- 1931, “fez anulações dos contratos de aforamento de terras do município, viciados e irregularmente feitos, bem como os aforamentos e outras ações do antigo conselho, pela câmara e intendências municipais anteriores onde havia vícios e falhas.”⁷²

Além das mudanças em denominações de ruas que faziam menções ao novo regime e com o objetivo de apagar a memória e qualquer coisa que fazia alusão a República Velha. Por volta de 1933, o prefeito Francisco Alves Cavalcante, tomou a iniciativa de constituir a formação do patrimônio municipal, desapropriando as terras com os caraubais que estavam compreendidos a partir da demarcação próxima à Igreja Matriz de Santo Antônio a um raio de 6 quilômetros. A documentação perscrutada aponta que o prefeito Francisco Alves Cavalcante vinha sofrendo, o que foi considerado por ele e seus aliados, como uma forte oposição dos coronéis e políticos locais.

Essa decisão do prefeito que já não era visto com bons olhos pelas elites locais, fazendeiros e proprietários de terras, foi recebida com grande descontentamento, gerando disputas e acirramentos políticos e demandas judiciais. No entanto, como já foi citado, havia

do Café, que aliás com a crise de 29, aflorava ainda mais os ânimos entre alguns líderes políticos que ressentiam-se com o tratamento especial que era dado as oligarquias de São Paulo. Além disso, esse movimento não significou uma modernização na própria política Brasileira, haja vista que após o movimento de 30 as regiões do centro-sul continuaram recebendo maior atenção do governo federal em detrimento de outras regiões mais “atrasadas” em seu desenvolvimento industrial e econômico. Além disso, a Revolução de 30 não significou “uma alteração das relações de produção na instância econômica, nem na substituição de uma classe ou fração de classe na instância política. Dito de outro modo, por Antônio Carlos “ Façamos a revolução antes que o povo a faça” revela que havia contradições no movimento, mas havia um ponto comum entre os alguns tenentes “elitista” que estavam a frente do comando do movimento, haja vista que a sua linha de pensamento se inseria na linha geral de pensamento das classes dominantes da época, esse ponto de convergência se refere ao fato que tanto os críticos da política imposta pelas oligarquias e os reformadores de direita “pretendiam por caminhos diversos, resolver a contradição entre os princípios da democracia burguesa, consagrados pela constituição de 1891 e a prática republicana, restringindo, ainda mais, a intervenção das classes populares no processo de escolha dos governantes” Manifesto da dissidência paulista apud FAUSTO, Boris, 1970, p.68.

⁷⁰ NASCIMENTO, 2015.

⁷¹ Idem, 2015, p.166.

⁷² LIMA, Reginaldo Gonçalves. **Geração Campo Maior**: anotações para uma enciclopédia: Campo Maior: [s/n], 1995, p.141.

uma forte coerência entre o governo federal, estadual e municipal, assim o Interventor Federal Cap. Landri Sales Gonçalves manifestou total apoio ao prefeito de Campo Maior onde podemos perceber através do agradecimento do conselho consultivo por meio de um telegrama:

Este conselho consultivo congratula-se com o Exmo. Sr. Interventor Federal Capitão Landri Sales Gonçalves pelo meritório despacho que S. Excia. Houve por bem exarar no recurso interposto por pseudo-proprietários de carnaubais do patrimônio no sentido de readquirirem a posse e exploração dos mesmos carnaubais, que a Revolução, em um dos mais belos feitos em Campo Maior, fez reverter ao seu legítimo proprietário o município. A reivindicação dessa fortuna arrancada insidiosamente do patrimônio, foi sempre uma das maiores e mais justas aspirações dessa terra, hoje satisfeita pela equânime decisão da Interventoria. O ato de verdadeira justiça do Ex. Interventor torna-o mais uma vez credor de nossas gratidões e apreço, impondo-nos o dever de consignar nesta ata o relevante serviço que vem de prestar ao município.⁷³

O documento foi assinado pelo prefeito Francisco Alves Cavalcante, e pelos membros de conselho consultivo. O teor do documento mostra o interesse da prefeitura em readquirir as terras com carnaubais, pois a cera nesse período já estava sendo um dos produtos de maior exportação do Piauí, sendo que fornecia uma vantajosa receita ao município e ao estado, essas terras com vastos carnaubais foram exploradas por posseiros e fazendeiros de forma ilegal uma vez que os mesmos não detinham a propriedade legítima da terra. Para Heitor Gil Castelo Branco Filho,⁷⁴ o prefeito Francisco Alves Cavalcante “tomou atitudes que exigiam muita coragem como essa de desapropriação das glebas de carnaubais que iam contra os interesses de ricos fazendeiros, posseiros e grandes proprietários de terras.”⁷⁵

O interesse sobre o domínio dos carnaubais, não aconteceu de uma hora para outra, e nem sem justificativas, pois foi durante esse período que o preço da cera parda teve uma maior valorização no mercado nacional e internacional, além disso, trouxe muita prosperidade econômica aos ricos comerciantes e fazendeiros da cidade, sendo que grande parte da receita provinha dessa atividade, uma vez que desde os seus primórdios a economia local era dependente da pecuária, atividade ainda predominante nas fazendas da região. No entanto, a constante valorização da cera fez com que as atenções do poder público municipal se voltassem para a exploração da atividade de extração da cera como percebe-se a seguir:

⁷³ Ata telegrafada pelo conselho consultivo municipal (Francisco Alves Cavalcante, Antônio Cícero Correia Lima, Miguel Furtado da Silva, José Paulino de Miranda, Augusto Rodrigues e Antônio Andrade) ao interventor Landri Sales, em 10 de abril de 1934 apud LIMA, 1995, p. 143.

⁷⁴ CASTELO BRANCO FILHO, 1992.

⁷⁵ *Idem*, 1992, p. 73.

Às 17 horas estalejou por todo o comércio foguetório cerrado. A cera de carnaúba dera significativos pulos nas cotações. Subira a pauta em mais de cem por cento. Muitos iriam ganhar rios de dinheiro. Comerciantes, exportadores, rendeiros e produtores. Todos estavam eufóricos. Sentia-se a alegria contagiante pairando no ar. Por isso quase se esgota o estoque de cerveja Teutônica na cidade. A cera- flor que estava à sete contos de réis por arroba de 15 quilos, passara para quase quinze contos! Muito dinheiro! Quase um conto de réis por quilo. Naquela época, um conto de réis era muito numerário. Era o vencimento do prefeito de Campo Maior, para termos uma ideia.⁷⁶

O período retratado se refere a 1934 quando, na época, Vicência Alves⁷⁷ ficou no comando da prefeitura da cidade indicada por seu irmão Francisco Alves Cavalcante que renunciou do cargo de prefeito para assumir o cargo de deputado. O trecho citado demonstra a grande empolgação dos produtores, comerciantes, rendeiros etc. com o aumento do preço da cera que traria grandes lucros e prosperidade não só para os envolvidos com o comércio da cera, mas também para a movimentação de outros setores, pois trouxe grandes contribuições através do aumento da arrecadação de tributos e assim a cidade começa a adquirir um novo aspecto através de melhorias urbanas. A carnaúba passa a ter um valor não só material, mas também passa a constituir-se como um dos símbolos indenitários da cidade devido à predominância dessa árvore na paisagem local, não só na zona rural como também no espaço urbano, uma vez que a cidade ganha a conotação de “terras dos carnaubais.”

Apesar de suas oscilações no mercado de exportação a Cera de Carnaúba provocou modificações sociais e econômicas, aumentando a circulação monetária e integrando o Piauí as linhas do comércio nacional e internacional. De acordo com Teresinha Queiroz⁷⁸ essas transformações, não se limitaram apenas ao plano econômico, pois no plano social provocou o surgimento de novos grupos sociais detentores de poder e riqueza. Essa emergência dos novos grupos sociais é perceptível pela memória da época. João Alves Filho, em sua obra “Campo Maior e o contraditório”,⁷⁹ demonstra como os ricos, coronéis e fazendeiros ostentavam toda sua opulência nos principais cabarés da cidade.

⁷⁶ CASTELO BRANCO FILHO, Heitor. Paz e guerra na terra dos carnaubais. Teresina: UFPI, 1992, p. 178.

⁷⁷ Vicência Alves, era professora foi a primeira prefeita do estado, foi indicada em 1934 para assumir a prefeitura de Campo Maior, devido a renúncia de Francisco Alves Cavalcante, irmão de Vicência que deixou o cargo de prefeito de Campo Maior para assumir o cargo de deputado estadual, de acordo com relatos da época, Vicência Alves fez uma ótima administração pois o orçamento apresentado para 1934 era CR\$ 170,000\$000 e as despesas prevista em RS 169, 635\$000, no entanto ela renunciou a em 1935,e Francisco Alves que matinha bastante influência política na cidade indicou um funcionário de sua confiança, José Martins Lustosa, que era caixeiro da loja Casa Alves., de propriedade de Francisco Alves.(LIMA, 2006, p.319.).

⁷⁸ QUEIROZ, 2006.

⁷⁹ ALVES FILHO, João. **Campo Maior e o contraditório**. Campo Maior [s/n], 2011.

Com os cabarés e os fatos históricos relevantes em torno da Praça Bona Primo, sede das portentosas famílias, instalaram-se os cabarés, a pouco mais de cinquenta metros da igreja Santo Antônio, numa extensão de 500 metros, com uma grande área prostibula, que tinha como referência o cabaré da Zabelona, à margem direita do Rio Surubim [...]. Durante o dia, atividades comerciais, à noite: prostituição, jogos e festas em sofisticadas boates, bares e restaurantes. [...] o luxo chegou a tanto nos cabarés de Campo Maior que na Rua Santo Antônio sob a liderança de “Vicentim”, o empresário da prostituição, mandavam os burgueses buscar jantar nos melhores restaurantes de Teresina, notadamente no “Palheta” no auge financeiro da cera e do boi. Com esse objetivo, até avião foi utilizado, o dinheiro em Campo Maior circulava solto.⁸⁰

Como percebe-se durante o auge da exportação da cera de Carnaúba existia uma vida bastante movimentada na cidade, principalmente no centro onde está localizada a igreja de Santo Antônio, que nesse período ao seu redor, concentrava-se casas comerciais, bares e restaurantes, bem como a zona de prostituição que ficava aproximadamente à cem metros de distância da igreja de Santo Antônio. Nesse mesmo período houve o auge da prostituição na cidade, muitas prostitutas migravam de outros estados como do Maranhão, Ceará, Pará e até do Sul do país para a pequena e próspera cidade⁸¹. Nesse período havia uma importância social desses prostíbulos que eram frequentados por ricos fazendeiros, comerciantes, caixeiros viajantes etc. Segundo João Alves,⁸² ali era feito grandes negócios como se percebe a seguir:

No mundo dos negócios a Rua Santo Antônio, servia também de gabinete nas grandes decisões comerciais. Gados, negócios com cera, tucuns, peles e até mesmo fazendas eram negociadas nos balcões dos bordéis, de modo particular, nas famosas boates da zona cósmica, onde estava a preferência dos empresários da cidade e da microrregião à busca de novidades amorosas.⁸³

Conforme Celso Chaves,⁸⁴ a economia de Campo Maior durante o período de 1930 a 1970 favoreceu os proprietários dos bordéis, haja vista que a rua Santo Antônio era um lugar de intensa movimentação comercial. E apesar de incomodar a igreja, religiosos e muitas famílias tradicionais, os cabarés permaneceram na Rua Santo Antônio quando veio a ter o seu declínio por motivo do enfraquecimento das exportações da cera e do gado, onde pouco a pouco o número de cabarés foram diminuindo e se afastando para outras regiões da cidade. Algumas mudanças continuaram a acontecer através da expansão da malha urbana. Dessa vez,

⁸⁰ ALVES FILHO, 2011, p. 19.

⁸¹ *Idem*, 2011.

⁸² *Idem*, p. 2011.

⁸³ *Idem*, 2011, p. 26.

⁸⁴ CHAVES, Celso Gonçalves. **Rua Santo Antônio**. 2 ed. Campo Maior-PI: EDUFPI, 2014.

impulsionada por receitas e investimentos do governo federal e estadual em suas propostas de cunho progressista.

Alguns espaços que eram bastante movimentados como as Praças Rui Barbosa e Bona Primo e Rua Santo Antônio foram colocadas em segundo plano e outras ruas mais largas foram destacadas e tiveram maior atenção do poder público, pois nessa fase iniciou-se um processo de expansão do comércio com bares, restaurantes, lojas etc. que situavam-se em torno da igreja Santo Antônio, ou seja, no lugar de onde surgiu a cidade e depois foi transferido para as avenidas Getúlio Vargas, atualmente Avenida José Paulino e para Demerval Lobão.

Assim como Georges-Eugène Haussmann, largamente conhecido apenas como Barão Haussmann – o "artista demolidor", foi prefeito do antigo departamento do Sena, entre 1853 e 1870 na França, construiu os grandes bulevares com o objetivo de modernizar Paris, em Campo Maior, houve a proposta de alargamento de ruas com o intuito de deixar a cidade mais organizada, saneada e limpa, haja vista que a estrutura das ruas que caracterizam o centro histórico da cidade era estreita havendo resistência de setores sociais para mantê-la da forma que estavam. Com o crescimento da cidade havia uma necessidade de expansão da malha urbana para além do sentido leste e sul da igreja.

O processo de modernização de Campo Maior ocorreu de forma lenta e diversa de outras cidades que se caracterizaram por um grande movimento migratório, fluxo populacional das indústrias e fábricas instalados nas grandes metrópoles como em Londres e Berlim, no continente europeu; São Paulo e Rio de Janeiro no Brasil. Londres já no século XIX passava por mudanças não só nos hábitos sociais, mas na configuração da cidade com o estabelecimento de instrumentos que visavam dar um aspecto belo e civilizado ao espaço urbano, através da instituição de códigos de condutas, maneiras de se comportar, se vestir, morar e cuidar do seu próprio corpo.

De acordo com Francisco Alcides do Nascimento⁸⁵ o processo de modernização de Teresina, no contexto sócio-político do governo Vargas foi acompanhado de forte autoritarismo, uma vez que com o intuito de deixar Teresina, mais moderna, limpa e bela, acabava empurrando as camadas sociais mais pobres para as periferias, as “pessoas em condições econômico-financeiras insuficientes para mudar a cobertura de suas residências para telha de cerâmica mantiveram a palha”. Para Nascimento, a maior parte da população brasileira está excluída do processo de moradia e isso se justifica por dois motivos:

⁸⁵ NASCIMENTO, 2015.

a) Uma profunda desigualdade na distribuição de renda gerada na economia; e b) o direito de habitar na cidade tem preço elevado graças as condições que regem a produção capitalista de moradias no Brasil. Essas condições provocam desequilíbrio entre a oferta e a procura de moradias, levando a alta dos preços dos imóveis, a ponto de torna-los bem proibitivos para certas camadas da população, que procuram construir terrenos não utilizados por razões topográficas ou geográficas, ou se estabelecem em áreas mais afastadas do centro.⁸⁶

Nesse sentido, as pessoas que tinham suas casas cobertas com palhas em Teresina sofriam com os constantes incêndios, acidentais ou provocados que queimavam grande parte das casas dos moradores pobres residentes no centro na cidade, sem um teto, esses sujeitos eram obrigados a morar na periferia da cidade sem quaisquer condições salutar de um ambiente urbano, pois faltava energia, água, transporte etc. Para Nascimento,⁸⁷ os conflitos sociais que marcaram o início do século XX não levaram a uma modernização das relações políticas, pois ocorreu o oposto, o estado ficou cada vez mais centralizador e autoritário para isso usou uma forma de cooptação política das massas trabalhadoras para amenizar os conflitos e garantir a modernização do Brasil⁸⁸ Desse modo, o movimento Revolucionário iniciado em 1930 foi concretizado pelo golpe de 1937:

Getúlio Vargas e alguns elementos do governo, após a tentativa de golpe da Aliança Nacional Libertadora (ANL) em 1935 e a repressão que se seguiu, encontraram os motivos para se livrarem da constituição de 1934, que consideravam um elemento atravancador do progresso do país e capaz de propiciar o retorno das práticas políticas da República Velha. Os comunistas, alvos privilegiados da onda de perseguição política, serviram de motivo para que se forjasse um plano denominado Cohen e se implantasse o regime do Estado Novo ou estado Nacional.⁸⁹

A instauração do Estado Novo, repercutiu com bastante intensidade em Teresina, uma vez que Leônidas de Castro de Melo Interventor do Estado se colocou a inteiro dispor da nova ordem estabelecida com seu apoio ao novo regime. Aqui o termo moderno, se define como algo oposto ao antigo e à tradição. Pois a “modernidade nasce do sentimento de ruptura com o passado [...] além da atitude dos indivíduos perante o passado, o seu passado.”⁹⁰

As modificações que aconteciam em Campo Maior, decorriam de um contexto global, haja vista que as variações que aconteciam na política e nos planos de desenvolvimento do país

⁸⁶ NASCIMENTO, 2015, p.215.

⁸⁷ Idem, 2015.

⁸⁸ Para Nascimento (2015, p.39) “o estado implantado a partir de 1930 pode ser caracterizado como um estado forte, com componentes neo-patrimoniais bastante claros e capaz de impor sua vontade e seu ordenamento”

⁸⁹ Idem, 2015, p.41.

⁹⁰ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. Ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 175.

e do estado repercutiam na urbe. Contudo, percebe-se que em muitos fatores a modernização de Campo Maior se difere das transformações urbanas que ocorriam nos grandes centros urbanos, haja vista que sua realidade estava voltada para: a economia agrária, a pecuária e ao comércio e não para a industrialização como ocorreu nos centros urbanos da Europa e no sul do Brasil. Atualmente, com pouco mais de 45 mil habitantes, ao longo dos anos vêm mantendo uma taxa de crescimento pequena, realidade compatível ao território piauiense como entende-se a seguir:

No início do século XX, Campo Maior não passava de uma cidade predominantemente arcaica, herança do período colonial. Com pouco planejamento urbano, muitas ruas eram toscas. Os transportes da época eram feitos a cavalar e a carroça puxada a asno. Automóvel era uma raridade.⁹¹

O crescimento demográfico de Campo Maior, nesse contexto, foi muito lento e ocorreu de forma gradativa, até porque sua população em alguns momentos comparada a outros municípios do estado até decresceu, sendo que “no ano de 1940, com 3.685 habitantes, o município de Campo Maior possuía a 5º população urbana do estado. Já no ano de 1950 com 6.992 ocupou a 4º posição”⁹². Em conformidade com o autor a cidade não teve um maior crescimento devido à falta de indústrias na região. Além disso, o pouco crescimento populacional alcançado derivou da extração de cera de carnaúba, pelo comércio, bem como por questões naturais como a seca que resultou na imigração nordestina dos estados do Ceará, do Maranhão para o Piauí e conseqüentemente para Campo Maior.

Tabela 1: Receita do município de Campo Maior entre 1943-1960

Receitas de Campo Maior		
Ano	Receita	Contribuição da união
1943	100.000.00	
1949	200.000.00	300.000.00
1951	2.600.000.00	
1955	3.800.000.00	600.000.00
1956	4.000.000.00	800.000.00
1958	6.000.000.00	1.300.000.00
1960	12.000.000.00	2.500.000.00

Fonte: Leis orçamentárias do município encontrado na Câmara de Vereadores e Prefeitura.⁹³

⁹¹ CHAVES, Celson Gonçalves. **Urbanização em Campo Maior**. Campo Maior. [S. n.], 2007, p.30.

⁹² *Idem*, 2007, p.37.

⁹³ CARVALHO, 2011.

Na tabela nº 01 percebemos que entre o período de 1943-1960 houve o aumento da receita do estado, esse fator possibilitou o aumento da riqueza municipal que podia investir em obras públicas e dinamizar a economia local, isso também impulsionou o comércio na cidade, atraindo investidores, lojas, migrantes de outros estados e provocando, portanto, novos planejamentos no sentido de reorganização da cidade. A exploração da cera de carnaúba foi um dos fatores responsáveis por trazer transformações e melhorias no cenário urbano de Campo Maior.⁹⁴

É conhecido de todos o importante papel que desempenha na vida econômica do Piauí, a cera. Sendo como é, Campo Maior um dos maiores produtores desta matéria prima, fácil se torna avaliar a preponderância que a mesma desempenha na sua riqueza econômica.⁹⁵

Teresinha Queiroz ⁹⁶ afirma que no início do século XX, a demanda de produtos como matéria prima como a cera de carnaúba e a borracha de maniçoba, cresceram e eram vendidos por preços bastante valorizados no mercado europeu e, em 1940, o Piauí passou a ser o principal exportador da cera do Brasil, posição antes ocupada pelo Ceará. Dessa forma, as receitas advindas da cera de carnaúba, da borracha da maniçoba e do babaçu provocaram grandes “modificações não só no plano econômico como também no social e demográfico.”⁹⁷

Em Campo Maior, não foi diferente e as receitas da cera de carnaúba também trouxeram melhorias sociais representadas pelo aumento da riqueza dos ricos fazendeiros que ostentavam novos padrões de vida, também havia o crescimento do comércio, alargamento de ruas, arborização de praças, inserção do cinema, denominado Cine Glória e alguns prédios tidos como moderno para a época nas principais vias da cidade:

Guardadas as devidas proporções espaciais em Campo Maior, a via urbana que recebeu a maior atenção do poder público foi a Avenida 5 de outubro, que passou a receber a denominação de José Paulino a partir de 1948. Se no Rio de Janeiro a Avenida central passou a ter importantes edifícios que contribuíram para o embelezamento da cidade, em Campo Maior, a 5 de outubro também recebeu alguns dos principais prédios desse centro urbano: grupo Escolar Valdivino Tito, Correios e Telégrafos, Banco do Brasil [...] ⁹⁸

⁹⁴ CHAVES, 2007.

⁹⁵ ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1994 *apud* CHAVES, 2007, p. 23.

⁹⁶ QUEIROZ, 2006.

⁹⁷ *Idem*, 2006, p.44.

⁹⁸ PEREIRA, Raimundo Nonato B. **Modernização urbana de Campo Maior (1930-1937)**. 2015. 157 f. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em História- PPGH, Universidade de Campina Grande, Paraíba, 2015. p.77.

Ressalta-se que nem todos foram afetados de forma positiva pela modernização da cidade, uma vez que os primeiros benefícios modernos, eram implantados no centro da cidade, onde existia o comércio e as residências de famílias mais abastadas, enquanto isso, alguns habitantes das camadas sociais de menor poder aquisitivo, principalmente as que habitavam os bairros periféricos, estavam longe de vivenciar o bem-estar social provocado pelos serviços de energia elétrica, água encanada, ruas calçadas e limpas. Sobre as transformações em Campo Maior e seus melhoramentos entre as décadas de 1930 e 1940, o Almanaque da Parnaíba enfatizava o papel de Francisco Alves Cavalcante como “o prefeito mais dinâmico, inovador, ousado e empreendedor”⁹⁹:

São incontáveis os benefícios realizados nos últimos dez anos neste setor administrativo, todos eles conseguidos sem alardes, saídos simplesmente da visão larga daqueles que sabem sobrepor os interesses da coletividade aos seus próprios. Assim é que podemos salientar os seguintes: pavimentação e arborização da Praça Rui Barbosa, instalação de luz elétrica com a indispensável aquisição de um motor e dínamo, construção de um prédio para usina elétrica, ponte sobre o rio Surubim na rodovia Campo Maior-Barras, construção do matadouro municipal com dois grandes cercados de arames destinados ao aprisionamento do gado a ser abatido, construção do prédio do Grupo Escolar “Valdivino Tito”, remodelação do mercado público, para qual foram adquiridas pedras de marmorite para as mesas dos açougues e balanças apropriadas marca “Filizola”, construção do cinema-Teatro municipal [...] presentemente foram perfurados 17 poços e cogita-se da abertura de mais alguns destinados à canalização d’água, para o que já foram os planos remetidos à técnicos especializados no assunto. Fez parte também dos planos da administração a remodelação da rede de iluminação elétrica, com a devida aquisição de um motor de maior capacidade. Acha-se, também, iniciado o calçamento de algumas ruas, todo a paralelepípedo.¹⁰⁰

A citação mostra em tom de exaltação os “inúmeros benefícios” que vinham ocorrendo à cidade de Campo Maior, colocando Francisco Alves como o mentor dessas ações que beneficiaram a população através da arborização e pavimentação da principal praça da cidade, a Rui Barbosa, instalação de energia elétrica, perfuração de poços e construção do primeiro colégio público de Campo Maior, o Valdivino Tito. Apesar de enaltecer a figura de Francisco Alves, como se o mesmo estivesse realizando essas ações em prol da coletividade em detrimento de seus interesses, compreende-se que nem todos tiveram acesso a muitos desses benefícios como o fornecimento de energia elétrica e água canalizada que foram popularizados e chegaram aos bairros mais distantes em tempos posteriores.

⁹⁹ ALMAQUE DA PARNAÍBA, 1941 *apud* CHAVES, 2007, p.33.

¹⁰⁰ ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1941 *apud* CHAVES, 2007, p. 33.

Francisco Alcides do Nascimento¹⁰¹ afirma que, em Teresina, as transformações no sentido de modernizar a cidade estavam atreladas a proposta do governo de Getúlio Vargas e também teve grande apoio dos interventores estaduais Landri Sales e em seguida Leônidas Melo, que fizeram várias reformas com o intuito de deixar Teresina mais bela e moderna. Desse modo, houve “dois elementos que fizeram parte do imaginário moderno dos governantes em diversas partes do Brasil: o embelezamento e o ideário sanitaria.”¹⁰² As intervenções que ocorreram em Campo Maior, indicam que os administradores pretenderam seguir o “modelo” empregado em Teresina e noutras capitais como Recife, por exemplo. Isso é perceptível na exposição de motivos do decreto lei nº 43 de 10 de julho de 1943, efetivado durante a administração municipal do prefeito Ascendino Pinto Aragão:

A avenida “Getúlio Vargas”, a mais bela da cidade, é interrompida por um velho muro que a afeia, e a torna até certo ponto anti-higiênica, pelo acúmulo de lixo e outros dejetos que ali é feito. É, pois, de inteira conveniência e de maior urgência que do traçado da avenida se faça retirar tal muro, afim de que tais inconvenientes fiquem remediados, pois que, desaparecido, dali removido, terá sido o acúmulo de materiais ruinosos à saúde pública. Além disto, a dita avenida ficará mais ampla e mais bela, dando, destaque, outra utilidade à obra que pretendo empreender. Levado por esses motivos e pelo desejo publicamente demonstrado pelos munícipes, resolvi dar os primeiros passos, para satisfação da necessidade, abrindo crédito pelo decreto lei nº 43, submeto a aprovação do conselho administrativo [...] aponto como recurso para tal fim o excesso de arrecadação demonstrado no índice técnico que, nesta data, acompanha o Dec-Lei nº 38, também desta prefeitura.¹⁰³

Como depreende-se da citação, a prefeitura tinha o desejo de ampliar a “mais bela” avenida da cidade, por questões de higiene e estética uma vez que o “velho muro” além de tornar feia a avenida, ainda poderia causar danos à saúde pública, além disso, os cofres públicos apresentavam uma situação econômica muito boa para realizar o empreendimento. Percebe-se que essas transformações, em Campo Maior não ocorreram de forma frenética como constataria Nicolau Sevckenko, em “Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20”.

Em Campo Maior, Porém, em termos de transformação e mudanças estruturais, houve poucas melhorias, pois serviços como iluminação elétrica, abastecimento d’água, pavimentação e calçamentos de ruas, ainda deixava muito a desejar, até porque nesse período o transporte de água era feito em roladeiras e latas d’água como é possível compreender através do relato

¹⁰¹ NASCIMENTO, 2015.

¹⁰² *Idem*, 2015, p. 79.

¹⁰³ ARAGÃO, Ascendino Pinto de. Exposição de motivos do decreto lei nº 43 de 10 de julho de 1943. Campo Maior, 10 de julho de 1943.

memorialístico de Francisco Cardoso ¹⁰⁴ que viveu grande parte de sua infância em Campo Maior e lembra como funcionava o abastecimento de água nas residências.

Roladeira, denominação de seus proprietários, que constava de uma pequena pipa, vasilha bojuda de madeira com capacidade para umas dez latas de água (lata de querosene de dezoito litros, como era conhecida), que como reforço recebia nas laterais tábuas de uns seis centímetros de largura e uns quarenta centímetros de comprimento no meio delas um parafuso com uns três centímetros de saliência e outras duas tábuas na mesma dimensão na largura e cinquenta centímetros de comprimento com dois orifícios nas extremidades de cada uma, sendo um colocado na ponta do parafuso e preso com uma porca e a outra na corda com uns três metros de comprimento, onde se amarrava nos dois orifícios das tábuas. E com dois aros grandes de pneus sem uso e com bom revestimento de borracha prendia de cada lado da pipa facilitando assim a rodagem da roladeira com tração humana, que se prestava para transportar água dos poços cacimbões, próximos do açude grande para vender aos seus fregueses da redondeza.¹⁰⁵

Até o início da década de 1950, ainda não havia na cidade um serviço de abastecimento d'água moderno que se preocupasse em oferecer água tratada e os animais usados como principais meios de transporte se faziam presente de forma bem frequente nas ruas da cidade, os habitantes usavam a água de cacimbas feitas por eles mesmos, ou água dos poços do açude grande, localizado no centro da cidade, as pessoas transportavam água em lombos de animais, em latas d'água e nas roladeiras. O relato de seu Manoel Gomes de Holanda, nascido no estado do Ceará no ano de 1940, que migrou com sua família em 1942 para Campo Maior, nos mostra a sua vivência em relação ao transporte de água e de locomoção de pessoas vindas do interior para cidade:

Aí, o pessoal do interior vinha e amarrava os animais no pé de oiti[...] perto da praça, onde hoje é o Teatro dos estudantes, ali amarrava: burro, jumento, carroça que era os únicos meios de transporte, o pessoal usava para botar água, eu vendi muita água naquelas roladeiras[...] a gente tirava água dos poços que ficavam na beirada do açude, tinha uns três a quatro poços que ficavam lá...desapareceu tudo, acabaram [...] Em 48 eu tinha oito anos, eu botei muita água para vender, trocava por tamanco, chinelo no comércio do seu Adelino, um velho comerciante, é hoje onde fica a Carminda Paz. [...].¹⁰⁶

¹⁰⁴ Francisco da Silva Cardoso, filho de Enos da Silva Cardoso e Isabel Furtado de Moraes Cardoso, Nasceu em Barras Marataoã, PI em 12 de março de 1936. Ainda Criança mudou-se para Campo Maior lugar escolhido para tecer suas lembranças do passado. Memorialista. Licenciado em Geografia e OSPB, pela Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. Trabalhou na Casa Marc Jacob S/A. Trabalhou na COHEBE, e também presidiu O Diretório Acadêmico de Dom. Avelar Brandão Vilela.

¹⁰⁵ CARDOSO, 2014, pp.110-111.

¹⁰⁶ HOLANDA, Manuel. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, julho de 2016.

Imagem 1: Carroça usada no transporte de água em Campo Maior, 1940.



Fonte: Autor desconhecido, disponível em: <<https://scontente-gru21.xx.fbcdn.net/v/tl.09/1234189>>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

A melhoria do fornecimento de água canalizada para população ocorreu através do projeto lei nº 350 de 14 de agosto de 1957, onde o prefeito Oscar Castelo Branco Filho, celebrou “um contrato com Departamento Nacional de Obras contra Seca (DNOCS) e permitiu a construção do sistema de abastecimento de água (poços, e casas de bombas, redes e ramais, reservatórios e caixas d’água)”,¹⁰⁷ Com o crescimento da cidade, houve uma maior preocupação do poder público em fornecer água de forma mais eficiente através da lei 776, de 7 de maio de 1970, que autorizou a prefeitura a firmar convênio com a Fundação de Serviços de Saúde Pública (FSPSP), com “o objetivo de estabelecer condições para reger, administrar, operar, e atuar na manutenção do sistema de abastecimento de água da cidade.”¹⁰⁸

A criação do SAAE foi importante porque modernizou o abastecimento de água que antes era feito em latas d’água, em roladeiras e lombos de animais, ou mesmo nos chafarizes e havia dificuldades para os cidadãos. De acordo com seu João Lima Cunha,¹⁰⁹ antes era muito ruim pois “a gente bebia dos chafarizes, nos bairros, você ficava naquela fila cinco horas da

¹⁰⁷ CHAVES, Celson. **A rua Santo Antônio**. Campo Maior-PI: Edição do autor, 2014, p.93.

¹⁰⁸ CAMPO MAIOR, Lei nº 776 de 7 de maio de 1970. Que dispõe sobre o abastecimento d’água em Campo Maior.

¹⁰⁹ Seu João da Cunha Lima, nasceu no estado do Ceará no município de Frecheirinha, tem 85 anos, é casado e aposentado, veio morar em Campo Maior em 1959 quando estava em busca de emprego e começou a trabalhar no Fripisa, empresa que se aposentou e só saiu quando a mesma fechou.

manhã, porque era gente demais para pegar água com aquelas latas, era dificuldade grande [risos]”.¹¹⁰

1.2 A chegada da luz elétrica

As transformações mundiais iniciadas no final do século XIX e início do século XX provocadas pela revolução industrial e fortalecimento do capitalismo, bem como, o desenvolvimento e inovação tecnológica ocorreram no primeiro momento nos países mais desenvolvidos da Europa e se expandiram para outros países inclusive alguns considerados subdesenvolvidos em termos de conhecimentos e recursos tecnológicos e científicos. Nicolau Sevcenko¹¹¹ defende que o imperialismo europeu, com suas armas modernas e potencial bélico não só incorporou as novas áreas territoriais as suas possessões, como também procurou “transformar o modo de vida das sociedades tradicionais, de modo a instalar-lhes os hábitos e práticas de produção e consumo conformes ao novo padrão da economia de base científico-tecnológica.”¹¹²

Em Campo Maior, podemos ver como essas inovações modernas foram chegando e fazendo parte da vida das pessoas através de seus instrumentos inovadores tais como: a iluminação elétrica, o rádio, o cinema, o automóvel, a construção de estradas e ferrovias numa tentativa do poder público de integrar a economia local ao sistema capitalista nacional e internacional. Logo, as mudanças e transformações ocorridas na cidade partem de uma perspectiva mais ampla e de um contexto global, das ações dos sujeitos que a constroem e a idealizam com seus projetos que nem sempre são pensados no bem de todos, mas apenas numa parcela da população.

O relato de Marcos Vasconcelos¹¹³ adiante nos mostra como a cidade foi se transformando ao longo do tempo e ganhando um aspecto mais moderno, quando ele morava, durante a sua infância na Rua da Lagoa, localizada nas proximidades da igreja Santo Antônio, a rua era habitada por pessoas modestas, ou pelos artífices tais como: carpinteiros, alfaiates, ferreiros, engraxates, sapateiros, marceneiros; “em seus ofícios eram mestres com freguesia permanente”.¹¹⁴ Na verdade, era uma região que margeava o centro da cidade, na Rua da Lagoa ficava a casa de Marcos Vasconcelos e foi palco de suas vivências, estripulias e brincadeiras,

¹¹⁰ LIMA, João da Cunha. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 03 de novembro de 2017.

¹¹¹ SEVCENKO, 1998.

¹¹² SEVCENKO, 1998, p. 12-13.

¹¹³ VASCONCELOS, Marcos. **Raízes de pedra**. Fortaleza: editora Livro Técnico Premium, 2006.

¹¹⁴ *Idem*, 2006, p. 16.

fatos da vida cotidiana que tecidos por sua memória relembra vários aspectos de sua infância, de sua família, a sua vida no colégio Valdivino Tito e Ginásio Santo Antônio, dos banhos no Rio Surubim, suas idas ao cinema e passeios nas principais praças da cidade .

Através da narrativa de sua escrita memorialística e autobiográfica o autor nos permite identificar aspectos relativos ao saneamento básico, às vivências e seu cotidiano. Marcos Vasconcelos ao tentar narrar a história de sua vida chama a atenção para aspectos de sua infância e de suas andanças pela cidade. Apesar de vir de uma família humilde e de não possuir muitos privilégios e condições financeiras, foram tempos que se constituíram como momentos muitos felizes.

Nascido em Campo Maior, no dia 01 de julho de 1933, mas morou um bom tempo em outras cidades na busca de capacitação profissional, sendo que estudou e trabalhou em Teresina, em seguida no Rio de Janeiro e por último, quando ingressou por concurso público no cargo de escriturário no Banco do Brasil e de lá foi transferido para Brasília e após passar um bom tempo na capital com sua família, quando retorna a passeio a sua cidade natal, em 1980, Marcos Vasconcelos percebe que a cidade de sua infância já não era mais a mesma, pois continha muitas melhorias no espaço urbano com ruas calçadas, água encanada e luz elétrica praticamente em todas as casas.

É costume meu, toda vez que vou a Campo Maior, visitar a minha rua. Fiz isso recentemente, para me reciclar e voltar às origens. Continua uma rua simples, com moradores modestos, mas com energia elétrica às 24 horas por dia, totalmente calçada e com água encanada, em todas as casas. Ficou bem longe do tempo das cacimbas, feitas no leito quase seco do Rio Surubim, onde apanhávamos água para cozinhar e beber em nossa casa, acumulada em quatro grandes potes de barro com tampas de flandres. As vezes íamos apanhar água também nos poços públicos situados na beira do açude grande, puxando um jumento com cangalha e duas ancoretas dependuradas.¹¹⁵

A citação mostra as mudanças e melhorias que ocorreram na cidade, através da popularização do fornecimento de água encanada e energia elétrica, mas ressalta-se que isso não aconteceu de uma hora para outra, as dificuldades em fornecer esses serviços urbanos básicos a todos pela prefeitura, foram muitas, uma vez que, quando esses elementos considerados símbolos do progresso e da modernidade chegaram à cidade havia dificuldades de ordem financeira para que fossem efetivados pela prefeitura municipal. De acordo com Raimundo Nonato Bitencourt Pereira¹¹⁶, Os gestores do município tinham o anseio de trazer

¹¹⁵ VASCONCELOS, 2006, p.23.

¹¹⁶ PEREIRA, 2015.

esse símbolo da modernidade para Campo Maior, que se deu com a instalação da primeira Usina Elétrica inaugurada no dia 03 de janeiro de 1932, essa novidade foi recebida com muita empolgação pelos seus habitantes, no entanto, era movida a lenha e funcionava somente das 18:00 às 23:00 horas, a princípio foi instalada apenas no centro da cidade e nos principais logradouros públicos; apesar de tudo, foi tomada pelo discursos dos governantes como um grande avanço em termos de melhorias urbanas ao mesmo tempo que condizia com os ideais do governo provisório de 1930 que idealizava mudanças no sentido de ruptura com a República Velha e “com isso a urbe passou a partilhar de um dos sonhos da cidade moderna, pois antes a iluminação era feita por lâmpões abastecidos de querosenes, instalados nos altos postes de madeira”¹¹⁷.

Os gestores municipais enfrentaram uma série de dificuldades em relação ao fornecimento de energia elétrica na cidade; uma vez que, após poucos anos de instalação da usina, já havia a necessidade de reparos e de compras de equipamentos para a instalação de uma usina maior e que atendesse as demandas da cidade como é perceptível no discurso do administrador do município que demitiu o eletricitista por problemas na usina, uma vez que o “inquérito que está se procedendo nessa prefeitura já se apurou que a usina se encontra com sérias avarias por culpa do eletricitista da mesma encarregado, Edésio Gonçalves das Neves”.¹¹⁸ Apesar dos esforços dos gestores em fornecer esse símbolo moderno para a cidade, os problemas persistiam. No dia 18 de abril de 1944, o gestor mostrava a sua satisfação em apresentar uma nova usina melhor e com instalações modernas:

A velha usina tinha apenas um motor simples e de pouca potência, além de funcionar das 18:00 às 24:00 horas a nova usina tem dois grandes possantes e complexos motores funciona das 12:00 às 24:00 horas[...] além disso a rede elétrica da cidade é mais extensa, a usina tem capacidade de amplia-la ainda mais muito mais e minha intensão é essa.¹¹⁹

Após a inauguração da “Usina 04 de Outubro”¹²⁰ houve um incêndio acidental provocado pelo aquecimento das caldeiras devido a sua aproximação com o assoalho de madeira, causando um grande prejuízo na queima de equipamentos e destruição de grande parte do prédio, em novembro de 1944, deixando a cidade às escuras o que acarretou novos gastos

¹¹⁷ *Idem*, 2015.

¹¹⁸ CAMPO MAIOR, 1936, *apud* PEREIRA, 2015, p. 72.

¹¹⁹ CAMPO MAIOR, 1944, *apud* PEREIRA, 2015, p. 73.

¹²⁰ A usina de Campo Maior, recebeu essa denominação “04 de Outubro” em homenagem tácita ao golpe dado por Getúlio Vargas quando tomou o poder na Revolução de 1930, nessa data e como o prefeito Francisco Alves Cavalcante apoiava esse governo fez essa homenagem.

para a prefeitura, desse modo, eram comuns os problemas de fornecimento de energia à cidade, além disso, as primeiras instalações de energia elétrica ocorreram no centro da cidade, onde os demais bairros ficavam desprovidos desse símbolo moderno da cidade.¹²¹

Em 1948, o prefeito João de Deus Torres enfrentava sérios problemas em relação ao fornecimento de energia na cidade, era necessário a compra de máquinas que custavam muito caro ao município o qual encontrava-se com poucos recursos para essa aquisição, portanto o prefeito, por meio do projeto de lei nº 3 de julho de 1948, abriu uma concorrência pública para compra de todo material necessário ao restabelecimento de energia elétrica na cidade que estava às escuras, e tinha o objetivo de restabelecer a energia pelo menos das principais praças da cidade, meio que de forma provisória, como compreende-se pelo decreto nº 28 de julho de setembro de 1948 que autoriza o prefeito a adquirir um “grupo gerador motor” para restabelecimento de energia nas principais praças da cidade enquanto não fosse firmado contrato com a empresa que forneceria energia elétrica a cidade:

Todos sabemos que as praças “Bona Primo” e “Rui Barbosa” são os centros de maior movimentação da cidade e que, como tal, carecem de ser iluminadas, seja para prevenir possíveis infratores de leis, seja para proporcionar ao nosso povo, um melhor conforto eis que são, também, o seu ponto recreativo. Além disso, ocorre a circunstância de, entre um outro dos locais previstos, ficar situada a nossa Igreja Matriz, aonde as práticas religiosas constantes fazem afluir toda nossa gente, carecem, pois serem iluminadas; e pela marcha demorada dos atos públicos, sabemos que não é possível, antes de seis meses, estarem adquiridas as máquinas que devam compor a nova usina elétrica da cidade. E antes disso precisamos do grupo indicado, especialmente se as festas de Natal, ano novo e outras que se aproximam, o estão a exigir.¹²²

Verifica-se a preocupação do poder público municipal em estabelecer o fornecimento de energia elétrica nas principais praças de Campo Maior que se constituíam como espaços de lazer e passeio para sociedade campo-maiorense, portanto era necessário trazer mais conforto as pessoas que iam à praça nos finais de semana para passear, namorar, ou assistir bandas musicais que tocavam no coreto da praça. Mas também, se percebe a precariedade do fornecimento da energia elétrica que ficava restrita às duas praças localizadas em torno da igreja matriz de Santo Antônio e algumas residências de famílias argentárias da região. Sobre o fornecimento de energia elétrica pode-se afirmar que a população mais carente só usufruía

¹²¹ PEREIRA, 2015.

¹²² CAMPO MAIOR, projeto Lei nº 28 de 09 de setembro de 1948 que autoriza o prefeito adquirir grupo motor gerador para iluminar as praças Bona Primo e Rui Barbosa e abre crédito especial de (Cr. \$ 25.000.00) para atender a autorização.

dessas luzes da cidade quando ia passear na praça, pois os bairros ficavam fora desse benefício e em muitas casas usava-se o lampião, lamparina.¹²³

Entende-se que havia uma preocupação do poder público em fornecer a energia elétrica aos cidadãos, no entanto, isso era muito limitado ao centro. Os serviços ainda eram precários, pois depois das 23:00 horas apagavam-se as luzes e as pessoas usavam lampião a gás ou lamparinas, desse modo com a inauguração da Hidrelétrica do Marechal Castelo, mais conhecida como "Barragem de Boa Esperança" e por seguinte com criação da Cepisa houve uma ampliação do fornecimento de energia elétrica para os habitantes da cidade que antes não tinham acesso como percebe-se na fala de dona Raimunda:

[...] A luz chegava seis horas, aí quando dava dez horas, a luz ia embora, ficava no escuro[risos] era desse jeito! Aí depois passou [...] veio a Cepisa, aí foi que melhorou [...] ah, foi beleza! Aí a gente podia ter todo eletrodoméstico, porque antes, não podia porquê de dia não tinha energia, aí era ruim demais assim, não tinha geladeira, mas a gente antes bebia água de pote. Na década de 70, por aí assim, com a chegada da Cepisa é que podia usar a geladeira elétrica, pois a da usina não dava certo não, nem ventilador nem nada [...].¹²⁴

Mas compreende-se que mesmo com a chegada da Cepisa na década de 1970 nem todos usufruíram desse benefício da luz elétrica, a distribuição ia acontecendo aos poucos, conforme a necessidade e condições econômicas dos habitantes, principalmente dos que moravam nos bairros mais distantes.

As transformações que ocorreram na cidade foram determinadas pela atuação do poder público municipal, e pelo interesse social de alguns mais privilegiados economicamente, ou mesmo pela mudança dos costumes de forma que a cidade do passado se torna uma realidade, vívida e cheia de sentimentos que hoje só existe como fragmentos da memória que tem a capacidade de evocar essa cidade, dos sonhos, da lembrança e da afetividade daqueles que nasceram, cresceram nesse lugar e acompanharam seu desenvolvimento.

¹²³ Santos, Maria dos Remédios Sousa. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 03 de novembro de 2017.

¹²⁴ FONTINELLES, Raimunda Lopes. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 15 de maio de 2017.

2 A CIDADE DA MEMÓRIA: REFORMAS URBANAS EM CAMPO MAIOR

Este capítulo tem como principal objetivo analisar como aconteceram as principais transformações em Campo Maior, através da edificação de alguns prédios públicos como o Novo Mercado, O palácio das Carnaúbas, O monumento aos Heróis do Jenipapo e outras pequenas intervenções ocorridas na cidade entre as décadas de 1960 a 1970, além disso, procurou evidenciar as experiências dos sujeitos e suas recordações sobre o processo de urbanização da cidade, tentando trazer para o âmbito da pesquisa histórica o cotidiano desses sujeitos, as motivações que os trouxeram para a cidade e perceber como os mesmos experimentaram essas transformações que ocorriam em suas vidas enquanto moradores da cidade de Campo Maior, pois quem trabalha com as fontes orais tem o privilégio de dialogar com sua fonte e entender que a história não se traduz apenas na narração cronológica de fatos históricos, e sim de narrações de experiências de pessoas que tem sentimentos, paixões, decepções, frustrações e lutas pela sobrevivência através de muito trabalho. Para Paul Thompson,¹²⁵ “toda história derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas da memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta”.

A memória tem a capacidade de representar as experiências vividas pelos entrevistados, fatos ocultos e omissos pelos documentos oficiais. O objetivo não é tratar a fonte oral como um testemunho de verdade, mas como uma fonte suscetível de interpretação das falas dos sujeitos através de sua subjetividade e entender como os mesmos perceberam algumas mudanças no espaço urbano e como assimilaram isso. Para Lucília Delgado,¹²⁶ “a memória é uma construção sobre o passado atualizada no tempo”, assim os relatos estão sujeitos a deformações, acréscimos, omissões etc. por seu turno, esses fatores nos fazem compreender que a fonte oral não é menos importante que outras.

A metodologia da História Oral deu suporte à pesquisa, através da realização e análise de entrevistas feitas com alguns habitantes de Campo Maior, cujo objetivo foi perceber como os entrevistados representam algumas transformações urbanas na cidade, tentando entender como isso afetou de alguma forma os entrevistados José Airton Mendes Silva (2016), Manuel G. de Holanda (2016), João Alves Filho (2017), Raimundo Cardoso B. Silva (2017), Raimunda Fonteneles (2017), João da Cunha Lima (2017), Maria dos Remédios Sousa Santos(2017), e

¹²⁵ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.197.

¹²⁶ DELGADO, 2010.

Antônio Araújo Loiola (2017).¹²⁷ O critério de escolha dos entrevistados levou em consideração a idade dos sujeitos entrevistados que viveram o cotidiano de transformações e mudanças da cidade, pois a memória apesar de pertencer ao indivíduo está em constante diálogo com a memória coletiva.¹²⁸ Portanto, acredita-se que a fonte oral é um elemento suscetível de análise crítica e interpretação, que faz intervir pontos de vistas contraditórios, sendo que cabe ao pesquisador analisar esses aspectos latentes e perceber os conflitos e representações que fluem dessas fontes.

Compreende-se que as ações em torno do processo de modernização de Campo Maior envolve múltiplos conflitos omitidos nos discursos e documentos oficiais, portanto é necessário perceber que por trás do discurso modernizador dos governantes que objetivava trazer o progresso e transformar o espaço urbano em um lugar mais limpo, saneado e belo, havia a outra face, o autoritarismo, que empurrava as camadas pobres para a periferia, pois essas não tinham condições econômicas de acompanhar a dita “ evolução” da cidade, e assim, as camadas pobres eram excluídas do processo modernizador ou experimentavam o lado mais amargo como o da opressão e a falta de acesso aos benefícios da cidade moderna.

O autoritarismo aconteceu motivado pelo desejo de seus governantes em ver uma cidade cada vez mais “desenvolvida” que acabava empurrando a população mais carente para as zonas periféricas de Campo Maior, isso acontece pela simples justificativa de que no Brasil “o ser moderno envolvia múltiplas compreensões, desde a possível perda das raízes culturais e do passado histórico, até a aceitação de que é indispensável superar “atraso histórico”.¹²⁹

De acordo com Antônio Paulo Rezende que analisa a modernização de Recife nos anos 20, as intervenções na cidade eram percebidas através das várias transformações políticas, econômicas e sociais e pelos choques de interesses entre os defensores do moderno e do novo que percebiam essas novidades como símbolo utópico do progresso já os conservadores temiam a perda das tradições, dos costumes e até mesmo da identidade cultural de Recife. O autor defende que existe uma forte ligação entre a modernidade e a modernização:

A modernidade não poderia se concretizar no seu sentido mais amplo, sem o processo de modernização que requer mudanças na economia, avanços tecnológicos, predomínio da ciência e da razão prática, burocratização, organização racional do trabalho, ordem e progresso, onde o estado atua como instituição importante para gestão desse processo.¹³⁰

¹²⁷ Ressalta-se que as entrevistas fazem parte do projeto de construção de fontes orais para a serem usadas com fins acadêmicos e na produção da dissertação de mestrado da autora.

¹²⁸ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

¹²⁹ REZENDE, 1997, p.19.

¹³⁰ REZENDE,1997, p.18.

Rezende destaca que o discurso de modernização está relacionado ao modo como cada época viveu sua modernidade, também pode ser caracterizado pela contradição pela oposição entre o antigo e novo, o tradicional e moderno. Em Campo Maior esse processo aconteceu de forma lenta e atrelada às mudanças que aconteciam no país e no estado e acabaram afetando a cidade através da construção de ferrovias, rodovias, arborização de praças, da chegada da energia elétrica, construção de novos prédios e outros que modificaram a cidade, o cotidiano e o comportamento dos seus habitantes, o paradoxo reside no fato de que a cidade apesar de ir ao encontro dessas melhorias, ainda por volta de 1950 convivia com alguns aspectos rurais, sem a presença de indústrias, com a população pouco expressiva e outros aspectos que a separavam da concretização dos sonhos e desejos dos seus governantes em torná-la moderna:

A modernidade tem ligações intrínsecas com a modernização. O espaço físico da modernização, sua concretude acelera a modernidade, alarga os sentimentos ditos progressistas. Na verdade, é a ideia de progresso que enfeitiça os homens e que veem na cidade seu lugar privilegiado. O mundo da mercadoria e do valor de troca fundamental para que a cidade assuma seu papel de agente da modernidade, para que se produza o contraponto entre o urbano e o rural com suas mistificações.¹³¹

Verifica-se que no processo de modernização de Campo Maior, nem todos reagiram da mesma forma, o poder público em determinados momentos agia de forma autoritária, deduz-se que a população não reagiu de forma contrária as intervenções que ocorriam na cidade, dada a ausência de evidências que demonstre isso nos documentos oficiais, e pela confirmação dos relatos dos entrevistados que afirmam que não houve resistência às reformas urbanas em Campo Maior por parte da população. Nesse sentido, fica a incerteza se realmente o poder público, em diferentes contextos, agia de forma autoritária ou não e, principalmente, fica a lacuna sobre o porquê do silêncio desse processo. Assim, as transformações pelas quais passou a cidade, não foram percebidas no momento de sua concretização, mas quando nos deparamos com relatos memorialísticos e fontes orais; no presente, percebemos como a cidade foi adquirindo um novo aspecto e como foi crescendo. Nisso percebemos como a cidade surge e flui das recordações de seus narradores, uma vez que nem tudo foi apagado:

A cidade não conta seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, das grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas

¹³¹ *Idem*, 1997, p.19.

antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes e esfoladuras.¹³²

Muitas coisas mudaram na cidade, outras permaneceram e isso é perceptível através de alguns prédios como as casas do século XVIII no centro histórico da cidade que retratam esse período relativo ao passado áureo da economia do gado na cidade e da cera de carnaúba. Na década de 1970, Campo Maior passará por transformações bem significativas com o crescimento populacional, a construção de obras de grande porte como o mercado municipal, a construção do Palácio das Carnaúbas, nova sede da prefeitura, e construção do terminal rodoviário Zezé Paz. A partir da tabela abaixo é possível perceber as principais melhorias efetivadas em diferentes contextos e governos:

Tabela 2: Lista de prefeitos de Campo Maior e respectivos governos e contextos políticos entre 1930 a 1970.

Período	Prefeito de Campo Maior	Partido	Principais ações	Governadores do estado 1930 a 1934	Governo Brasil
5/10/1930 a 27/12/1934	Francisco Alves Cavalcante-	AL	Construção da Usina Elétrica (1932); Reforma e remodelação do mercado público municipal (1934); Desapropriação dos carnaubais para formação do patrimônio do município (1934); construção do Cine Teatro, embelezamento de Praças, etc.	Humberto de Areia Leão (04/10/1930 a 29/01/1931) PMC; Joaquim Lemos Cunha AL 29/01/1931 a 21/05/1931; Landri Sales 21/05/1931 a 03/05/1935	Era Vargas 1930-1945
27/12/1934 a 30/10/1935	Professora Vicência Alves Cavalcante, irmã de Francisco Alves que abdicou do cargo de prefeito para assumir como deputado estadual.	AL	Pela memória da época foi tida como boa administradora, mas não há fontes oficiais que relatem suas obras. (LIMA, 1996)	Landri Sales (AL) 21/05/1931 a 3/05/1935	
09/10/1935 a 09/11/1935	Aldemar Mendes de Melo	AL	-----		
05/10/1935 a 02/01/1938	Sigefredo Pacheco	COLIGAÇÃO PIAUIENSE	Apesar de consultar os arquivos disponíveis não foi possível perceber ou encontrar fontes	Leônidas de Castro Melo PSD 3/05/1935 a 9/11/1945	

¹³² CALVINO, 1972, p. 7.

			que mostrem as principais obras feitas por Sigefredo enquanto prefeito de Campo Maior nessa época. O que não quer dizer que o mesmo não tenha realizado obras de grande impacto ou serventia para a cidade. Todavia, enquanto era deputado lutou pela implantação da linha férrea e sua passagem pela cidade, bem como, conseguiu verbas para a construção da maternidade que recebeu seu nome, e também foi feito o teatro Municipal dos estudantes que também recebeu seu nome. Mostrando sua contribuição na área da saúde e cultura para Campo Maior.		
2/01/1938 A 21/04/1942	Francisco Alves Cavalcante	AL	Calçamentos de ruas e embelezamento de praças.		
21/04/1942 a 09/06/1943	Raimundo Ney Baumam	Nomeado por Leônidas Melo	-----		
09/6/1943 a 12/5/1945	Ascendindo Pinto Lobão	Nomeado por Leônidas	-----		
12/05/1945 a 22/04/1946	Edgar Miranda	-----	-----	Antônio Leôncio P. Ferraz (PSD) 9/11/1945 a 19/12/ 1945; Benedito Martins Napoleão do Rego UDN 19/12/1945 a 20/03/1946	José Linhares 29/10/1945 a 31/01/1946
06/05/1946 a 06/05/1947	Waldeck Bona	-----	Sua administração foi marcada pelo afrouxamento dos	José Vitorino Correia PSD	Eurico Gaspar Dutra PSD

			impostos cobrados aos produtores, arrendatários dos carnaubais, mais tinha preocupação com a manutenção da iluminação pública que apresentava sérios problemas como a necessidade de compra de um motor gerador de energia.	20/03/1946 a 03/09/1946; Manuel Sotero Vaz da Silveira PTB 30/09/1946 a 11/10/1946; Teodoro Sobral PSD 11/10/1946 a 17/03/1947	(31/01/1946 a 31/01/1951
06/05/1947 a 16/12/1947	Humberto Bona	-----	-----	Valdir de Figueiredo Gonçalves PTB 17/03/1947 a 28/04/1947; José da Rocha Furtado UDN 28/04/1947 a 31/01/1951	
16/12/1947 a 21/04/1948	Aloísio José Portela	-----	-----	José da Rocha Furtado UDN 28/04/1947 a 31/01/1951	
21/04/1948 a 30/01/1951	Waldeck Bona	PSD	De acordo com Celson Chaves, esse prefeito “isentou de multas e juros todos os contribuintes da dívida ativa e de impostos municipais dentro do prazo estabelecido em lei”. Faziam parte dos beneficiados, arrendatários dos carnaubais, pecuaristas e produtores rurais. Procurou soluções para o problema de fornecimento de energia elétrica e iluminação pública, também fez abertura, conservação e restauração de rodagens, construiu estradas carroçáveis ligando os principais povoados a		

			Campo Maior. Criou o Departamento Municipal de Estradas e Rodagem.		
31/01/1951 a 31/01/1955	Raimundo Nonato Monteiro de Santana	-----	Acabou com o sistema que isentava produtores, fazendeiros e arrendatários de pagar seus impostos, herança deixada por Waldeck Bona que prejudicava os cofres públicos, além disso procurou reorganizar as finanças públicas.	Pedro Freitas PSD 31/01/1951 a 25/03/1955	Getúlio Vargas PTB 31/01/1951 a 24/08/1954
31/01/1955 a 31/01/1959	Oscar Castelo Branco Filho	-----	Em seu governo ocorreu a criação do SAAE, Sistema Autônomo de Água e Esgoto de Campo Maior, onde houve a ampliação do fornecimento de água encanada a população. Possibilitou a implantação do Frigorífico do Piauí Ltda. FRIPISA na cidade por meio da doação de terreno, isenção de impostos e compra de ações da empresa estadual.	Gayoso e Almendra PSD 25/03/1955 a 25/03/1959	Café Filho PSP 24/08/1954 a 08/11/1955; Carlos Luz PSD 08/11/1955 a 11/11/1955; Nereu Ramos PSD 11/11/1955 a 31/01/1956
31/01/1959 a 31/01/1963	José Olímpio da Paz	-----	Apesar de ter sido considerado pela memória da época um prefeito, honesto, caridoso, e populista, também se destacou pelo descontrolado administrativo que beneficiava particulares, ao mesmo tempo que não havia a preocupação em	Chagas Rodrigues PTB 25/03/1959 a 03/07/1962; Tibério Nunes UDN 03/07/1962 a 25/03/1963	Juscelino Kubitschek PSD 31/01/1956 a 31/01/1961/ Jânio Quadros PTN 31/01/1961 a 25/08/1961; Raniere Mazzille PSD 25/08/1961 a 07/09/1961; João Goulart PTB 07/09/1961 a 02/04/1964

			cobrar impostos necessários a manutenção básica de serviços como iluminação pública e limpeza urbana.		
31/01/1963 a 31/01/1967	João de Deus Torres		Organizou a máquina administrativa do município, não concedeu privilégios como o perdão de dívidas de arrendatários de carnaubais, construiu com o apoio do Senador Sigefredo Pacheco a primeira maternidade e uma unidade de saúde o Sandu, sendo seu legado como um prefeito formado em medicina, pois se preocupou com a saúde pública do município.	Petrônio Portela UDN 25/03/1963 a 12/08/1966; José Odon Maria Alencar ARENA- 12/08/1966 a 12/09/1966	Raniere Mazzilli PSD - 02/04/1964 a 15/04/1964; Humberto Castelo Branco ARENA- 15/04/1964 a 15/03/1967
01/01/1967 a 31/01/1971	Prof. Raimundo Nonato Andrade	ARENA	Construção do Ginásio Estadual amplo e moderno que posteriormente recebeu o nome de Raimundinho Andrade; Ampliação e pavimentação de ruas e avenidas, também realizou a arborização e embelezamento das praças, bem como, fez a reconstrução da praça Bona Primo, além disso, construiu escolas como Petrônio Portela, Marion Saraiva e a escola de ensino secundário e profissionalizante o GOT, investiu em saneamento básico com a construção de	Helvídio Nunes ARENA 12/09/1966 a 14/05/1970; João Turíblio Monteiro de Santana 14/05/1970 a 15/05/1970; João Clímaco d'Almeida ARENA, 15/05/1970 a 15/03/1971	Artur da Costa e Silva 15/03/1967 a 31/08/1969; Augusto Rademaker Aurélio de Lyra Tavares Márcio de Sousa Melo (Junta Governativa Provisória de 1969)

			mais de dois quilômetros de esgotos, também instalou a rede elétrica Cepisa substituindo o sistema de energia antigo composto por geradores movidos a óleo diesel.		
01/02/1971 a 31/01/1973	Ten. Jaime da Paz		Construção do Novo Mercado e do Terminal Rodoviário Zezé Paz	15/03/1971 a 15/03/1975	Emílio Garrastazu Médici- ARENA-30/10/1969 a 15/03/1974
01/02/1973 a 31/01/1977	Dácio Bona	ARENA	Construção do prédio da prefeitura e do Monumento em Homenagem aos Heróis da Batalha do Jenipapo	Dirceu Arcoverde-ARENA 15/03/1975 a 14/08/1978	Ernesto Geisel 15/03/1974 a 15/03/1979
01/02/1977 a 14/04/1977	José Olímpio da Paz	ARENA	Obs. Faleceu logo ao assumir o poder		João Figueiredo-PSD-15/03/1979 a 15/03/1983
15/04/1977 a 31/01/1983	Joaquim Mamede Lima	ARENA	Construiu a alameda Dirceu Arcoverde onde dividiu o açude e facilitou o acesso ao Bairro de Fátima e Paulo Cesto	Djalma Veloso-ARENA 14/08/1978 a 15/03/1979; Lucídio Portela-PSD, 15/03/1979 a 15/03/1983	

Fonte: Celson Chaves, 2013; BASTOS, Cláudio de Albuquerque. Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí. Teresina; Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_governadores_do_Piau%C3%AD> Acesso em 26 de Março de 2018.

Essas obras que mais se destacaram no cenário citadino foram construídas durante o governo do militares, nesse período os prefeitos eram nomeados, entre eles estavam João de Deus Torres (1963-1967); Raimundo Nonato de Andrade (1967-1971), em seu governo foram construídos o colégio Estadual, foi feita a arborização das praças e muitas casas foram desapropriadas para ampliação de ruas e construção de edificações públicas, como colégios e mercado público, também havia a preocupação em regulamentar as posturas municipais, a exemplo da necessidade da construção de passeios das casas e muros nas ruas públicas da cidade; Jaime da Paz (1972-1973) responsável pela construção do mercado mais moderno na cidade e demolição do antigo e a construção do terminal rodoviário Zezé Paz; Dácio Bona

(1973-1977) durante esse governo houve melhorias urbanas com calçamento de ruas e também foi marcante pela construção do suntuoso e amplo prédio da nova sede da prefeitura o “Palácio das Carnaúbas” e o Monumento em Homenagem aos Heróis que morreram na Batalha do Jenipapo; Joaquim Mamede Lima (1977-1983) que construiu a alameda Dirceu Arcoverde dividindo o açude grande e facilitando o deslocamento entre o centro e o bairro de Fátima e outros bairros da cidade.¹³³ Ao tempo que acontecia essas inovações e transformações na cidade por meio da construção de grandes obras, pouco se discutia sobre seus efeitos para a degradação do patrimônio histórico da cidade, ao contrário, tudo isso era recebido com muito entusiasmo e como algo proveitoso para o desenvolvimento da cidade uma vez que a tornava cada vez mais moderna, bela e saneada.

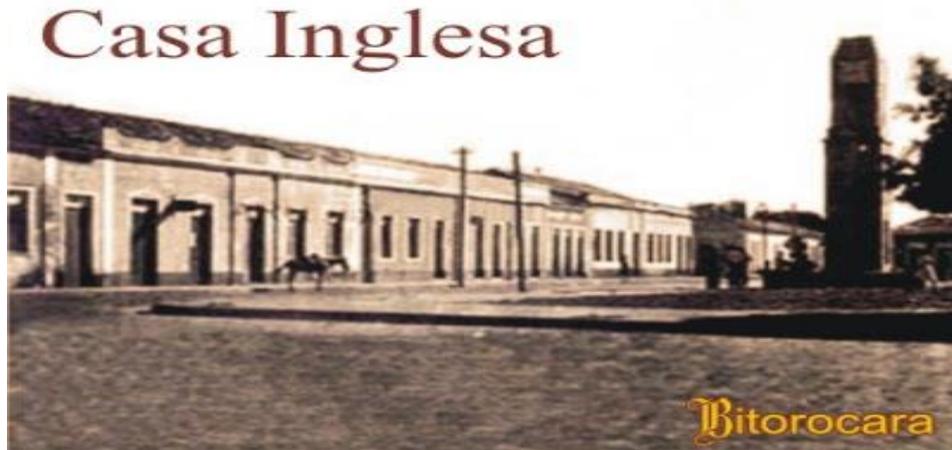
O processo de modernização de Campo Maior, não foi dissociado das mudanças que ocorriam no Brasil e no estado, desse modo, entende-se que as reformas urbanas na cidade foram propiciadas por diferentes atores sociais, e o estado, foi um dos seus protagonistas. De acordo com Lobato Corrêa,¹³⁴ o estado atua na organização espacial da cidade, posto que a grande parte das terras compostas por carnaubais passaram a ter uma maior importância econômica e assim tiveram não só valor de uso, mas valor de troca. Em Campo Maior percebe-se alguns dos fatores que provocaram a intervenção do poder público no espaço urbano em relação ao reordenamento da economia com o objetivo de trazer comércio e indústrias para a cidade, entre os quais estão relacionados a crescente valorização da Cera de Carnaúba e a criação da indústria de carne bovina do Piauí, o Fripisa onde houve a instalação de um abatedouro em Campo Maior percebe-se que esses elementos impulsionaram a economia de forma paliativa e cíclica sendo que a instalação do Fripisa logo teve o declínio por não satisfazer as expectativas dos setores dirigentes da economia.

À medida que o preço da cera de carnaúba foi aumentando, novas casas comerciais foram abertas, as mesmas se destinavam à compra da cera, tucum, couro de gado, etc. Assim, foram surgindo na cidade filiais de empresas de proprietários estrangeiras como a Casa Inglesa, Marc Jacob e empresas de origem local como Moraes e Sousa e Casa Alves do prefeito Francisco Alves responsáveis pela intermediação da venda de diversos produtos, além da exportação dos produtos originários da região como o tucum, a cera de carnaúba, o couro de boi etc.

¹³³ LIMA, Francisco de Assis de. **Campo Maior em recorte**. Campo Maior. [s.n.], 2007.

¹³⁴ CORRÊA, Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: editora Ática, 2003.

Imagem 2: Casa Inglesa, no primeiro plano da direita a esquerda, defronte à Praça Luís Miranda, que ficou conhecida popularmente como praça do Relógio, 1940.



Fonte: Autor desconhecido, arquivo Décio Bona e Prof. Assis Lima¹³⁵

Imagem 03: No plano superior está a Casa Marc Jacob, e na parte inferior a Casa Alves, do proprietário Francisco Alves Cavalcante, prefeito de Campo Maior, 1940.



Fonte: Coronel Chico Alves, Acervo particular de Reginaldo Gonçalves Lima.

A imagem nº 2 mostra a Casa Inglesa, situada na praça Luís Miranda, onde hoje funciona o Banco do Brasil, era uma das filiais do empresário James Frederick Clark. Foi este empresário, residente em Parnaíba, que introduziu a cera de carnaúba no mercado internacional. “O primeiro automóvel, o primeiro trator, o primeiro motor, o primeiro Jeep foram levados ao

¹³⁵ Disponível em: < <http://bitorocara.blogspot.com.br/search?q=casa+inglesa> > Acesso em 15 de outubro de 2017.

Piauí pela CASA INGLESA, em sua missão civilizadora de pioneira”¹³⁶. Além da Casa Inglesa existiam a Casa Alves, do político e empresário Francisco Alves Cavalcante e a Casa Marc Jacob, na imagem 3. Essas casas comerciais, funcionaram no período compreendido entre as décadas de 1930 e 1950, que vendiam os diversos produtos, inclusive a cera de carnaúba que era exportada até mesmo para outros países. Podemos depreender que a economia local, buscava se alinhar à economia exportadora e ao mesmo tempo, trazer uma maior circulação de mercadorias, sendo responsável pela geração de emprego e renda na cidade:

A Casa Inglesa, Casa Marc Jacob S. A, e Moraes S.A, esta última fabricante do sabão Moraes, muito popular, naquela época, formavam o tripé da força que impulsionava o comércio de Campo Maior, com encerramento dessas filiais e de outras mais, como também a transferência do 2º Batalhão de Engenharia[...] para Teresina, Campo Maior sofreu desastrosa recessão, entrando em declínio e conseguiu no passar do tempo o comércio se reerguer em passos lentos e vem cada vez mais crescendo, tornando-se mais forte na sua economia.¹³⁷

O relato de Francisco Cardoso representa a presença de várias casas comerciais que eram responsáveis por movimentar a economia local, no entanto, com o encerramento dessas firmas na cidade e com a transferência do 2º Batalhão, a cidade sofreu forte impacto financeiro e estagnação econômica, conseguindo se erguer lentamente a partir de 1960.

2.1 Crescimento populacional e desenvolvimento do comércio

Compreende-se que o processo de urbanização e modernização da cidade se deu de forma lenta, em governos diversos e em contextos bem diferentes, mas teve o pontapé inicial a partir da década de 1930 através de iniciativas do prefeito Francisco Alves Cavalcante. A cidade, por essa ocasião, ainda permanência com um aspecto rural, pacata e aporuguesada, com seus prédios e casarios característicos do período colonial. Isso porque a própria formação histórica da cidade tem origem com a criação dos gados nas primeiras fazendas.

¹³⁶ Revista interna da Casa Inglesa. Disponível em: <http://bitorocara.blogspot.com.br/search?q=casa+inglesa>. Acesso em 15 de outubro de 2017.

¹³⁷ CARDOSO, Francisco Da Silva. **Memórias de Campo Maior**. 2 ed. Teresina-PI: Gráfica Pinheiro, 2014, p. 56.

Cláudio Melo¹³⁸ defende que no início da colonização, a Freguesia de Santo Antônio do Surubim, que hoje compreende a cidade de Campo Maior, possuía mais de 59 fazendas. No entorno da igreja de Santo Antônio foram sendo construídos os belos casarões dos ricos fazendeiros de descendência portuguesa, isso também conferiu uma certa identidade para a cidade que teve como base de sua formação a religião católica através da construção de seu primeiro templo, com a invocação de Freguesia de Santo Antônio do Surubim¹³⁹, as suas fazendas ainda hoje de pé como “Abelheiras,” “do Trabalhado”, “Foge homem” que retratam um pouco sobre esse período, isso também é perceptível até mesmo pelos seus habitantes que rememoram com muito entusiasmo esse aspecto histórico da cidade.

No ano de 1712, quando foi inaugurada a igreja, já existia aproximadamente 50 fazendas em torno da igreja, nós fomos o maior produtor de gado do norte da província do Piauí, do Nordeste, nós fomos o maior produtor de gado, portanto um potencial de riqueza muito grande! Visto por todo o século XVIII, século XIX e até início do século XX, até a metade de 60 e 70 do século XX, então com a queda do gado entrou o auge da cera da carnaubeira, a cera passou a substituir o gado em valores. Foi tão valorizada, que uma arroba de cera chegou a comprar dez novilhas de vaca, e hoje, dez arrobas compra uma novilha. A cera de carnaúba se valorizou tanto porque foi na época do disco de cera, na época do assoalho, na época que a cera de carnaúba era realmente importante [...], mas Campo Maior é uma cidade de origem rica por esses dois aspectos, por aspecto do gado e pelo aspecto da cera de carnaúba e não podemos negar que paralelo a tudo isso veio a força do comércio em toda essa praça Bona Primo. O comércio de Campo Maior até 1960 a 1970, o comércio era aqui, aí foi transferido para lá, a prefeitura também foi transferida para o centro, onde é os Correios e Avenida Demerval Lobão, o comércio aqui foi se acabando e passou a ser centro comercial ali ao lado da Avenida Demerval Lobão.¹⁴⁰

¹³⁸ MELO, Cláudio. **Os primórdios na nossa história**. Teresina: [s.n.] 1983.

¹³⁹ Uma das primeiras denominações da região antes de se tornar vila.

¹⁴⁰ ALVES FILHO, João Alves. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 5 de maio de 2017.

Imagem 4: Centro histórico da cidade em 1934



Fonte: Autor desconhecido, foto de acervo de Marcos Paixão.

A imagem nº 07 mostra onde ficava o “coração da cidade” no período de 1934, em destaque de vermelho a igreja matriz de Santo Antônio, de azul o antigo mercado localizado na praça Coronel Miranda, de laranja a igreja Nossa Senhora do Rosário, e a seta amarela mostrando o cemitério São José, que atualmente encontra-se desativado, pois com o crescimento da cidade o cemitério, localizado no perímetro urbano ameaçava a saúde pública, como ficou registrado na justificativa do Projeto - lei nº 50 que abria crédito de Cr\$ 20.000,000 para construção de um novo cemitério na cidade:

Há muito Campo Maior se ressentia de um novo cemitério. O atual, com o desenvolvimento da cidade, está hoje, encravando as ruas “Pe. Benedito Portela” e “Cel. Eulálio Filho”, o que constitui no sério perigo à saúde, portanto, de um momento para outro, pode dar causa a um surto epidêmico. E como cabe aos poderes públicos zelar pelo bem-estar da população deliberamos apresentar o presente projeto lei, certos que terá ele dentre os mais ilustres representantes do povo, a melhor acolhida.¹⁴¹

Compreende-se pela justificativa do projeto lei nº 50 que a cidade estava se desenvolvendo, e que a presença do cemitério no centro da cidade, além de estar impedindo o crescimento da cidade ameaçava a saúde da população com um possível surto de epidemia. A preocupação com práticas higienistas e sanitaristas esteve relacionada à modernização de

¹⁴¹ Campo Maior, Justificativa do projeto lei nº 50, que abre crédito de 20.000. 000 cruzeiros para a construção de um novo cemitério. Campo Maior, 01 de fevereiro de 1949.

idades como Recife, Fortaleza, Rio de Janeiro, que no final do século XIX e início do século XX, onde médicos e sanitaristas se “preocupavam” com a propagação de doenças infecto contagiosas como a varíola, o sarampo, febre tifoide, etc. e usavam como principal argumento para justificar a proliferação de doenças nas cidades, à falta de higiene da sua população menos esclarecida, principalmente as classes populares, que por falta de conhecimento e condições sanitárias dentro dos padrões exigidos acabavam sendo culpados pela disseminação de doenças se constituindo como ameaça à saúde das elites “esclarecidas” e “civilizadas”¹⁴².

O referido projeto lei ainda afirmava que o cemitério velho devia ser interditado, assim que fosse construído o novo cemitério e que a saúde pública devia ser consultada quanto a localização, mostrando como havia forte consonância e importância do saber médico e sanitarista em relação ao reordenamento e disciplinarização do espaço urbano.

O rio Surubim que passa atualmente no bairro de Flores de frente a mais de 300 metros da igreja, estava sem a ponte de madeira e as pessoas passavam para o outro lado do rio de canoas. Na década de 1930, o perímetro urbano da cidade estava limitado a esse espaço representado da figura, onde a igreja, a Câmara Municipal, a prefeitura e as principais casas comerciais da cidade, localizadas nessa região, onde hoje está situada o entorno da igreja e a praça Coronel Miranda. A cidade vai se expandir em outras direções da cidade de forma mais ordenada e organizada pelo poder público do município, ou através da própria iniciativa de seus moradores.

Campo Maior, apesar de ter passado por muitas transformações continua tendo como fonte de receita o gado, a cera e o comércio, no entanto, houve período de ascensão e retração em seu desenvolvimento. A cidade entre 1930-1945 assistiu um grande período de inovações e modernização, com a alta da cera houve grande prosperidade econômica ao município, possibilitando muitas intervenções na cidade através da construção de prédios modernos, com lajes e dois andares como os dos Correios na década de 1940, o Banco do Brasil (1941), outras ações se deram no sentido de embelezamento e iluminação das praças Rui Barbosa e Bona Primo. O relato de João Alves¹⁴³ explicita como foram ocorrendo algumas mudanças na cidade, principalmente no que diz respeito ao comércio, com a instalação de casas comerciais que vendiam até automóveis mostrando certo grau de desenvolvimento que ela foi alcançando a partir da década de 1940, onde muitas casas comerciais que se concentravam no entorno da

¹⁴² PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social 1860-1930**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf Editora LTDA, 1993.

¹⁴³ ALVES FILHO, João **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, 05 de maio de 2017.

Igreja Santo Antônio e da Praça Luís Miranda foram sendo transferidas para as Ruas Demerval Lobão e Avenida José Paulino:

Foi transferido para lá por causa do prédio dos correios que atraiu, na década de 30, o Banco do Brasil fundado em 1941, em 1939 foi levantado, em 1941 passou a funcionar a agência [...] a cidade foi se aglomerando e aumentando e com a construção do Ginásio Santo Antônio em 1948, o Campo Maior Clube em 1946, a cidade começou a se avolumar e o comércio começou a crescer e naturalmente teve uma evolução muito grande na economia de Campo Maior com a valorização da cera e com a chegada da casa Inglesa em Campo Maior que vendia inclusive automóveis, caminhonetes, tratores, e a chegada da casa Marc Jacob, tudo na década de 1940, 1950 e a chegada da Casa Morais S/A, que era especialista em compra de cera e a Casa Alves que era do ex-prefeito e deputado estadual, grande prefeito e empresário muito rico aqui em Campo Maior, Francisco Alves Cavalcante, portanto esse povo se alocou todo naquela região pra lá. Então aquela região foi desenvolvendo, foi deslançando até a praça da Bandeira, e hoje aquilo que era residência, como é o caso da avenida José Paulino, na rua Benjamim Constant até por toda essa rua Siqueira Campos, bem aqui ao lado do Mercado, essa rua Senador José Eusébio, deixaram de ser residências.¹⁴⁴

O entrevistado João Alves¹⁴⁵, apesar de não ter presenciado de perto como uma testemunha ocular da maioria dos fatos narrados, considerando que ele nasceu no ano de 1944 na cidade de Campo Maior, e a edificação e chegada de alguns órgãos públicos e comércios tenham acontecidos antes de seu nascimento, percebe-se que seu relato oral expõe datas exatas ao acontecimento, além disso, após verificar fontes oficiais constatou-se que as informações condizem com a entrevista do mesmo, a explicação para isso, pode estar ligado ao fato de João Alves ter assimilado algumas informações através de relatos orais repassados por seus pais, avós, vizinhos ou mesmo, por meios oficiais. De acordo com Michel Pollak¹⁴⁶ existe a memória vivida onde a pessoa lembra de acontecimentos que ela realmente vivenciou e participou, mas também existe a memória vivida por tabela que “são acontecimentos dos quais a pessoa não participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.”¹⁴⁷ Nesse caso, pode ocorrer um fenômeno de projeção com determinado passado, por meio da socialização política e histórica.

Apesar de não ter presenciado a fundação de casas comerciais e prédios públicos, o entrevistado representa do seu ponto de vista como ocorreram as transformações na cidade, a partir do deslocamento do comércio das ruas localizadas próximas a praça Rui Barbosa e Luís

¹⁴⁴ ALVES FILHO, João. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, 05 de maio de 2017.

¹⁴⁵ ALVES FILHO, João. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, maio de 2017.

¹⁴⁶ POLLAK, Michel, **Memória e identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol. s, nº 10, 1992.

¹⁴⁷ POLLAK, 1992, p. 2.

Miranda para outras avenidas, localizadas na Avenida José Paulino de Demerval Lobão entre os períodos de 1940 a 1950. Isso revela o caráter contraditório do processo de modernização da cidade uma vez que:

A cidade está sempre em movimento. Um movimento que é impossível de ser percebido na sua totalidade e que não tenha talvez um sentido comum. Ou as coisas ou os homens mudam. A fragmentação toma conta da cidade moderna na medida que cresce nela a ideia de sempre aperfeiçoá-la. Ela não cessa, então de ser reconstruída, cria-se uma obsessão. A imagem que se tem dela passa a ser modificada constantemente, a dialética entre o velho e o novo ganha dimensões incríveis.¹⁴⁸

Compreende-se que o processo de mudanças da cidade provocou alguns embates e discussões: destruir para desenvolver; ou permanecer para preservar; e guardar a memória histórica da cidade, pois algumas famílias mais abastadas que moravam nas ruas localizadas no centro, foram se mudando para chácaras afastadas, e outros moradores de menor poder aquisitivo foram se deslocando para os bairros periféricos em função do desenvolvimento do comércio.

Imagem 5: Praça Luís Miranda, 1934.



Fonte: Autor desconhecido, acervo de Reginaldo Gonçalves Lima, 1995.

A imagem nº 5 mostra onde funcionava o mercado público, prédio do meio, apesar da imponência dos outros prédios, localizado em uma das principais ruas da cidade, denominada de Luís Miranda, verifica-se que Campo Maior tinha um aspecto rural, calmo, com a presença de animais nas ruas sendo o principal meio de transporte para alguns habitantes que vinha da

¹⁴⁸ REZENDE, 1997, p. 24.

zona rural, na verdade, apesar dos desejos de Francisco Alves em vê a cidade mais moderna, saneada e limpa, ela continuava fazendo parte de seus sonhos, pois apesar de seus esforços, somente entre 1969 e 1974 no contexto do governo dos militares que em consequência do “milagre brasileiro”¹⁴⁹ possibilitou o crescimento econômico do país de 11% ao ano, facilitando o investimento em vários setores, indústrias e infraestrutura no país.¹⁵⁰

Foi possível investir em obras de infraestrutura, rodovias e indústrias no país e assim é que a cidade se expandiu de forma mais rápida e foi possível pavimentar com calçamento poliédrico grande parte de suas ruas, inclusive, as que ficavam no centro na cidade, pois é perceptível pelos inúmeros decretos leis¹⁵¹ que desapropriava imóveis para fins de utilidade pública com o objetivo de abrir e alargar ruas e construir prédios para atender interesses da prefeitura como pode ser constatado através do decreto lei nº 46, de 26 de fevereiro de 1969 que “declara de utilidade pública e faz desapropriações diversas, de imóveis marginais da rodovia Teresina - Fortaleza, nas zonas urbana e suburbana desta cidade”. Outro exemplo, ocorreu na rua Tiradentes que pelo decreto nº 50/69 foi desapropriado várias casas para prolongamento e “alargamento” da rua Tiradentes. No artigo 1º do referido decreto estabelece que:

ficam declaradas de utilidade pública, nos termos do decreto-lei federal nº 3.365, de 21 de junho de 1941, para fins de desapropriação, todos os imóveis terrenos vagos e muros e casas que forem necessárias ao alargamento da rua

¹⁴⁹ O termo “milagre” surgiu em decorrência do rápido crescimento econômico apresentado no Brasil entre os anos 1969 e 1973, este crescimento foi impulsionado pelo PAEG (Programa de Ação Econômica do Governo) implantado durante o governo do Presidente Castelo Branco. Nesse período houve o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 7% a 13% ao ano, melhorias significativas na infraestrutura do país, desenvolvimento da indústria, principalmente no setor de siderurgia, geração de eletricidade e petroquímica, o crescimento nesse setor foi alavancado principalmente pelo desenvolvimento e fortalecimento das empresas estatais. No entanto houve alguns aspectos negativos desse “milagre” como aumento da inflação que oscilou na faixa de 15% a 20 ao ano; aumento da dívida externa, pois o desenvolvimento econômico foi bancado por empréstimos adquiridos no exterior, essa dívida acabou prejudicando o crescimento do Brasil em anos posteriores que tinha que pagar juros exorbitantes aos credores e ao FMI (Fundo Monetário Internacional). Embora o país tenha experimentado um elevado crescimento, não houve distribuição de renda, e as desigualdades sociais aumentaram ainda mais com a concentração de renda nas mãos dos ricos. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/ditadura/milagre_economico.htm>. Acesso em 20 de janeiro de 2018.

¹⁵⁰ Para manter esse nível de crescimento econômico foi adotado a política de arrocho salarial com a intensificação da exploração do trabalho e a concentração das empresas e do capital, além disso, os principais beneficiados com esse milagre econômico foram as grandes empresas estrangeiras e os segmentos mais ricos da sociedade brasileira.

¹⁵¹ Dentre os projetos podemos citar os seguintes decretos: decreto lei nº 46 desapropria diversos imóveis nas Marginais da rodovias Teresina/ Fortaleza, nas zonas urbanas e suburbanas dessa cidade. Decreto nº 27, 15 de julho de 1968, desapropriou um terreno medindo 200 metros de frente por 200m de fundos que pertencia por aforamento aos herdeiros de Raimundo Fernandes de Alvarenga para o fim de alargamento dos terrenos marginais de “Avenida do contorno”; decreto lei nº 15, de 17 de julho de 1968 desapropriou um terreno situado que media cinco metros e meio metros de frente, por quinze ditos de fundos, contendo uma casa de adobo com parede de palha e cobertura de palha e um pequeno muro de pedras, sito no bairro de Lourdes pertencente ao Sr. Francisco da Silva, para fim de ser alargada a avenida que se liga À estrada de saída para Teresina. Decreto lei nº 32/ 68 trata da desapropriação o terreno de Júlio Rebelo, situado na praça Rui Barbosa para construção de prédio dos correios e telégrafos.

Tiradentes e o seu prolongamento até a rua Barão de Uruçuí, inclusive zona urbana nesta cidade, / no trecho compreendido entre a Praça do Rosário e aquela rua.¹⁵²

Campo Maior, nesse período foi assistida pela preocupação de seus governantes em deixar a cidade mais bela, saneada, havia a proposta de alargamento de ruas, guardadas as devidas proporções, nos faz lembrar o que aconteceu nas grandes cidades como em Paris e no Rio de Janeiro, que apesar de ter acontecido um pouco antes, de certa forma serviu como parâmetro para modernização de cidades como o Rio de Janeiro, Buenos Aires, para citar dois exemplos paradigmáticos.

2.2 Reformas urbanas e o desenvolvimento da cidade

As décadas de 60 e 70 foram marcos importantes para muitas transformações urbanas em Campo Maior, as propostas de modernização da cidade, acabavam destruindo muitos prédios de valor histórico, acarretando certo ressentimento por parte de uma minoria esclarecida que apesar de não concordarem com a demolição de edifícios que pertencia ao patrimônio histórico material (arquitetônico) não podiam fazer nada, haja vista que para sanear e construir prédios mais amplos e modernos, ou para atender as demandas do comércio imobiliário havia a necessidade de “destruir” e “reconstruir” a cidade para torná-la mais moderna. Esse desejo de transformar a cidade no espaço cada vez mais higienizado, com arborização de praças, calçamento poliédrico e a construção de edifícios públicos mais modernos teve início com a administração de Raimundinho Andrade (1967-1971), perdurando nas administrações de Jaime da Paz (1971-1973) e Dácio Bona (1973-1977), todas situadas no período dos chamados “anos de chumbo”. João Alves Filho, em entrevista, narra o que considerou de principal preocupação dos prefeitos, qual seja, tornar a cidade mais moderna e higienizada.¹⁵³

Sempre tivemos essa preocupação, tanto é, que apoiamos o Professor Raimundinho Andrade quando o mesmo foi prefeito na arborização da cidade, pois a cidade estava sem árvores, sem o oxigênio e assim foi feita a arborização da cidade. Por outro lado, para embelezar a cidade, o prefeito Dácio Bona demoliu o mercado e construiu o atual prédio da prefeitura. E o

¹⁵² Decreto nº 50/69 de 06 de maio de 1969, declara a utilidade pública, as ruas e terrenos que fazem necessárias ao prolongamento e alargamento da rua Tiradentes. Campo Maior, 06 de maio de 1969.

¹⁵³ ALVES FILHO, João. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 04 mai. 2017.

prefeito Jaime da Paz construiu o novo mercado público com o intuito de embelezar a cidade mesmo trazendo um grande prejuízo para o patrimônio histórico porque o mercado é um fato histórico, construído em 1928 por Ovídio Bona e Jose Luís de Miranda e não poderia nunca ter sido jogado no chão porque poderia, ainda hoje, ter sido transformado em um centro histórico cultural de Campo Maior, infelizmente, em Campo Maior tem dessas coisas, os próprios homens públicos se encarregam disso aí. Outro fato histórico lamentável, foi a derrubada da fazenda Tombador, onde hoje é a Clínica Pronto Baby da proprietária Dr. Liege Cavalcante, lá, Fidié se hospedou na noite do dia 13 para 14 de março, no ano de 1823, após a Batalha do Jenipapo[...].¹⁵⁴

O antigo mercado foi demolido na década de 1970, como percebe-se, a intenção era embelezar a cidade, expandir o comércio, além disso, por não se enquadrava nos padrões higiênicos e sanitários. Não houve reação da população. Compreende-se que não havia consciência formada a respeito do valor histórico patrimonial do edifício. Somente algum tempo depois, uma pequena parcela da população, passou a questionar e fazer críticas sobre a demolição do antigo mercado que fazia parte da memória histórica do município, posto que o mesmo apresentava características da arquitetura eclética¹⁵⁵ e podia muito bem ser aproveitado para outros fins como “o turístico e a valorização histórica da cidade”.¹⁵⁶ Quanto as reações sobre a demolição e construção do novo mercado, percebemos na fala de seu José Airton Mendes, que veio do Ceará para trabalhar em Campo Maior em 1958, que houve reação contrária à construção do prédio onde funcionaria o mercado de carnes e verduras devido à distância, do mesmo modo que houve manifestações a favor da construção:

[...] muitas pessoas achavam que era longe, era não sei o quê! Eram viciados aqui, não sei por quê? As pessoas acharam ruim, porque receber um mercado daquele como você conhece hoje[...] e eu conheci esse daqui onde é a praça desses três prédios onde funciona a prefeitura [...] cheio de tudo em quanto, era jogado no chão lá, casca de banana, melancia [...] era a maior sujeira do mundo! a pessoa comia e jogava os restos tudo ali no chão, ali no entorno o mercado era ali, era triste, mas aquilo era normal, as pessoas traziam o milho descascava e jogava no chão, não tinha pedra de calçamento, tudo era chão de terra aquilo ali[...] aí, quando mudou pra lá, já foi com calçamento [...] foi outra coisa![...].¹⁵⁷

¹⁵⁴ ALVES FILHO, João. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 05 de maio de 2017.

¹⁵⁵ De acordo com Carvalho (2013, p. 13) a partir dos anos 30/40 foram construídas casas no estilo eclético na cidade. “Esse estilo surgiu no século XVIII e predominou até início do XX estilo se caracteriza pelo sincretismo, relacionado ao somatório dos diferentes estilos apostos ao imóvel, como Neoclássico, Art Nouveau etc. por outro lado, é expressão do aprimoramento técnico da época e ideais românticos.”

¹⁵⁶ Atualmente existe um conselho na cidade que discutem e tratam sobre a preservação do patrimônio arquitetônico, histórico e cultural da cidade, mas isso vem acontecendo a partir de 2008 com a promulgação da lei

¹⁵⁷ MENDES, José Airton. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, 16 de junho de 2016.

Depreende-se a partir do relato de Seu José Airton Mendes, que a medida tomada pelo prefeito Jaime da Paz em 1972 tinha o objetivo de trazer para Campo Maior, um mercado mais moderno dentro dos padrões de higiene, pois o antigo mercado não oferecia boas condições sanitárias, apresentava muita sujeira. Devido ao crescimento populacional e às necessidades do comércio, as transformações na cidade se classificam naquilo que Lobato Corrêa¹⁵⁸ defende sobre a produção do espaço urbano no qual o capitalismo também é responsável pelas transformações na cidade:

Definem áreas, como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma de conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para a futura expansão.¹⁵⁹

Imagem 6: Novo Mercado público em fase de conclusão na década de 1970



Fonte: Autor desconhecido, Acervo particular de Francisco de Assis Lima.

A construção do novo mercado incentivou a pavimentação da rua Demerval Lobão e muitas lojas comerciais foram sendo construídas nas proximidades do mercado, e alguns moradores foram se mudando para outras ruas mais afastadas do centro comercial. Dona Raimunda Fontenelles,¹⁶⁰ uma moradora nas proximidades, descreve algumas mudanças ocorridas na avenida José Paulino:

¹⁵⁸ CORRÊA, 2003.

¹⁵⁹ *Idem*, 2003, p. 7.

¹⁶⁰ FONTINELES, Raimunda Lopes. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, 08 de maio de 2017.

Nessa rua mudou muito, porque agora só é comércio, como também derrubaram casarões antigos [...] e construíram prédios novos e mudou um bocado. A população não reagiu de jeito nenhum a essas demolições. As mudanças que ocorreram, não foram muito boas não porque aí a gente ficou isolada aqui porque aí tinha o prédio do hotel pegaram e demoliram, aí a gente fica sentindo aquela falta, pois tinha muito movimento, era bem frequentado, aí hoje, olha aí o que é, só um estacionamento! .¹⁶¹

As modificações urbanas ocorridas ao longo do tempo na cidade de Campo Maior, revelam aspectos que tinham a preocupação em definir bem os espaços residenciais, comerciais e de lazer, pois a cidade foi sendo construída devido à necessidade do comércio do gado, de início era apenas uma pequena cidade constituída em função da pecuária, ou seja, das primeiras fazendas e pelo levantamento das primeiras capelas. Com o auge da cera de Carnaúba a cidade entrara no ritmo da modernidade, isso verifica-se através da instalação do número de casas comerciais, lidando com produtos voltados para a exportação como a cera de carnaúba, tucum, couro de gado e artigos de consumos, como tecidos, artefatos domésticos, produtos alimentícios, bicicletas etc.

No relato a seguir podemos perceber traços da cidade que agora é guardada na memória do Sr. Airton que veio do Ceará para trabalhar e morar em Campo Maior em 1959:

Nessa época, parece que não tinha o escritório do IBGE, um órgão para ver a quantidade da população, mas pelo que via aqui na cidade, talvez fosse uma cidade de cinco mil habitantes, eu tô achando que fosse cinco mil. Por que existia cinco mil? Porque não existia o bairro Cariri[...] quando eu cheguei aqui, aquilo ali era um mar d'água no período do inverno, que teve aí no período de 59, 60 eu tive aqui... eu cheguei no ano de 59 era um lago aquilo ali, depois a coisa mudou, não sei se foi algum desvio de água, se faltou algum inverno, aí começaram a construir, construir e tá lá um bairro bem povoado[...] ali é um bairro muito grande, a população soma muito, é um bairro muito grande[...] outro bairro do outro lado é o Matadouro, aquilo ali, eu conheci ali, você podia contar dez casas ali, aí tinha o prédio onde fazia o abatimento de gado para abastecer a cidade, né? O outro que é bastante povoado é o FRIPISA, eu conheci só existia o prédio do FRIPISA, no ano de 68, 69 por aí [...].¹⁶²

Seu José Airton Mendes recorda de Campo Maior no final da década de 1950. Relata que a cidade era pequena, o número de moradores era pequeno, bairros como o Cariri, o Matadouro e o Fripisa que atualmente são populosos se constituíam como zona periférica da cidade ainda em processo de formação. O entrevistado usou a sua experiência de vida e sua

¹⁶¹ FONTINELES, Raimunda Lopes. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus, 08 de maio de 2017.

¹⁶²MENDES, José Airton. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 16 de julho de 2016.

percepção para dar um diagnóstico da quantidade aproximada de habitantes em Campo Maior na década de 1950, além disso teve a preocupação de justificar que não havia naquela época uma instituição como o IBGE na cidade que realizasse pesquisas sobre a população que vivia em Campo Maior.

Os dados do IBGE nos mostram como ocorreu o processo de expansão e crescimento de Campo Maior entre o período compreendido entre 1940 e 1980. O comércio da cera de carnaúba tornou a cidade mais atrativa para migrantes que vinham em busca de emprego e uma vida melhor, ou foram empurrados por momentos de crise econômica e naturais de outros estados como do Ceará, inclusive existe uma predominância muito grande de pessoas naturais do Ceará na cidade. Entre os entrevistados, a maioria são provenientes de outros estados. Ao indagar seu José Airton Mendes, sobre as suas motivações para vir morar em Campo Maior, ele disse que veio morar na cidade com a promessa de um emprego no DNOCS, arrumado por alguns amigos que já moravam em Campo Maior:

Quando eu vim para cá, foi porque me prometeram um emprego, inclusive eu deixei pra trás[...] e quem me trouxe pra cá, foi um prefeito falecido (José Olímpio da Paz (1959-1963) ele era muito meu amigo, eu tinha uns três amigos, foi meu pai claro que ficou em Sobral, aqui José Olímpio da Paz e outro falecido, foi Zacarias Godim, era soldado também, era funcionário do DNOCS [...]fiquei aguardando, não surgiu emprego, até hoje, não apareceu não, até hoje! não chegou, aguardei, aguardei e sempre me alimentado que aquele emprego ia sair um dia e aí terminou não saindo e trabalhei em outros trabalhos, eu trabalhava de mecânico e era auxiliar e montador.¹⁶³

Conforme seu Airton, naquela época todo mundo tinha o sonho de trabalhar no (Departamento de Obras Contra as Secas (DNOCS), na Rede Ferroviária Federal (RFFSA), na construção da Estrada de Ferro Central e nos Correios, porque após receber o primeiro salário a pessoa já era um funcionário Federal. Ainda, conforme o seu relato, naquele tempo não tinha “esse negócio de concurso público não”¹⁶⁴. Os entrevistados, em sua maioria, vieram para Campo Maior em busca de emprego como podemos perceber no relato de Manoel de Holanda, natural do estado do Ceará. Sua família veio embora para cá “porque a crise lá estava muito ruim, por causa da seca, aí foi obrigada a vir embora todo mundo”¹⁶⁵

Os sujeitos ouvidos, relatam suas experiências de vida e não tem como objetivo atestar a verdade sobre o fenômeno do crescimento urbano na cidade, ou confrontar as falas com dados

¹⁶³ MENDES, José Airton. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 16 de julho de 2016.

¹⁶⁴ MENDES, José Airton. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, 20 julho de 2016.

¹⁶⁵ HOLANDA, Manoel Gomes de. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 13 de maio de 2016.

oficiais, mas trazer para o âmbito da pesquisa o cotidiano desses sujeitos, as motivações que os trouxeram para a cidade. Entender que a história não se traduz apenas na narração cronológica de fatos históricos, mas também na narração de experiências de pessoas que tem sentimentos, paixões, decepções, frustrações e lutas pela sobrevivência através de muito trabalho.¹⁶⁶

Conforme dados fornecidos pelo IBGE, compreende-se que a cidade de Campo Maior alcançou um crescimento populacional expressivo, lembrando que está se levando em consideração a realidade na sua população urbana entre os períodos de 1940-1980 como é possível perceber na tabela a seguir:

Tabela 3 - Crescimento populacional de Campo Maior entre 1940-1980

Crescimento populacional de Campo Maior-PI		
Ano	População total	População Urbana
1940	30.195	3.689
1950	39.927	6.992
1960	56.120	13.849
1970	61.549	18.400
1980	67.700	23.990

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Censos Demográficos de 1940-1980.

Pela tabela nº 2 percebe-se que no intervalo de dez anos, a população do município de Campo Maior, quase dobrou entre 1940 e 1950. A taxa de crescimento da população urbana foi de 89,53%, já de 1950 a 1960 foi de 98,06% e de 1960 a 1970 houve um decréscimo da taxa populacional, que variou numa média de 30%. Os motivos para alta na taxa de crescimento populacional entre 1940 e 1960 pode ser atribuída a fatores tais como: imigração, onde Campo Maior apresentava-se como uma próspera cidade em relação a oferta de empregos no setor do comércio e devido à valorização da cera de carnaúba que movimentava a economia local, mas também podia ser em decorrência de estiagens que assolavam outros estados empurrados seus habitantes para outras regiões mais desenvolvidas ou até mesmo pelo êxodo rural que empurrava o homem do campo para a cidade.

O sistema fundiário brasileiro desde sua colonização se deu de forma desigual e privilegiando poucos donatários que recebiam grandes faixas de terras com objetivos de favorecer a coroa portuguesa. Vários sistemas de governos (Imperial e República), cada qual com suas características, mas tais regimes fizeram muito pouco pela reforma agrária e as

¹⁶⁶ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

desigualdades permanecem afetando trabalhadores do campo que não conseguem concorrer com a modernização e mecanização de atividades produtivas, além disso, muitos são obrigados a trabalhar em terras cedidas pelos proprietários, em duras condições, sem nenhuma garantia trabalhista, ou em troca da terra para plantar e tirar dela o seu sustento.

Para Joaquim Cantuário ¹⁶⁷ que escreveu sobre a trajetória de movimentos sociais em Campo Maior, dentre os quais está presente a luta de agricultores rurais Antônio Damião de Sousa e Luiz José Ribamar Osório Lopes conhecido como Luiz Eduvirgnes que se destacaram através da mobilização e organização em defesa dos trabalhadores rurais de Campo Maior, em contestação ao regime de subserviência onde trabalhavam em terras de grandes latifúndios e viviam em situação de extrema miséria devido as explorações dos proprietários de terras. Antônio Damião vivia na localidade de Belo Monte. De acordo com o Sr. Damião, “as famílias, se quer, possuíam recursos para comprar um meio de transporte, tipo bicicleta ou até mesmo uma roupa melhor para um passeio ou uma festa”¹⁶⁸. Conforme Joaquim Cantuário, o trabalhador era submetido a toda forma de exploração que se possa imaginar sendo que:

O arrendamento caro era apenas um ponto da relação humilhante que a eles era imposta, em algumas situações o agregado era proibido de criar animais como: suíno, bode, ovelha para ajudar na manutenção da família, em algumas situações quando o proprietário tomava conhecimento mandava matar, alegando prejuízos nas pastagens.¹⁶⁹

Os trabalhadores rurais tinham apoio do Movimento de Educação de Base (MEB) e da Arquidiocese de Teresina com D. Avelar. Naquela época, a Igreja propugnava a filosofia de libertação Cristã, e assim assessoraram as primeiras organizações sindicais dos trabalhadores e “orientava como fundar os sindicatos, organizar a luta no campo e manter contato com outros trabalhadores rurais”¹⁷⁰. Essas colocações nos ajudam a entender as duras condições de vida dos trabalhadores rurais em Campo Maior, isso também impulsionou a mudança desses trabalhadores para a cidade em busca de emprego, acesso à saúde e educação.

¹⁶⁷ Joaquim Luiz Cantuário, nasceu em 1945, na localidade da zona rural, município de Campo Maior, é licenciado em Geografia, pela Universidade Estadual do Piauí- Campus Heróis do Jenipapo-Campo Maior, especialista em gestão do ensino pela Universidade Católica de Pernambuco. Foi trabalhador rural, sócio do sindicato dos trabalhadores rurais, sendo diretor do mesmo sindicato na década de 80, também foi fundador do sindicato dos servidores públicos municipais de Campo Maior-SINDSERM, e seu primeiro presidente, bem como foi um dos fundadores do partido dos trabalhadores na cidade, bem como criou associação dos moradores do bairro Cariri-AMBACARI, além disso, foi presidente da Cooperativa Agroindustrial Mista dos pequenos produtores de campo Maior, considera-se um católico praticante, sendo que é membro dos Casais com Cristo – ECC Paróquia de Santo Antônio da referida cidade.

¹⁶⁸ CANTUÁRIO, 2015, p.32.

¹⁶⁹ *Idem*, 2015, p.33.

¹⁷⁰ *Idem*, 2015, p.33.

Quanto a minha situação, como Campo-maiorense, eu sou rurícola, nasci na propriedade rural, interior de Campo Maior, de nome Rudiador, fui batizado na igreja de Nossa Senhora de Nazaré, hoje cidade de Nazaré, naturalmente não me dei bem com o campo, não nasci para agricultor, nasci para as Letras e assim pedi permissão para os meus pais para sair de casa quando completei quatorze anos, naturalmente procurei a cidade de Campo Maior, meu foco era estudar como na realidade ainda hoje é, tenho me dado bem na minha vida, eu não faço outra coisa se não me dedicar a escrever e a estudar, fui comerciário pra me manter durante a minha vida em Campo Maior, depois alcancei um concurso público federal, sou da Polícia Rodoviária Federal, órgão do Ministério da Justiça Federal obviamente aposentado, e não posso negar, uma aposentadoria boa.¹⁷¹

João Alves Filho¹⁷² em sua fala, mostra outro fator que atraía algumas pessoas para vir morar em Campo Maior, pois o campo não fornecia condições para quem pretendia seguir uma carreira baseada nos estudos, embora ele tenha obtido êxito nos seus estudos e em sua vocação para as Letras, não podemos afirmar que todos os migrantes que vieram morar na cidade, em busca de melhores oportunidades, tenham conseguido alcançar os mesmos objetivos, através da inserção em um cargo público, pois como foi mostrado anteriormente, seu José Airton Mendes Silva, “até hoje espera o seu emprego federal que nunca chegou”¹⁷³.

Nesse período, em Campo Maior, percebemos a preocupação do poder público e de autoridades locais como o Padre Matheus Rufino¹⁷⁴ através da criação de escolas como o Ginásio Santo Antônio¹⁷⁵, também criou uma casa para abrigar os filhos de pessoas que moravam na zona rural de Campo Maior, que não tinham condições de manter seus filhos na cidade, não fossem os esforços do Padre Mateus Rufino. Natália de Oliveira¹⁷⁶ em obra faz uma explanação sobre a importância desse Padre para a cidade e suas contribuições na área religiosa e também em várias questões de assistência social.

O Padre Mateus transformou a casa paroquial em casa de estudantes. Os jovens que chegavam para o internato vinham de diversas cidades como

¹⁷¹ ALVES FILHO, João. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 05 mai. 2017.

¹⁷² Idem.

¹⁷³ MENDES, José Airton. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 17 de jul. 2017.

¹⁷⁴ Padre Mateus nasceu em Ipiranga-PI, no dia 05 de julho de 1915, filho de Joaquim Rufino Silva e de Maria Cortez da Silva. Estudou em Oeiras, quando decidiu seguir a carreira sacerdotal, foi morar em Teresina, onde permaneceu até 1935. EM 1939 foi ordenado Diácono (membro do primeiro grau de ordem sacerdotal). Em 1940 Foi ordenado sacerdote em 08 de dezembro de 1940 em Teresina. Atuou como vigário cooperador da paróquia Nossa senhora da Conceição em Valença do Piauí, Mas a primeira a paróquia em que foi responsável de forma direta foi em Campo Maior na paróquia de Santo Antônio. (Oliveira, Natália, 2015)

¹⁷⁵ Fundado no dia 30 de maio de 1946, teve como primeiro diretor Hilson Bona (Juiz e tabelião da comarca de Campo Maior na época) e vice-diretor o padre Mateus que desempenhava também a função de professor em Latim.

¹⁷⁶ OLIVEIRA, Natália; Afonso, Alcília. **Da matriz vejo a cidade:** a igreja de Santo Antônio em Campo Maior. Teresina: Halley, 2015.

Barras, Porto, Nossa Senhora dos Remédios, Castelo, Piripiri, Pedro II, Capitão de Campos e do interior de Campo Maior.¹⁷⁷

Outra iniciativa do padre Mateus Rufino que repercutiu muito na vida dos campo-maiorenses foi quando ele decidiu demolir a antiga igreja erigida no século XVIII e construir um novo templo com a capacidade de comportar um número maior de fiéis. Apesar do templo não fazer parte dos edifícios administrados pela prefeitura, esse fato constitui-se como objeto de análise por fazer parte da história da cidade e da vida dos cidadãos.

A demolição repercutiu muito na vida dos campo-maiorenses, foi motivo de entusiasmo para alguns, e descontentamentos para outros. Para Natália de Oliveira,¹⁷⁸ as motivações que levaram o Padre Mateus a demolir a antiga igreja estava no fato do espaço ser considerado pequeno para receber um número crescente de fies, presentes as celebrações, além disso, o vigário podia querer acompanhar o movimento de renovação litúrgica e pelos novos anseios do Concílio Ecumênico Vaticano II, que procurava aproximar cada vez mais os fiéis aos rituais litúrgicos, empregando “modernos meios técnicos, que fiéis possam não só ver, mas também ouvir sem dificuldades o celebrante e os ministros”¹⁷⁹. Sobre as motivações para demolição da antiga igreja, João Alves afirma o seguinte:

[...] Quando chegou a Campo Maior, o padre Mateus Cortez Rufino em 1941 achou a igreja pequena, pois a cidade estava crescendo, o público era muito grande, pois toda região de Sigefredo Pacheco, Cocal de Telha, Jatobá, Capitão de Campos tudo isso pertencia a igreja de Campo Maior e a igreja se tornou pequena para tamanho desenvolvimento da catequização de todo o rebanho. E o Padre achou por bem demolir em julho de 1944 e construir esse majestoso templo, iniciando a construção no mês de agosto e inaugurada em 15 de agosto de 1962, portanto foi 18 anos de construção dessa igreja de Santo Antônio, uma obra muito bonita, sagrada, um templo majestoso. E nessa época passou a ser a terceira melhor igreja do norte do Piauí. Esse tempo foi benéfico, pois houve muita evolução, pois ainda naquela época o comércio era todo envolta da igreja, os festejos eram pequenos, o novenário era treze noites como ainda hoje é, os leilões eram no próprio patamar da igreja, às vezes na frente, às vezes no fundo; não tinha essa apoteose de festa que fazemos nos dias de hoje. Padre Mateus também ajudou na construção do ginásio de Santo Antônio e foi subdiretor durante 15 anos, em fim foi um padre historicamente muito bom e a demolição da igreja foi um ato benéfico, apesar de na época a demolição da primeira igreja ter sido um choque muito grande para a comunidade onde as pessoas ficavam tristes e até choravam observando os tratores passarem derrubando a igreja. Foi um momento de muito sentimento, mas que valeu a pena tanto é que a cidade cresceu.¹⁸⁰

¹⁷⁷ OLIVEIRA, 2015, p. 76.

¹⁷⁸ OLIVEIRA, 2015.

¹⁷⁹ SAGRADA, 1964, *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 191.

¹⁸⁰ ALVES FILHO, João. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 06 de maio de 2017.

As motivações para a demolição do antigo templo deviam-se ao crescimento urbano, haja vista que Campo Maior abrangia uma grande área compostas por alguns municípios, hoje emancipados e com o crescimento do número de fiéis que “precisava” de um templo maior e com padrões arquitetônicos modernos. De acordo com Natália Oliveira¹⁸¹, até mesmo os fiéis se empolgavam com esse “espírito” de renovação da paróquia:

O espaço religioso, que antes timidamente na paisagem, agora, de forma suntuosa, surge como um elemento cultural na paisagem. Não se busca aqui menosprezar o templo antigo que tombou, mas evidenciar uma mudança significativa que ocorreu na cidade com relação aos espaços sagrados, uma mudança que vai se diferenciar de muitos dos templos do restante do estado, que optara, mesmo em meio a tantos novos ditames, por manter-se em sua forma original, como é o caso de Oeiras e Piracuruca.¹⁸²

Imagem 7: foto da Avenida Demerval Lobão entre 1950-1960?



Fonte: Autor desconhecido, Acervo particular Assis Lima.

Na imagem 7 percebemos a principal avenida Comercial que foi se constituindo com o crescimento do comércio na cidade, no fundo do lado direito da foto observa-se a nova igreja em fase de construção. O templo começou a ser construído 04 de agosto de 1944, sendo concluído e abençoado solenemente pelo Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela no dia 15 de agosto de 1962. Observa-se que na imagem que pode ser datada entre 1950-1960, a igreja estava sem a torre. A construção foi concluída depois de 18 anos. Sobre a decisão de demolir a antiga

¹⁸¹ OLIVEIRA, 2015.

¹⁸² *Idem*, 2015, p.95.

igreja não foram registradas manifestações de resistência da população, pelo contrário, as pessoas ajudaram financeiramente ou prestando serviços voluntários na arrecadação de fundos através de promoções de bingos etc. Nesse sentido, o sentimento de modernidade impulsionava o padre Mateus Rufino “[...] o ser moderno envolvia múltiplas compreensões, desde a possível perda das raízes culturais e do passado histórico, até a aceitação de que é indispensável superar o atraso histórico.”¹⁸³

Imagem 8: Construção da nova igreja de Santo Antônio, 1960?



Fonte: Autor desconhecido, foto de acervo particular de Francisco de Assis Lima.

A iniciativa de destruir a antiga igreja que possuía traços da arquitetura colonial e podia ser considerado patrimônio arquitetônico, pode significar uma postura imbuída do sentido modernizador. O moderno se constitui numa oposição do tradicional, o novo ao antigo. A igreja antiga não condizia com a nova realidade da cidade. Os gestores queriam tornar a cidade bela e desenvolvida, portanto, a visão era de progresso e de rompimento com o passado colonial.

O movimento de transformação urbana também foi acompanhado e instituído pela prefeitura que interferiu tanto nas relações de planejamento urbano com o intuito de trazer o progresso¹⁸⁴ para a cidade através da demolição de prédios públicos como foi o caso do antigo mercado, alargamento de ruas, construção de estradas, pontes, iniciativas que procuravam trazer melhorias para facilitar o comércio, e tornar a cidade mais urbanizada.

¹⁸³ REZENDE, 1997, p.19.

¹⁸⁴ O termo progresso está ligado a tomada de consciência de uma modernidade uma vez que se refere a valorização da razão, da técnica como uma forma de trazer o desenvolvimento político, social e econômico para a cidade.

Outra importante obra que significou prosperidade e transformações na cidade de Campo Maior, ocorreu com a inauguração do FRIPISA, no dia 28 de junho de 1967, com objetivo de incentivar a industrialização no estado, o município foi escolhido em função de sua proximidade com a capital, Teresina, e para aproveitar a grande produção de gado da região, além disso, a instalação dessa indústria com abatedouros e máquinas modernas tinha como objetivos, produzir carne e embutidos dentro dos padrões de qualidade, higiene e condições sanitárias adequado ao fornecimento de carnes bovina para os municípios piauienses e outros estados, estimulando a geração de emprego e renda na cidade, e com a construção de malha ferroviária houve maior intercâmbio entre outros municípios e Campo Maior, haja vista que no dia 19 a 22 de julho de 1959, o Dr. Almir Pires Ferreira, técnico do Ministério da Agricultura, inspetor regional da DISPOA, com sede em Recife, veio a Campo Maior a convite do diretor-presidente das ações do FRIPISA, Dr. Lauro Correia para exame das plantas dos prédios a serem construídos na cidade. O engenheiro identificou a necessidade de modificações no projeto inicial acrescentando “a previsão de ramais ferroviário e rodoviário para matadouro, futuro bairro industrial.”¹⁸⁵

O Frigorífico do Fripisa era uma sociedade de economia mista, criado no dia 05 de novembro de 1957, pela lei estadual 1626/1957, a implantação dessa empresa seguia a linha desenvolvimentista do governo Federal, iniciada com Juscelino Kubitschek, com o objetivo de incentivar a pecuária piauiense, tinha sede industrial em Campo Maior e sede comercial em Teresina, na praça do Fripisa.¹⁸⁶

O prédio onde funcionava a indústria, ficava numa zona um pouco distante do centro e era quase desabitada, e muitos trabalhadores para facilitar seu deslocamento ao trabalho, construíram casas próximas, estimulando a formação do bairro Fripisa. Apesar do otimismo dos governantes que apostavam no progresso e desenvolvimento da região com essa indústria, por volta de 1990, ela foi fechada quando o governo estadual que era o acionista majoritário colocou à venda suas ações. Após o fechamento dessa empresa, ficou o sentimento de decadência, haja vista que a sua presença estimulava a geração de emprego e renda. Sobre essa empresa seu João da Cunha Lima, que trabalhou como marchante durante trinta anos no FRIPISA, narra sua experiência na indústria:

Quando eu cheguei aqui, o primeiro emprego que eu fui trabalhar foi no Fripisa, inclusive até na construção. Logo ali, parou, depois de tudo, passou

¹⁸⁵ Jornal do Piauí. Frigorífico do Piauí S/A FRIPISA 20 de setembro de 1958. p.5.

¹⁸⁶ BASTOS, Cláudio. **Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

cinco anos parada a construção, aí eu fiquei trabalhando em outro lugar, por aí fazendo bico. [...] aí, quando eu voltei, eu fixei no Fripisa de novo [...] aí, eu só saí de lá, quando fechou em 92 [...] trabalhava na matança de boi, trabalhei trinta e três anos lá.[...] empregou muita família, ela funcionou aí, uns trinta e poucos anos e tinha muito emprego, tinha época que tinha duzentos funcionários, aí de um governo foi vendido pro Firmino da Mapíl, aí foi mudando de dono, arrendando até que veio um grupo de Fortaleza, pensavam que tinham comprado, mas o prédio não pode vender porque é do estado, né? Aí acabaram, levaram todo maquinário [...] foi muito ruim, muito ruim, porque muita gente deixou de ganhar o pão, né? Tá lá jogado hoje!¹⁸⁷

Apesar de sua importância para a geração de emprego e incentivo ao desenvolvimento econômico e apoio aos produtores locais, o Fripisa acabou sendo fechado e teve seus maquinários vendidos para outro estado, os motivos para falência dessa empresa no estado pode ser explicado por fatores como a insuficiência de rebanhos que não atendia a demanda de exportação e comercialização, como era divulgado antes pela imprensa a mando do governo do estado, assim acabou tornando-se uma atividade pouco lucrativa. Para Antônio Araújo Loiola acontecia o seguinte:

Os bois vinham de Goiás, chegavam aqui, já perdiam uma parte do peso, eram abatidos, faziam a linguiça, a farinha de osso, embarcavam a carne e botavam para Fortaleza, e *aí* porque não podia fazer isso em Fortaleza? Tinha que ser feito aqui? Não dava... tinha que matar esse gado em Fortaleza, já que a carne era para lá! Chegaram à consciência que estavam trabalhando de graça apesar de ter dado emprego, deu também prejuízo.¹⁸⁸

A falta de planejamento pode ter sido um dos fatores que levaram a decadência do Fripisa, pois é meio incoerente montar um Frigorífico no estado se o mesmo não tinha capacidade de fornecer a matéria prima principal que era o bovino, haja vista que uma das justificativas das autoridades para a montagem do Fripisa em Campo Maior se dava pela grande capacidade produtiva com a presença de criadores na região.¹⁸⁹

¹⁸⁷ LIMA, João da Cunha. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, 03 de novembro de 2017.

¹⁸⁸ LOIOLA, Antônio Araújo. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 25 de junho de 2017.

¹⁸⁹ Jornal do Piauí. Frigorífico do Piauí S/A FRIPISA 20 de setembro de 1958.

2.3 Campo Maior no bojo do progresso: construção de obras públicas

A década de 1970 foi um marco na construção de várias obras importantes para Campo Maior, os recursos destinados à construção dessas obras eram provenientes do governo federal. Obras como o Mercado Público, o Terminal Rodoviário Zezé Paz, a sede da nova prefeitura, eram vistas como sinônimo de progresso, recebidas com muito entusiasmo na cidade. O terminal rodoviário Zezé Paz, construído na administração do prefeito Jaime da Paz (1971-1973) foi considerado como um dos mais modernos do Piauí¹⁹⁰. Uma estrutura com dois andares e cobertura metálica, representada como um elemento que proporcionaria o progresso para a cidade. O jornal *A Luta*, ecoa tal representação. Em matéria publicada no ano do Sesquicentenário da Batalha do Jenipapo, os editores e redatores narram a percepção daquele momento de Campo Maior, a partir da leitura de matéria publicada na *Revista Leia*,

Benício Morais, repórter especial da *Revista Leia*, informou que durante sua permanência em Campo Maior, no último sábado, sentiu o verdadeiro progresso em que vive a cidade. Visitou o mercado público, que o classificou de verdadeira obra modelo e mostrou-se empolgado com os trabalhos avançados da Estação Rodoviária Jaime da Paz, cuja conclusão está sendo feita pela administração do prefeito Dácio Bona.¹⁹¹

Sabe-se que a fonte não fala por si só, e que por trás de todo discurso existem interesses. O período em que o jornal circulou na cidade era um tempo de censura sistemática para os meios de comunicação (jornais, periódicos e outros meios) disseminadores de informação e cultura. Os proprietários e editores do jornal *A Luta*, sentiam a presença dos censores. Mas também não se pode esquecer a autocensura. Acrescente-se ainda que haviam motivos que determinavam o comportamento do corpo editorialista do jornal, como as ligações políticas com os ocupantes de lugares de poder no município, além do financiamento do poder público, prática comum no período. Desse modo, as notícias estavam relacionadas às construções de obras que ocorriam na cidade, informações em geral, e até assuntos históricos como a Batalha do Jenipapo.

¹⁹⁰ MIRANDA, José. A demolição. *A Luta*, Campo Maior-PI, 21, de outubro de 1972.

¹⁹¹ DIAS, Carlos. Estação Rodoviária. *A Luta*, Campo Maior-PI, 12 de agosto de 1973.

Imagem 9: Terminal Rodoviário Zezé Paz, 1973.



Fonte: Autor desconhecido, Acervo de Francisco de Assis Lima/ Museu Popular.

O jornal *a Luta* foi fundado em 1967 pelo Senhor Raimundo Antunes Ribeiro (Totó), tinha como diretor Geral, José Miranda Filho; e os diretores; José Rodrigues de Miranda e Francisco José de Sousa. Reafirmando que narramos no parágrafo anterior, a inauguração do FRIPISA mereceu destaque:

Como parte das comemorações de mais aniversário da Revolução Militar de 64, o Governador Alberto Silva, inaugurou as novas instalações do Frigorífico do Piauí, nesta cidade constante de fábrica de embutidos ou salsicharia, duplicação do sistema de compressão, estação baixadora e revestimento em chapa de alumínio das câmaras de estocagem, que aumentam a capacidade de produção em termos de exportação. Durante o almoço oferecido pela diretoria da empresa às autoridades estaduais e municipais e personalidades piauienses, especialmente convidadas, usou da palavra o prefeito Dácio Bona para, em nome dos campo-maiorenses e do seu próprio, agradecer ao governador os melhoramentos aplicados no Fripisa. O diretor presidente Dr. Artêmio Corso afirmou que o seu propósito e de toda a diretoria do Fripisa é de empregar esforços no sentido de melhorar sempre as condições da empresa e disse da sua intenção de manter contato produtivo com criadores do estado e, em especial, de Campo Maior, pela posição que ocupa de maior produtor de gado bovino. Frisou que o Fripisa já se equivale a muitos frigoríficos do Sul do país [...] Por fim o Dr. Sigefredo Pacheco e o Governador Alberto Silva fizeram alusões elogiosas à Revolução de 64 e suas consequências benéficas para a nação.¹⁹²

O jornal noticia a inauguração das novas instalações do Fripisa com muito júbilo, valorizando o papel do governo dos militares no processo de desenvolvimento da nação e especialmente para Campo Maior enfatizando esse município como um dos maiores criadores

¹⁹² Inauguradas as novas instalações do FRIPISA. *A Luta*. Campo Maior-PI, 01 de abril de 1973. Nº 256.

de bovino do estado. Também ressalta e elogia a administração do prefeito Dácio Bona que estava concluindo o mais moderno terminal rodoviário do Piauí.

A administração de Dácio Bona estava em sintonia com o Governo de Alberto Silva que no seu primeiro governo na década de 1970 investiu em grandes obras de infraestrutura e transporte no estado do Piauí, apesar de ter escolhido Teresina como lugar privilegiado para concretizar suas ações, houve também incentivos e construção de obras em outros municípios como em Campo Maior por exemplo. Os meios de comunicações que cobriam as ações da administração municipal davam conta das idas do administrador a Teresina, buscando apoio financeiro junto ao governador. É desse período a construção da sede da nova prefeitura e do Monumento aos Heróis do Jenipapo, além de calçamento de ruas.

A construção da nova sede da prefeitura, o Palácio das Carnaúbas, foi iniciada na administração do Prefeito Jaime da Paz e teve sua conclusão em 1976, na administração de Dácio Bona. O arquiteto Washington Bandeira do Santos projetou a obra que “Compõe-se de três prédios semi-interligados e adornados com janelas de contornos arabescos e um dos prédios é contornado com alpendraria em arco romano”¹⁹³. Está localizado na praça Luiz Miranda, com jardins e uma paisagem valorizando a Carnaúba que foi e ainda é um dos símbolos instituidores de uma identidade de Campo Maior. O prédio foi construído no local onde antes ficava o antigo mercado público da cidade.

Imagem 10: Prédio redondo onde funciona o gabinete do prefeito



Fonte: Acervo particular da autora, 2017.

¹⁹³ Estrutura arquitetônica: Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Palácio_das_Carnaúbas. Acesso em 12 de janeiro de 2017.

Imagem 11: Os outros dois prédios onde funcionam os setores administrativo, recepção e atendimento ao público.



Fonte: Acervo particular da autora, 2017.

A estrutura do prédio permanece a mesma desde sua edificação, sendo que foram realizadas apenas algumas reformas (pintura e restaurações).

O Monumento aos Heróis do Jenipapo era uma reivindicação antiga dos campomaiorenses. Defendiam que os homens que morreram na Batalha do Jenipapo mereciam o reconhecimento de todos os piauienses. Por ocasião do sesquicentenário dessa Batalha foram intensificadas. O jornal *A Luta* registrou que autoridades como Otacílio Eulálio, Marion Saraiva e outros saíram em defesa da edificação de um grande memorial que homenageasse os “heróis” que morreram lutando pela Independência do Brasil, uma vez que essa batalha garantiu a integridade do território nacional, dada as pretensões da coroa portuguesa de manter os territórios que compunham as províncias do Pará, Maranhão e Piauí. Os dois primeiros eram os principais produtores de especiarias e ervas e o segundo era produtor de couro e charque para Portugal.

A construção do monumento foi realizada durante o governo de Alberto Silva (1971-1975) e de Dácio Bona (1971-1975), prefeito do município. O jornal *A Luta* registra a sintonia entre o governo municipal e o governo estadual em torno da ideia de progresso e desenvolvimento:

Com o objetivo de buscar melhorias para Campo Maior, o prefeito Dácio Bona esteve 6º feira com o governador Alberto Silva no Palácio de Karnak. O chefe do executivo municipal reivindicou o governo do estado a dinamização do ensino em nosso município, construindo uma unidade Polivalente dos mais completos; a recuperação do trecho rodoviário Campo Maior/Cabeceiras ativando o processo econômico campo-maiorense e da região; a concretização de um velho anseio do nosso povo que é o término das obras do Monumento do Jenipapo. O governador Alberto Silva atendeu as solicitações do representante de Campo Maior, ao anunciar a construção da Polivalente para 1974; ao encaminhar à CORDERPI o problema da estrada; bem como marcando para essa semana o reinício das obras no Jenipapo que estavam paralisadas por falta de material, tendo acertado definitivamente a inauguração do monumento para 16 de novembro vindouro, data que coincide com o encerramento das manobras da 10º Região militar que se realizarão em Campo Maior.¹⁹⁴

O lançamento da pedra fundamental do monumento foi realizado no dia 31 de março de 1973 e daí então o jornal A Luta sempre noticiava e acompanhava o andamento da obra, enfatizando o caráter histórico da Batalha e a importância de Alberto Silva para concretização do sonho de ver perpetuada na memória dos piauienses o acontecimento. Além disso, havia o desejo manifesto das autoridades de inaugurar a obra ainda em 1973, ano de aniversário do sesquicentenário da Batalha, ocorrida às margens do Riacho Jenipapo. Pierre Nora¹⁹⁵ nos lembra sobre o conceito de “lugares de memória”:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais.¹⁹⁶

O governador Alberto Silva com a construção de obras imponentes como o Monumento, e o Estádio de futebol “O Albertão” visava inscrever seu nome na História. Compreende-se que o governador demonstrava querer ser lembrado pelos seus feitos. De acordo com a pesquisadora Cláudia Cristina Fontinelles:¹⁹⁷

Alberto Silva transformou a luta pelo registro e pela manutenção de sua imagem na memória e na história em locais, o principal símbolo de sua luta contra o perecimento. As ações governamentais erigidas ainda na década de 70 funcionaram como verdadeiros palácios de memórias e geraram aplausos

¹⁹⁴ Dácio esteve tratando com Alberto Silva do nosso desenvolvimento. A Luta. Campo Maior, 30 de outubro de 1973, n.º 283.

¹⁹⁵ NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto história, São Paulo, n.º 10, dez. 1993. p. 7-28.

¹⁹⁶ NORA, Pierre, 1993, p. 13.

¹⁹⁷ FONTINELLES, Cláudia Cristina da Silva. **O Recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na memória e na história do Piauí**. Teresina: EDUFPI, 2015.

e reconhecimento durante as recitações em defesa de seu nome ou mesmo quando contra ele voltava-se qualquer crítica.¹⁹⁸

Continua Cláudia Cristina Fontinelles, Alberto Silva a partir da construção de obras arquitetônicas e monumentos comemorativos objetivava ligar seu nome a esses lugares de memórias, evitando que seu nome fosse esquecido e apagado pelas “páginas” do tempo. Durante a construção do monumento, o jornal *A Luta* divulgava matérias sobre a preocupação das autoridades públicas em homenagear a memória dos heróis que morreram na Batalha. Ao tempo, alertavam para o fato de que a obra era mais um símbolo que proporcionava o desenvolvimento turístico não só do município de Campo Maior como do estado do Piauí:

O engenheiro Murilo Resende mostrou-se otimista com as obras de iniciação do Monumento do Jenipapo. Localizado a sete quilômetros desta cidade, onde as forças aliadas libertaram as glebas piauienses do poder de Fidié, ‘agora, com a aceleração das obras, o Monumento estará definitivamente pronto para ser inaugurado pelo governador Alberto Silva, no dia 19 de outubro deste ano’ Disse o secretário de obras públicas, enfatizando que o Monumento será construído dentro dos melhores padrões técnicos, acompanhando o valor da obra, paralelamente a sua importância como marco histórico e ponto de atração turística. Dizendo que o Piauí hoje, ingressa numa nova fase desenvolvimentista, o secretário Murilo Resende disse que essa nova dimensão representa o fruto do otimismo ilimitado do governador Alberto Silva, pois hoje o Piauí é visto com outra imagem: a imagem do progresso. É com o que também concordamos, pois as novas obras mostram, o verdadeiro trabalho pela causa estadual, principalmente em nossa região que a poucos dias ganhou um grande hospital em Piri-piri e anteontem, aqui em Campo Maior, o governador Alberto Silva inaugurou o novo quartel de polícia, construído dentro dos melhores padrões de engenharia moderna¹⁹⁹

Como percebe-se, o discurso do engenheiro relaciona a construção do monumento como fruto do otimismo de Alberto Silva, enfatizando o caráter técnico da obra e sua importância para o desenvolvimento da região, pois além de perpetuar a memória dos heróis anônimos que tombaram na Batalha do Jenipapo, também inseria a cidade nas linhas dos discursos progressistas que o Piauí fazia parte naquele momento.

Nesse sentido, compreende-se que o processo de modernização que envolve a cidade passa por uma concepção linear, é como se o cronista, que exalta essa modernização da cidade, estivesse sempre olhando do presente ao futuro imbuído de um sentimento utópico de progresso. Para Antônio Paulo Rezende a cidade moderna é fragmentada pois:

¹⁹⁸ FONTINELLES, 2015, p. 153.

¹⁹⁹ Vamos prestigiar a nossa História. *A Luta*, Campo Maior, 16 de junho de 1973, nº 261.

A cidade está sempre em movimento que é impossível de ser percebido na sua totalidade e que não tenha talvez um sentido comum. Ou as coisas, ou os homens mudam. A fragmentação toma conta da cidade moderna na medida que cresce nela a ideia que se pode sempre aperfeiçoá-la. Ela não cessa então de ser reconstruída, cria-se uma obsessão. As imagens que se tem dela passa a ser modificada constantemente, a dialética entre o velho o novo ganha dimensões incríveis²⁰⁰

Paralelo a construção do monumento havia a preocupação do prefeito Dácio Bona em deixar a cidade com um aspecto mais urbanizado através do calçamento de várias ruas, principalmente as que faziam ligação com o centro:

Preocupado com o aspecto urbano da nossa cidade, o Prefeito Municipal, está cuidando de calçar várias ruas, já tendo providenciado o calçamento de parte da rua Dr. Pedro Teixeira, e está calçando o terminal da Cel. Costa Araújo, sendo ainda, intenção da atual administração, ligar por calçamento todas as ruas que partem do asfalto do contorno em direção ao centro da cidade.²⁰¹

A preocupação em mostrar a cidade mais limpa e urbanizada de Dácio Bona estava ligada as reformas urbanas que a mesma estava passando, através da construção do Palácio da Prefeitura, o Monumento e terminal Rodoviário que se configuravam como obras importantes que eram tomadas pelo discurso de progresso, mas também isso acontecia, porque a inauguração do Monumento era vista como uma obra significativa não só por rememorar o caráter histórico como também por reunir muitas autoridades em torno desse acontecimento, na verdade houve uma grande propaganda cívica imbuídas de um caráter patriótico, que também se refere a uma das características dos governos ditatoriais, pois havia necessidade do fortalecimento das questões cívicas. E a batalha do Jenipapo foi tomada como um símbolo de coesão e construção de uma memória coletiva e de identidade cultural para os Piauienses.

Os discursos apresentados no Jornal A Luta apresentavam o desenvolvimento da obra com certo tom de exaltação do Governo de Alberto Silva e como anseio do povo campo-maiorense como depreende-se na citação a seguir:

[...] Na semana passada, para contentamento de todos os campo-maiorenses, o estrondar operantes das máquinas, com atividades permanente, dava resposta ao pessimismo, de quantos não acreditaram ou se colocaram contra a construção do Monumento do Jenipapo em Campo Maior. Vieram as primeiras atividades juntas com a boa vontade da equipe do Governador Alberto Silva. Estão presentes no Jenipapo, os gestos enaltecidos da cultura piauiense, nas pessoas dos baluartes da concretização do grande sonho. Está, enfim, a alma piauiense, em ver as obras iniciadas, em ritmo acelerado e a vibração dos patriotas pela perpetuidade dos seus heróis. É a história viva que

²⁰⁰ REZENDE, 1997, p.24

²⁰¹ Prefeitura está urbanizando a cidade. **A Luta**, Campo Maior, 21 de outubro de 1973. Nº 286.

ressurge numa nova batalha outra vez vencida pelos campo-maiorenses. É a nova epopeia escrita em benefício do progresso cultural e de uma nova batalha vencida pelo Dr. Murilo Resende que, lutando contra tudo e contra todos, vai dar a Campo Maior o que a cidade realmente merece que é destaque das grandes e vitoriosas lutas do seu povo [...].²⁰²

Apesar do monumento ser apresentado como anseio do povo campo-maiorense, compreende-se que nem todos estavam de acordo com essa obra. Infelizmente não é possível apontar os grupos políticos que se opunham à construção do monumento pela falta de acesso aos registros ou vestígios que possam ajudar a compreender melhor esse aspecto. De acordo, com o Secretário de Obras e Engenheiro Murilo Resende, a obra do monumento tinha o objetivo de “dar à Campo Maior uma das raras e grandes belezas, em função da obra Histórica”²⁰³. Nesse sentido, havia também certa preocupação por parte do prefeito Municipal com a conclusão da obra que deveria ser inaugurada no dia do aniversário do Piauí, 19 de outubro, mas infelizmente, apesar do empenho da empresa responsável pela construção da obra, a firma “Lourival Parente”, a entrega e inauguração só foi realizada no dia 6 de novembro:

Preocupado com tudo aquilo que diz de perto do interesse municipal, o prefeito Dácio Bona, esteve novamente no local de construção do Monumento, em homenagem aos heróis do Jenipapo, podendo constatar, o andamento daquela obra, cuja data de inauguração já está marcada para o dia seis (6) do próximo mês de novembro, coincidindo assim com o encerramento das manobras militares, nesta cidade que, sem dúvida alguma, dará mais realce àquela solenidade.²⁰⁴

De acordo com a matéria, a visita do prefeito ao canteiro de obras do monumento demonstra a preocupação do Prefeito Dácio Bona com a conclusão da obra para que tudo ocorresse dentro do prazo previsto e com todas as solenidades que abrilhantariam mais a inauguração do Monumento aos Heróis do Jenipapo, além disso a inauguração deveria ocorrer no sesquicentenário da batalha. O jornal *A Luta*, na pessoa do editor Otacílio Eulálio, já reclamava da necessidade da construção desse monumento, de vez em quando lançava alguma matéria para falar sobre o andamento da construção que apresenta “uma obra bem planejada que será um orgulho para a cidade e um centro de atração turística. Sua construção feita pela secretaria de obras públicas, obedece a estruturas modernas”²⁰⁵.

²⁰² Governador Alberto Silva realizou mais. *A Luta*, Campo Maior, 23 de julho de 1973, n.º 274.

²⁰³ DIAS CARLOS, *A Luta*. Campo Maior, 29 de julho de 1973, n.º 275.

²⁰⁴ Prefeito visita obras do Monumento do Jenipapo. *A Luta*, Campo Maior, 14 de outubro de 1973, n.º 285.

²⁰⁵ Secretaria de Obras inicia trabalhos em Campo Maior. *A Luta*, Campo Maior, 26 de julho de 1972, n.º 274.

O monumento apresentava as seguintes características: “com dois espelhos d’água e uma torre ao meio, de duas escadarias, medindo 36 metros de altura”²⁰⁶. Está situado próximo ao local onde ocorreu a batalha e cerca de 5 quilômetros de distância do perímetro urbano de Campo Maior. O monumento tem a função de comemorar, recordar, um acontecimento histórico, Batalha do Jenipapo, que se tornou um patrimônio cultural material e imaterial dos campo-maiorenses. O monumento edificado em 1973 foi constituído com “a finalidade de homenagear aos Heróis que morreram na Batalha do Jenipapo e para que esse ato heroico não caísse no esquecimento”²⁰⁷. De acordo com Kersten²⁰⁸ existe uma grande relação entre patrimônio e a constituição da nação, haja vista que as edificações comemorativas glorificam um passado de glória escolhendo seus grandes feitos e heróis. Pois, é neles em que a nação deveria se espelhar como se entende a seguir:

Ao associar-se a edificações e monumentos comemorativos e a glória de uma nação, o conceito patrimônio estaria recoberto por conotação ideológica, pois o passado e a tradição seriam reescritos e reinterpretados, através deles com base em elementos, fatos e situações que, pichados, redesenhariam um quadro que simbolicamente remeteria à cultura comum. A eficácia de semelhante ação seria possível pela criação de uma relação metonímica entre os elementos, monumentos, espaços capturados do passado e o presente estabelecendo uma continuidade temporal. Ter-se-ia a sensação de *sentir, ver e ouvir* os ecos do passado inscritos nos bens patrimoniais. O acontecimento ressurgiria de um tempo pretérito urdido numa textura coerente e tornar-se-ia *fato histórico*, instituindo uma leitura possível do passado. Desta maneira, o patrimônio enraizar-se-ia na concretude de um espaço-tempo que adquiririam vida e significado no presente²⁰⁹

Verifica-se a importância e o caráter histórico dos monumentos que devido ao fato de atravessar o tempo, podem dizer sobre o passado, fazer recordar um momento ou rememorar o tempo vivido pelos sujeitos históricos. Disso, passa a existir uma grande preocupação do estado, de pesquisadores, instituições em preservar os monumentos antigos. Pois de acordo com Kersten “um monumento não existe por si mesmo, ele reconta a história e aviva a memória constituindo uma linguagem que fala do pretérito”²¹⁰. Já os monumentos de valor de rememoração intencional, conforme Riegl: “tenderia a isolar o momento do processo histórico

²⁰⁶ FILHO, R. S. O. **Os caminhos da História e da cultura**: Os encantos de Campo Maior. Monografia apresentada a Universidade Estadual do Piauí- UESPI. Graduação em História. Campo Maior, 2010, p. 50.

²⁰⁷ Pronunciamento escrito na placa de inauguração do monumento aos heróis do jenipapo. 1973.

²⁰⁸ KERSTEN, M. S. A. **Os rituais de tombamento e a escrita da história**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000, p. 34.

²⁰⁹ KERSTEN, 2000, p.45, [grifos do autor].

²¹⁰ *Ibid.*, 2000, p.39

e apresentar-se uma face precisa que se refere ao presente. Sua função liga-se ao momento passado, apontando onde, quando e com que intenção foi construído”²¹¹.

Nesse sentido, o monumento “aos Heróis do Jenipapo” pode ser definido pelo valor de rememoração intencional, ligado a um acontecimento histórico que reflete no presente e construído por aqueles que queriam exaltar e perpetuar, a memória de um acontecimento grandioso para o estado do Piauí. A História registra que a Batalha do Jenipapo foi um dos momentos histórico em que o Piauí teve a influência de caráter nacional. Monsenhor Joaquim Chaves²¹² defende que essa batalha garantiu a unidade do território nacional. Compreende-se que a finalidade da construção do monumento não era só preservar a memória dos que morreram na batalha, mas existiam outros fatores como o fortalecimento das questões cívicas, o culto e amor ao estado do Piauí que sempre foi visto com certo preconceito pelos brasileiros de outras regiões do país; criar laços identitários e monumentalizar uma batalha na luta pela Independência do Brasil desconhecida pelos brasileiros e piauienses.

Ao lado de obras como a construção do monumento, havia também a preocupação do prefeito Dácio Bona com a limpeza das principais ruas, principalmente as que tinham mais visibilidade pelos visitantes:

O prefeito municipal de Campo Maior, Dr. Dácio Bona, está mandando fazer limpeza nas ruas que estavam cheias de matos, como era o caso da que se estende até a estação rodoviária, que estava dificultando a passagem de pedestres e até mesmo de veículos, dava até má impressão a quem passava por ali com destino a outras cidades vizinhas. Campo Maior melhorou de aspecto, mas ainda falta olhares do Sr. Prefeito para uns buracos existentes em várias ruas de nossa cidade, provenientes das chuvas e do tráfego, causando até banho de lama a quem por ali passava ou mesmo derrapamento de carros. Se feito isso estamos de parabéns, pois moramos numa terra de povo limpo e civilizado.²¹³

As transformações urbanas em Campo Maior passavam por ideário higienista e sanitarista, conforme o cronista, pois apesar das melhorias que ocorria na cidade era necessário pensar em outros problemas, como os buracos nas ruas e que após a realização de obras que supririam essas falhas, mostraria como o povo campo-maiorense é “limpo” e “civilizado”. A cidade continua se transformando, difícil é tentar “prendê-la” ou percebê-la como um todo em único espaço de tempo ou recorte temporal, pois em determinados momentos a concepção que temos dessa cidade que se decompõe e recompõe-se a cada dia, em cada governo, em diferentes mandatos de prefeitos, é que não há uma única cidade moderna, são as pessoas, os gestores que

²¹¹ RIEGL, 1982, *apud*, KERSTEN, 2000, p. 37

²¹² CHAVES, J.O **Piauí nas lutas de independência**. Teresina: Alínea publicações, 2005.

²¹³ Dácio Bona faz limpeza na cidade. A Luta, Campo Maior, 01 de abril de 1973, nº 259.

definiram o que era moderno para eles, assim a modernização da cidade em sua relação com a modernidade se resume na “experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida que é compartilhada por homens e mulheres em todo mundo”²¹⁴ Marshall Berman afirma que:

A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade e desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar”²¹⁵

As transformações na cidade de Campo Maior ocorreram em vários momentos, uma vez que a cidade está sempre se renovando através de novas construções, edificações, mesmo que algumas mudanças ocorram de forma autoritária, sem consulta pública, e com a justificativa do bem coletivo ou para maior conforto e comodidade para seus habitantes. No geral, nem todos compartilham da mesma maneira essas novidades da cidade moderna.

²¹⁴ BERMAM, 1986. p. 11.

²¹⁵ *Idem*, 1986, p. 15.

3 VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS NO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DE CAMPO MAIOR

O objetivo desse capítulo é narrar como a zona urbana de Campo Maior foi se transformando através da chegada de alguns elementos tidos como modernos: energia elétrica, água encanada, o cinema, clubes; a presença de automóveis e a chegada do trem, destacando como habitantes significaram essas mudanças e como isso repercutiu na vida deles. A metodologia constituiu na análise de fontes orais, documentos oficiais e jornais, relatos memorialísticos. Nesse sentido, operei com o conceito de cidade definido por Michel de Certeau:

A “cidade” instaurada pelo discurso utópico e urbanístico é definida pela possibilidade de uma tríplice operação : 1 a produção de um espaço próprio: a organização racional deve portanto recalcar todas as poluições físicas, mentais ou políticas que as comprometeriam; 2 estabelecer um não tempo ou sistema sincrônico, para substituir as resistências inapreensíveis e teimosas das tradições...;3 enfim, a criação de um sujeito universal e anônimo que é a própria cidade... a organização funcionalista privilegiando o progresso (o tempo) faz esquecer a sua condição de possibilidade, o próprio espaço que passa a ser o não pensado de uma tecnologia científica e política, Assim funciona a cidade-conceito, lugar de transformações e apropriações, objeto de intervenções, mas sujeito sem cessar enriquecido com novos atributos: ela é ao mesmo tempo maquinaria e o herói da modernidade. ²¹⁶

Campo Maior serviu de lugar para diversas apropriações pelo poder público, foi objeto de intervenções e as justificativas para essas intervenções estava relacionada ao progresso que a cidade alcançava com chegada de elementos que prometiam mais conforto, e que deveriam torná-la mais desenvolvida e moderna, Nesse processo, fica a interrogação: apesar das intervenções que ocorreram em Campo Maior, através da iluminação pública, calçamento de ruas, embelezamento de praças, alargamento de avenidas, construção de novos edifícios, implantação do cinema, desenvolvimento dos transportes, a cidade viveu sua modernidade? Houve um processo de modernização de Campo Maior? Que elementos demonstram isso?

²¹⁶ CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 175.

3.1 O embelezamento das praças Bona Primo e Rui Barbosa.

As praças Bona Primo e Rui Barbosa sempre tiveram atenção do poder público, pois elas se destacavam por ocuparem um espaço privilegiado em Campo Maior, localizadas no centro. A primeira ficava na frente da igreja Matriz de Santo Antônio e a segunda, nos fundos do mesmo templo católico. As primeiras intervenções no sentido de embelezar a praça Rui Barbosa ocorreram a partir de 1933 na administração de Francisco Alves Cavalcante, “a antiga praça foi remodelada, recebendo um novo mobiliário e vários equipamentos (bancos, coreto), tornando-se um espaço de lazer e convivência social”²¹⁷. A partir de então, tornou-se um lugar de encontros e passeios aos finais de semana, inserindo a cidade num modo de viver moderno, haja vista que a praça remodelada e iluminada chamava atenção dos moradores da cidade, pois poucos usufruíam do sistema de iluminação elétrica em suas casas, que por sinal, ainda era bastante precário. O fornecimento de energia elétrica, funcionava das 18:00 às 23:00, restringindo-se praticamente ao centro da cidade, onde estavam concentrados lojas, bares, restaurantes e alguns estabelecimentos públicos como o hospital, cadeia, dentre outros.

Francisco Cardoso²¹⁸ funcionário aposentado da CHESF, memorialista que viveu toda sua infância em Campo Maior, representa como era a praça Rui Barbosa nas décadas de 40 e 50, apontando como muitas coisas se modificaram em Campo Maior “seja no físico, cultural, social ou mesmo comercial.” Sobre a praça Rui Barbosa, recorda:

A praça Rui Barbosa daquela época era muito bonita. Com passarela de passeio, bem planejada e conservada, bancos dispostos em locais adequados para o público sentar, sentindo-se bem, bater um papo com amigos, ou mesmo com a mulher amada. Canteiros bem cuidados, com flores diversas e algumas delas, no começo da noite, exalavam cheiro agradável e aragem cuidava de espalhar aquele perfume natural por toda aquela área.²¹⁹

Além disso, na referida praça havia o coreto onde a banda Lira de Santo Antônio se apresentava nos finais de semana, alegrando a noite das pessoas que iam procurar alguma forma de lazer. A praça ainda servia como palanque para discursos políticos e festas cívicas. Além da banda de música aos finais de semana, contava-se com o serviço de som da amplificadora Comercial de Campo Maior, aliás, haviam duas amplificadoras uma na praça Rui Barbosa e

²¹⁷ OLIVEIRA, 2015, p.119.

²¹⁸ Francisco da Silva Cardoso, memorialista de filiação de Enos da Silva Cardoso e Isabel Furtado de Moraes Cardoso, nasceu em Barras Marataoã-PI, no dia 12 de março de 1936. É formado em Geografia pela Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. Trabalhou na Casa Marc Jacob S/A, foi secretário do colégio Agrícola de Teresina, depois trabalhou em outros órgãos como na COHEBE, também foi presidente do Diretório Acadêmico D. Avelar Brandão Vilela, período de 1964-1965. Aposentou-se pela Companhia Hidroelétrica do São Francisco-CHESF.

²¹⁹ CARDOSO, 2014, p.14

outra na Praça Luís Miranda. Apresentavam programas musicais e faziam propaganda das lojas comerciais, localizadas na sede do município; divulgavam notas de falecimentos, nascimentos, batizados, bem como anúncios de festas em outros municípios e na sede do município nos finais de semana. Esses meios de comunicação eram empregados também para manifestações de protestos e críticas políticas. Neste caso, a Amplificadora Carnaúba, que possuía apenas um alto falante e o estúdio localizava-se nas dependências do prédio da dona Olinda, defronte à Praça mencionada há pouco. Tinha como locutores Davi Melo e Luís Capucho do Vale. Era patrocinada por Sigrefedo Pacheco, político atuante em Campo Maior, eleito prefeito em 1935. Depois foi a senador da República.

Como percebe-se, a praça era um espaço de lazer, mas funcionava também como um lugar de difusão de ideias e debates políticos onde suscitavam-se os problemas da cidade e críticas ao governo e gestores da situação. Sigrefredo Pacheco, filho de família de classe social elevada, quando jovem, foi estudar no Sul, formando-se em Medicina na Faculdade do Rio de Janeiro, tendo contato com as ideias liberais e contestatórias do regime político da época. Ao voltar para sua cidade natal, tornou-se um ferrenho adversário das forças políticas da época que ocupavam lugares de poder na ocasião. Usava de sua influência política e econômica para combater os adversários políticos da situação.²²⁰

²²⁰ Sigrefredo Pacheco nasceu em Campo Maior em 22 de maio de 1904, filho de Vicente Pacheco e Inês da Costa Araújo Pacheco. Sendo irmão de Ivon Pacheco que foi prefeito de Campo Maior sucedendo Waldeck Bona de 1949 a 1951. O outro irmão, Cláudio Pacheco Brasil, formou-se em Direito na então Universidade do Rio de Janeiro. Trabalhou como redator no O Jornal e A manhã no Rio de Janeiro. Quando voltou para o Piauí fundou junto com Hugo Napoleão o jornal O tempo, que circulou em Teresina entre 1933 a 1940, quando foi eleito Deputado estadual. Trabalhou em altos cargos no Banco do Brasil entre 1947 e 1955, tornou-se por meio de concurso público Catedrático de Direito Constitucional da Faculdade de Direito do Piauí. Em 1957 foi assessor parlamentar da Presidência da República e conselheiro da ONU em Nova York. De 1961 a 1964 foi diretor da colonização do Banco do Brasil e depois foi diretor da Carteira de Crédito Geral. Desligou-se desse cargo para escrever a História do Banco do Brasil. Logo percebe-se como as críticas de Sigrefredo não eram sem maiores pretensões uma vez que o mesmo era um político muito atuante na cidade. Foi prefeito em 1935, mas perdeu o mandato com o golpe do Estado Novo. Voltou à cena política em 1945, quando foi eleito Deputado Federal por três mandatos consecutivos e em 1962 foi eleito Senador da República, trazendo várias emendas parlamentares que se destinavam a benefícios como a construção da Maternidade que recebeu o nome de maternidade Sigrefredo Pacheco em sua sua homenagem. Sigrefredo Pacheco durante seu mandato 1936-1938 construiu escolas, praças e organizou a Biblioteca e teatro municipal. Construiu um pontilhão sobre o Rio Surubim resolvendo alguns problemas de enchente naquele local. (CASTELO BRANCO, 1992, p. 206.).

Imagem 12: Praça Rui Barbosa, principal praça da cidade na década de 40.



Fonte: Acervo Particular de Olavo Pereira Silva.

A praça Rui Barbosa tornou-se um lugar privilegiado e o centro das atenções do poder público em relação a seu embelezamento. Era um dos lugares prediletos para os passeios públicos e tinha como principais frequentadores os jovens. Embora houvesse diferenças que eram perceptíveis por pequenos sinais como, o vestuário, acessórios, modo de se comportar dentre outras características, a praça como um lugar público, era para todos independente de condição econômica e social. A esse respeito, Joaquim Pereira,²²¹ relembra os passeios na praça Rui Barbosa:

Às quintas-feiras e nos fins de semana era dia de “praça,” dia de todo mundo, principalmente os jovens, comparecer à praça RUI BARBOSA, andava-se em dois círculos concêntricos, os homens no externo, em uma direção, e as mulheres, no interno, em direção contrária, de modo que, no cruzar, os olhares se encontravam. E, encontrado e correspondido, o olhar que ele ou ela desejava, aí começava o flerte. Algumas voltas depois, o homem mudava de

²²¹ Joaquim Pereira Oliveira, nasceu na comunidade rural denominada de Cajazeiras, hoje atual município Jatobá do Piauí, era de família simples da zona rural, sua mãe ficou viúva muito cedo com seus 9 filhos, segundo suas memórias teve que lutar contra as várias circunstâncias contrárias para vencer na vida. Veio para Campo Maior, seu irmão mais velho sabia ler e lhe ensinou também Dr. Sigefredo que tinha uma fazenda por aquelas regiões deu apoio ao seu irmão dando emprego na rádio difusora com a condição que iria continuar seus estudos, depois que seu irmão já estava um pouco estabilizado levou Joaquim para estudar o primário em uma escola religiosa de Teresina, mas depois ele por influência do Dr. Sigefredo e conseguiu uma bolsa de estudo no ginásio Santo Antônio de Campo Maior com a condição de não tirar notas inferiores a sete, sempre obteve muito êxito terminando os estudos nesse colégio, depois estudou o Liceu onde fez o científico, em seguida prestou concurso público para o banco do Brasil na agência de Campo Maior. Segundo seu relato a maioria dos seus colegas que estudaram no ginásio Santo Antônio se tornaram bancário, médicos mostrando a importância social dessa instituição na cidade.

direção, acompanhando aquela que lhe confirmara o flerte. Era o começo do namoro.²²²

A praça Rui Barbosa por ficar estrategicamente por trás da igreja Santo Antônio, no centro da cidade, a poucos metros do Cine Glória, bares, comércios etc., era um lugar bastante frequentado pelos jovens que iam passear na praça em busca de lazer, sociabilidade ou busca de namoros. O período rememorado pelo entrevistado se refere ao final da década de 1950 durante a década seguinte, quando Joaquim Oliveira começou a trabalhar na agência do Banco do Brasil.

Marcos Vasconcelos relembra e faz uma caracterização de como era a praça após seu embelezamento, tornando-se o principal ponto de atração dos cidadãos. Acredita que houve naquela ocasião mudança de hábitos, muitos aproveitavam a ocasião para vestir a melhor roupa e exibi-la para os amigos e conhecidos que iam passear na praça mais bela da cidade.

Era uma praça pequena, mais tinha a honra de ser a principal atração da cidade (qual a cidade do interior que não tem sua praça principal?) Mais ou menos encravada em 1.600m², era toda arborizada, com figueiras, carnaubeiras, jatobás, acácias, etc. Possuía um coreto para as retretas, vários bancos para namorar, inclusive alguns caramanchões de bambu, jardins bem cuidados, dois grandes tanques com água (um de cada lado do coreto) para aguar as plantas. Toda cimentada do lado de fora. Ali, num sentido, viravam os homens no outro as mulheres, cruzando olhares e iniciando grandes namoros. Do lado de dentro, na terra batida, era o mesmo movimento, frequentada por aqueles que queriam mais privacidade. À noite, toda iluminada, com banda de música do coreto, a retreta ia até 21 horas, quando a debandada era geral, pois moça que se prezava não ficava na praça após a retreta. Até o “curical” sumia assim eram chamadas algumas daquelas que circulavam na parte interna da praça.²²³

A praça tornou-se um lugar de memória pois é comum os entrevistados lembrarem dos momentos de sociabilidades que ocorriam naquele lugar. Também foi um dos primeiros logradouros públicos a receber alguns elementos considerados modernos para época, como a energia elétrica. Marcou a memória de alguns setores sociais, principalmente daqueles que vivenciaram de perto as novas sensações e mudanças que iam acontecendo na pequena cidade. Para Berman,²²⁴ é necessário refletir sobre como ocorreu a modernização em países fora do ocidente como, por exemplo, na Rússia e em países “subdesenvolvidos” enfatizando que nesses lugares a modernização foi bem mais complexa e paradoxal. Por outro lado, Gervásio Aranha

²²² OLIVEIRA, Joaquim Pereira de. **Estrelas no chão**: memórias. Brasília: André Quicé Editora, 1997. p. 68.

²²³ VASCONCELOS, 2006, p. 73.

²²⁴ BERMAM, 1982.

²²⁵ afirma que a modernidade que ocorreu em pequenas e médias cidades do Norte e Nordeste, estava ligada a novas sensações e experiências introduzidas no cotidiano dos habitantes e pelas novas conquistas materiais que passaram a ser considerados no “imaginário urbano como símbolos do moderno”²²⁶. Aqui, os significados da modernidade transitam mais pelas sensações e seduções do moderno do que pelas dimensões físicas e populacionais dos espaços urbanos em análise²²⁷. Nesse sentido, percebemos como o cotidiano de Campo Maior foi se modificando em função das novas conquistas materiais que iam chegando na cidade, além do desejo dos seus governantes em trazer essas conquistas para a sede do município, com o objetivo de tornar os habitantes civilizados através de bons hábitos, comportamento e respeito às condutas de posturas na cidade.

Nota-se pelo Código de Postura publicado em 1962, que o poder público municipal, na administração de Raimundo Andrade, tinha a preocupação em deixar as ruas, passeios e praças públicas limpas e preservadas. De acordo com a postura desse período era:

Proibido arrancar ou danificar as árvores plantadas nas ruas e praças da cidade, assim como destruir e danificar os cercadinhos que as protegem. Ao infrator multa de 10\$000 por cada árvore que cortar ou danificar, além da obrigação de reparar o dano causado. ²²⁸

O referido Código também proibia que sujeitos circulassem pelas ruas e praças, indecentemente vestidos ou disfarçado com roupas impróprias ao seu sexo. Os infratores deveriam pagar multas no valor de Cr\$10\$000²²⁹. Todas essas medidas visavam dar à cidade um aspecto mais civilizado. Também havia a preocupação em deixá-la limpa e saneada, haja vista, que proibia os habitantes de jogarem lixo, e animais mortos nas ruas e praças sob pena de pagarem multa.

A preocupação com a higiene dos logradouros públicos e da disciplinarização das populações e seus comportamentos considerados incivilizados, já aconteciam, bem antes, em outras cidades no Brasil. No final do século XIX, foram tomadas muitas medidas nas quais estavam embutidas o saber médico e sanitarista, que visavam sanear os principais centros urbanos do país, Rio de Janeiro, Recife, Fortaleza, podem ser mencionadas como exemplos. Tais ações foram estimuladas pelas elites comerciais e intelectuais que desempenhavam um

²²⁵ ARANHA, Gervásio, 2006 *apud* GOMES, Iordan Queiroz; SANTOS, Luís Carlos dos. Sensibilidades modernas: as cidades e os desejos do moderno. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História**- ANPUH. São Paulo, julho de 2011, p.08.

²²⁶ ARANHA, 2006 *apud* GOMES E SANTOS, 2011, p. 08.

²²⁷ *Idem*, 2011, p. 08.

²²⁸ Código de posturas. Campo Maior, 1962.

²²⁹ Código de posturas. Campo Maior, 1962.

papel fundamental na constituição de uma nova ordem urbana, onde algumas questões foram problematizadas nesses centros urbanos:

A existência, na cidade, de faltas, desvios e perigos naturais e sociais que comprometiam uma apregoada necessidade de torná-la um centro desenvolvido, um movimento considerável de discursos e práticas emergiam e procurou, sobretudo através de estratégias e medidas embelezadoras, saneadoras e higienistas- ordenar seu espaço e disciplinar sua população.²³⁰

As preocupações em disciplinar a população e sanear a cidade, estavam fundamentadas nos novos conhecimentos da medicina moderna, proporcionada pela criação de universidades de medicina e o contato com as novas descobertas científicas e médicas da Europa. Desse modo, havia uma justificativa de melhorar as condições de salubridade da cidade, pois a questão de saúde pública também era uma condição essencial para a realização do processo civilizatório.²³¹ Desse modo, evidencia-se nessas capitais “a existência de um processo que buscou racionalizar a cidade e disciplinar seus habitantes”²³².

Em Campo Maior, percebe-se como a praça Rui Barbosa representava um cenário que possibilitava um viver urbano, principalmente para as classes burguesas representadas pelos comerciantes e elites agrárias²³³, que desfrutavam de alguns elementos constituídos das novidades da época, como observa-se pela descrição a seguir²³⁴

Na Rui Barbosa os cardápios luxuosos do Bar e Restaurante Eldorado, até início da década de 1980, o que mais se destacava na cidade, onde encontrava a Burguesia. No outro lado, na Petisqueira, com suas variedades em bebidas, refrigerantes e mercadorias incluindo-se cremes, bolos, pudins e abacates e refrescos. O som da Petisqueira da sua possante radiola Philco, enchia a praça com os mais variados cantores.²³⁵

Através das descrições dos memorialistas da época e pelos relatos orais é possível perceber que ocorria discriminação social. Pois, “havia as camadas mais ricas e as camadas mais pobres, as mais ricas, circulavam no meio da praça, as mais pobres, já lá quase descendo pelo meio fio”.²³⁶ Desse modo, percebe-se que apesar de haver diferenciações entre as classes

²³⁰ PONTE, Sebastião Rogério: **Fortaleza Belle Époque**: reformas urbanas e controle social. (1860-1930). Fortaleza: Fundação Democrático Rocha. Multiface editora, 1993. p. 15.

²³¹ *Idem*, 1993.

²³² *Idem*, 1993, p. 18.

²³³ Essas elites agrárias eram oriundas das famílias aristocráticas constituídos pelos primeiros colonizadores e moradores donos de grandes lotes de terras que constituíram através de laços de consanguíneos certas oligarquias que influenciavam politicamente na cidade através do seu poder e riqueza, proprietários de fazendas.

²³⁴ ALVES FILHO, 2011, p.25.

²³⁵ ALVES FILHO, 2011, p. 25.

²³⁶ CARDOSO, Raimundo Cardoso de Brito. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 03 de maio, 2017.

sociais, seja por questões econômicas e sociais, as pessoas procuravam experimentar a forma de sociabilidade moderna que se constituía na cidade. De acordo com o relato de Dona Maria dos Remédios, que morava na zona suburbana da cidade, no Parque Estrela, o bairro era pouco urbanizado e o acesso eletrodoméstico era difícil, pois “não tinha luz, não tinha água, não tinha geladeira, não tinha fogão, era cozinhando na lenha na época [...] era na lamparina mesmo, todo tempo, a gente comprava querosene, nesse tempo vendiam nas latas[...] era a maioria das pessoas, nesse tempo, não tinha negócio de riqueza não”²³⁷. Nos bairros, de um modo geral não eram servidos por luz elétrica e abastecimento de água encanada, principalmente no bairro em que ela morava, que lá pelas décadas de 1940 e 1950 era praticamente uma extensão da rural, composta por vacarias e fazendas.

Para Dona Remédios, a praça e o cinema eram as únicas opções de lazer, haja vista que seu pai, muito rígido nos preceitos da educação disciplinar e moralista patriarcal, não permitia que ela e suas irmãs saíssem para festas e “matinês”, restando-lhe apenas os passeios nas praças.

Nessa época, a gente moça, saía daqui só para rodar na praça, só para arrodar, caminhando ali por trás. Aí, tinha aquele “horror” de gente passeando, aí a gente vinha embora, não tinha quem mexesse e dissesse ao menos que a gente era feia. Hoje ninguém pode mais andar! [...] a praça era calçada de pedra, tinha coreto, era um negócio redondo, que a gente subia e sentava para descansar as pernas da gente, tinha poste de iluminação, jardim [...] Era bonito, naquele tempo, era um céu de maravilha para a gente, praticamente a gente era abastado “véi” da roça, não conhecia nada, porque antigamente aqui era uma capoeira.²³⁸

Compreende-se pela fala de dona Remédios, que a praça Rui Barbosa toda iluminada com coreto, saneada representava um lugar especial, voltado para passeios de cidadãos, rapazes e moças que viam a praça como uma novidade contrastada pelo bairro onde ela morava, onde havia a ausência de quase todos elementos urbanos considerados modernos para época.

Com o passar dos anos, a praça que era ponto de atração para os cidadãos e bastante movimentada, ficou em segundo plano para dar destaque a praça Bona Primo, isso aconteceu em função da edificação do novo templo católico que homenageia Santo Antônio, e pela transferência dos festejos para o pátio em frente à igreja. O fato é que a praça Rui Barbosa que antes era muito frequentada pelos jovens e casais, foi perdendo sua importância para habitar

²³⁷ SANTOS, Maria do Remédios Sousa. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 05 de novembro de 2017.

²³⁸ REMÉDIOS, Maria dos. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 09 de novembro de 2017.

apenas na memória deles. Sobre essa falta de atenção com a praça Rui Barbosa, Marcos Vasconcelos relatou, com nostalgia e ressentimento, as mudanças que ocorreram na praça:

Desativada hoje resta pouco ou quase nada daquela que foi uma praça romântica e bem frequentada. Só o nome foi preservado. [...] Nada mais resta da praça original, o cartório mudou-se e a amplificadora fechou. Não tem mais o bar da Lili/Zuza, nem do Farias, nem do Helvécio. Fecharam o Bar Eldorado, a pensão da D. Olinda, a sapataria e agência de ônibus Zezé Paz. Não tem mais coreto, nem tanques de água, nem jardins, nem árvores, nem bancos com caramanchão para se namorar, não tem nada [...] o certo é que a reforma que fizeram nela tentando revitalizá-la foi um desastre. Puseram uns bancos feios, de péssimo mau gosto, sem ninguém sentado, hoje, a praça como diria Nelson Rodrigues, têm a aridez de três desertos.²³⁹

Vasconcelos descreve como ocorreram as transformações nos hábitos dos cidadãos que foram deixando de frequentar a tão afamada praça. Para ele era a mais bonita e formosa durante sua juventude, lá pelos anos 1940, depois já no final de 1950, ela foi reformada e essa ação modificou sua estrutura, provocando descontentamento como a manifestação mencionada acima, pois retiraram o coreto e puseram outros bancos que não agradaram grande parte da população, na época o prefeito era Oscar Castelo Branco.²⁴⁰ O poder público também foi deixando de lado ou passou a dar prioridade a outros logradouros.

A atual Praça Bona, que até então era apenas um grande largo de “chão batido” defronte à igreja matriz de Santo Antônio, passou por muitas transformações, a começar pelas variadas denominações que recebeu. No início da década de 1930 chamava-se Marechal Pires, quando Francisco Alves Cavalcante, foi nomeado prefeito, uma das primeiras iniciativas, por meio do decreto, nº 01 de 05/10/1930, foi a mudança do nome da praça para João Pessoa, em homenagem a uns dos líderes políticos que desembocaram no movimento da “Revolução de 30”. Em 1948, mudou de nome outra vez. Por meio do decreto lei nº 40 editado pelo prefeito Waldeck Bona²⁴¹, passou a chamar-se Bona Primo em homenagem ao Coronel Antônio José Nunes Bona Primo²⁴² avó de Waldeck.

Com a demolição da Antiga Igreja Santo Antônio e a edificação da nova e suntuosa Igreja, a praça que antes era um grande largo, pouco iluminado, com poucas árvores e que quase

²³⁹ VASCONCELOS, Marcos, 2006, pp. 76-77.

²⁴⁰ Prefeito de Campo Maior entre 31/01/55 a 31/01/59

²⁴¹ Waldeck Bona, nasceu em Campo Maior, no dia 15 de dezembro de 1908, era filho de Ovídio Bona e Ana Monteiro Bona. Ele era fazendeiro, comerciante e político.

²⁴² O coronel, agropecuarista e membro da Guarda Nacional, Antônio José Nunes Bona Primo (1847-1927). Natural de Campo Maior, provavelmente Waldeck Bona tenha alguma descendência e laço consanguíneo com o Cel. Bona Primo, para prestar essa homenagem tão especial.

não recebia atenção do poder público municipal, foi toda embelezada para contemplar também a majestosa igreja:

Com a construção da Igreja Matriz, as atenções se voltaram para a praça Bona Primo. Projetada cuidadosamente, foi toda calçada, arborizada, feericamente iluminada, servindo de local para os grandes eventos campo-maiorenses, tais como: os festejos de Santo Antônio, festas de São João-São Pedro, comícios e outras datas comemorativas [...]. Atualmente, daquelas velhas árvores do meu tempo de menino, restam apenas os três centenários oitizeiros na porta da casa da dona Livramento, viúva de Sales Oliveira.²⁴³

A reforma da praça Bona Primo ocorreu provavelmente em 1962, data da inauguração da nova e suntuosa Igreja Santo Antônio, sob a liderança do padre Mateus Cortês Rufino e com apoio do povo campo-maiorense.²⁴⁴ Percebe-se que alguns aspectos que a caracterizavam e marcaram a história de muitas pessoas as quais estavam acostumados com as sombras de suas árvores, com o cata-vento foram retirados.

No final da década de 1960 a praça passou por outra reforma, realizada na administração do prefeito Raimundo Nonato Andrade.²⁴⁵ Sobre esse contexto, Antônio de Andrade Filho rememora alguns acontecimentos vividos por ele e compartilhados pela memória social da época:

Detive-me outro dia a olhar os canteiros multiformes de variedades matizes, com que o atual Prefeito se esmera em mostrar aos visitantes a mais bela praça do Piauí, “a Bona Primo”. Corri os olhos nos velhos casarões, feios, mas nobres, delimitando a área do belo quadrângulo. Casas que abrigaram no passado as mais nobres Patentes da Guarda Nacional e os mais ilustres nomes de cidadãos campo-maiorenses quantas gerações desaparecidas sem que ousássemos esquecer-las. [...] Recordei igualmente, a última missa celebrada na velha igreja, que foi em ação de graças pelos 25 anos de casamento de meus pais, salvo engano, no dia 28 de junho de 1944. Quando o Padre Mateus disse assim “ITE MISSA EST”, pareceu-me que havia uma combinação, porque os pedreiros jogaram no chão as suas alavancas, iniciando a destruição. Era a Igreja antiga, cedendo o seu lugar ao suntuoso Templo cinza de Barreto

²⁴³ VASCONCELOS, Marcos, 2006, p. 102

²⁴⁴ Sobre a demolição e construção da nova igreja ver o livro da Natália de Oliveira. Da matriz vejo a cidade: onde aborda a importância social e religiosa da igreja Santo Antônio e sua relação com o desenvolvimento da cidade e para saber mais sobre a trajetória de vida do padre Mateus ver o livro: Mateus rumo ao céu de João Alves Filho (1994)

²⁴⁵ Raimundo Nonato Andrade (Irmão Turuca), nasceu em 24 de janeiro de seus pais na Praça Rui Barbosa, Era filho do Coletor Federal Antônio Andrade e Ana pereira Andrade, Trabalhou como comerciante, tinha uma farmácia “Socorro Farmacêutico Santo Antônio. Em 1957 fundou o Centro Espirita Caridade e Fé em Campo Maior. Também foi um colaborador no Jornal Aluta onde escrevia várias crônicas sobre Campo Maior e algumas experiências e vivências cotidianas, além disso foi colaborador da Rádio Clube de Teresina. Também foi um dos organizadores do Sindicato dos arrumadores de Campo Maior, participou de forma ativa na crítica contra o regime militar chegando a ser ameaçado de prisão, e graças a interferências de amigos não foi levado para o quartel do exército localizado na cidade. Faleceu no dia 28 de junho de 1970. LIMA, 2008.

Branco, aquém contemplo respeitoso. Pensei nas grandes Casas de Comércio que ali existiam quando era o Centro de tudo. Seus proprietários adotavam a Filosofia de que “se conhece o pau é pela casca que o veste”. Usavam colete, gravata, correntão de ouro e relógio de algibeira, suspensórios de elásticos e botinas rangedeiras de brilhantes buriquis. Na velha praça tinha de tudo: Intendência, Fórum, Delegacia de Polícia e Cadeia muito perto, Advogado, Farmácia perto, açougue, pelada, três-setes, gamão e, sobretudo, brincadeiras de prendas e danças de rodas, onde os pequenos, moças e rapazes se divertiam e os mais idosos conversavam nas “bocas das noites”. Comparei a luz bruxuleante dos candeeiros antigos que conheci, estrepados na ponta dos posteinhos modestos do passado, com estes gigantes de concreto que a Cepisa nos trouxe e as lâmpadas maravilhosas de vapor de mercúrio com que nossos pais e avós nunca suspeitaram e muito menos acreditaram pudesse o progresso fazê-las brotar dos bredos antigos. Na praça Bona Primo tudo agora é beleza, mas para quem nela viveu desde o começo de sua existência, agora como sempre, tudo é saudade.²⁴⁶

A citação traduz alguns acontecimentos ocorridos na Praça Bona Primo, a grande movimentação do comércio, a forma como seus habitantes ou transeuntes que iam passear ou resolver algum problema se apresentava, bem vestidos, com relógio de ouro e objetos que davam um aspecto mais civilizado, mostrando uma preocupação do cidadão em andar bem vestido e mostrar sua aparência à sociedade. Também retrata a passagem da troca dos pequenos postes de madeiras onde a luz era movida a gás para os postes de concreto com lâmpada de mercúrio. De acordo com Natália Oliveira²⁴⁷, os responsáveis técnicos pela construção da planta e arborização da praça foram Godofredo Freire e Manoel Soares Cavalcante.

Atualmente, existem dois painéis artístico compostos de pastilhas de azulejos, formando um grande mural representando dois exemplos de elementos folclórico-cultural de Campo Maior. O primeiro foi Batalha do Jenipapo, acontecimento histórico que imortalizou a memória dos “heróis” que morreram nessa épica batalha, cantada em versos e poesia, celebrada nas comemorações e datas cívicas na cidade. Outro elemento é o vaqueiro que é celebrado como um homem forte, valente, trabalhador e como uns dos desbravadores do povoamento do Piauí que embora não detivesse a posse da terra, era um dos sujeitos que constituíam a base econômica da região, intrinsicamente relacionada à criação de gado.²⁴⁸

De acordo com Natália de Oliveira²⁴⁹ a construção desses painéis foi noticiada pelo jornal A Luta em 1969 “na praça Bona Primo, mais um canteiro foi concluído e cremos que muito em breve o último deles será feito, faltando a chave de ouro do término da obra: a confecção do monumento de pastilhas de azulejo, com motivação moderna histórica”²⁵⁰. Esse

²⁴⁶ Jornal A Luta, 1968 *apud* LIMA, 2008, pp..49-50.

²⁴⁷ OLIVEIRA; ALCÍLIA 2015.

²⁴⁸ OLIVEIRA; ALCÍLIA 2015.

²⁴⁹ Idem, 2015.

²⁵⁰ DÍDIMO, 1969 *apud* OLIVEIRA, 2015, p. 125.

movimento está relacionado ao fenômeno da contemporaneidade. Pierre Nora²⁵¹ defende que a memória deixa de ser constantemente vivida e necessita cada vez mais de espaços exteriores onde se ancorar, os lugares de memória coexistem nos três sentidos: material, simbólico e funcional:

É material pelo seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que se caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número uma maioria que deles não participou. O que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobre determinação recíproca. Inicialmente, é preciso ter vontade de memória.²⁵²

Percebe-se que na tentativa de embelezar a praça houve uma espécie de consciência histórica reivindicando a presença de alguns elementos culturais como uma forma de reforçar o sentimento de pertencimento, criar laços identitários da cidade, no entanto sabemos que existem diferentes memórias e diferentes formas de dar significados à realidade sobre a valorização da figura do vaqueiro, através do memorial, é necessário ressaltar, que existe um grande paradoxo entre os discursos proferidos romanticamente sobre o mesmo e a realidade de fato, pois os discursos não são reflexos fidedignos da realidade desses “grandes heróis do sertão, homens rudes, mas valentes e corajosos”²⁵³. De acordo com Gabriela Porto,²⁵⁴ “o discurso em si é uma construção linguística atrelada ao contexto social no qual o texto é desenvolvido, ou seja, as ideologias presentes em um discurso são diretamente determinadas pelo contexto político-social em que vive o seu autor.” Assim, ao analisarmos os discursos, temos que fazer uma análise do contexto social em questão. Dessa forma, percebe-se que existe uma grande diferença entre os discursos construídos romanticamente sobre a figura do vaqueiro e sua realidade social, pois em sua maioria, eram mal remunerados, não tinham segurança no trabalho e um salário digno para viver com sua família. A seguir Francisco Cardoso através de suas lembranças memorialística retrata o cotidiano desses “heróis do sertão”:

No meu tempo de adolescente em Campo Maior, o pobre vaqueiro não tinha estas regalias todas cantadas em verso pelo nobre poeta. Sofriam que só pano de bater torrado, saíam muito cedo de suas casas à procura de uma rês desgarrada ou que tivesse caborje ou para curar bicheira no rastro, castrar um

²⁵¹ NORA, Pierre, 1989.

²⁵² NORA, Pierre, 1989, p.22.

²⁵³ CARDOSO, Francisco da Silva Cardoso. **Memórias da adolescência:** venturas e aventuras em Campo Maior. 2. Ed. Teresina-PI: [s. n], 2014.

²⁵⁴ PORTO, Gabriela. Análise do discurso. Disponível em: <<https://www.google.com.br/amp/s/www.infoescola.com/linguistica/analise-do-discurso/amp/>>. Acesso em 26 de dezembro de 2017.

novilho ou mesmo conduzir ao curral para o patrão vender o abate. Às vezes saía de casa sem ao menos tomar um gole de café puro. Quando muito, frito ou rapadura com farinha de mandioca, num saco era conduzido para o desjejum às margens de um regato. Campeava durante todo o dia. Era uma vida difícil e duvidosa, de futuro incerto. Muitos deles, se chegasse à velhice, para sobreviver, tinham que ficar às custas dos filhos, que, normalmente seguiam a profissão do pai e talvez trabalhando para o filho do ex-patrão do seu pai ou senão esmolar na cidade, pois por ser uma profissão ingrata, dificilmente conseguiam ganhar o suficiente na juventude, para lhes garantir uma velhice tranquila, porquanto não tinha uma instituição que lhes assegurasse um bom e merecido provento.²⁵⁵

A citação ilustra que nem sempre os discursos oficiais condizem com a realidade, haja vista que apesar de tantas homenagens em versos, prosas e monumentos que enaltecem a figura do vaqueiro, na maioria das vezes, não recebia o básico para a sobrevivência; não tinha direito à aposentadoria para garantir a uma velhice tranquila. Percebe-se que em Campo Maior existe uma criação de um discurso romântico, enaltecendo a figura do vaqueiro, discurso que não condiz com a vida cotidiana do homem que cuida do gado e, por vezes, de outros interesses do proprietário.

3.2 Festas, lazer e sociabilidades

Campo Maior é uma cidade pequena, e era muito menor no período no qual a pesquisa foi realizada. Era uma cidade pacata, as festas estavam voltadas para celebrações religiosas, especialmente para os festejos de Santo Antônio e as tradicionais festas juninas. Com o passar do tempo a sociedade campo-maiorense começou a se organizar através da fundação de clubes sociais, principalmente para atender a demanda criada pelas próprias elites econômicas locais. O primeiro clube criado na cidade foi o Campo Maior Clube, fundado em 1950 em substituição ao Satélite Clube, formado por funcionários do Banco do Brasil em 1941. A sede do referido clube já havia abrigado a antiga Intendência Municipal, e foi doado pela prefeitura aos sócios do Campo Maior Clube. Os sócios constituíam o que estou chamando de elite política e econômica local. “Era mais da elite, era uma tradição muito rigorosa, se uma pessoa fumasse um cigarro, principalmente a mulher, era considerada prostituta, aí já saia tudo.”²⁵⁶

²⁵⁵ CARDOSO, 2014, pp.87-88.

²⁵⁶ BRITO, Raimundo José Cardoso. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus, 03 de maio de 2017.

O clube foi cenário das grandes tertúlias e até festas com cantores vindos de fora, hoje abriga a sede do poder Legislativo Municipal. Foi reformado e recebeu a denominação de “Casa do Povo Zé Olympio da Paz” em homenagem a prefeito José Olympio da Paz. A homenagem está relacionada ao comportamento digno, homem probo, imagens construídas através de relatos memorialísticos. “Entrou pobre na prefeitura e saiu do mesmo jeito.”²⁵⁷ Sobre essas festas que tiveram lugar no clube, Marcos Vasconcelos relata:

Recordo-me, com saudades, das tertúlias nas manhãs de domingo, no Campo Maior Clube, ao som da radiola; dos bailes com a orquestra local, composta do Zumba, no trombone de válvulas, do Durval, no trombone de vara, do Fernando, na bateria e de muitos outros. Nas grandes festas, contratavam até banda de fora.²⁵⁸

Além das festas promovidas pelas camadas mais elevadas da sociedade campo-maiorense no Campo Maior Clube e das tertúlias promovidas em suas próprias residências, também foi construído o Centro Operário, na Rua Cap. Manoel de Oliveira, um pouco afastado da praça Bona Primo, onde hoje funciona o Colégio Leonardo da Vinci, erigido pela por força e a união dos operários, à época. O prédio foi projetado com uma arquitetura moderna, era amplo, com dois andares. Até, então, não havia opção de lazer para os operários menos privilegiadas economicamente. Esse clube era muito bem organizado, seus associados ajudavam-se mutuamente para realização dos eventos, também recebiam apoio da prefeitura. De acordo com Marcos Vasconcelos, “esse clube exigia dos seus sócios e convidados muito respeito e observância das regras”.²⁵⁹

As festas organizadas nesses clubes eram praticamente os únicos meios de diversão para os cidadãos e jovens, era uma forma de quebrar o cotidiano monótono da cidade, até o pessoal do “sereno” participava da festa como observador, ficava do lado de fora, “levava até cadeiras para marcar os lugares e no outro dia dava notícias de tudo”²⁶⁰.

De acordo com Joaquim Oliveira,²⁶¹ até a década de 60 os únicos clubes que haviam na cidade era o Campo Maior Clube, da elite, Centro Operário e a AABB, clube dos funcionários do Banco do Brasil criado desde a instalação da agencia em Campo Maior na década de 1940. Com o tempo, os funcionários foram se casando, e/ou sendo transferidos para outras cidades, fatos acabaram provocando o definhamento desse clube, que retornou com força a partir de 1967, com o aumento de funcionários solteiros trabalhando na agência, possibilitando a sua

²⁵⁷ VASCONCELOS, 2006.

²⁵⁸ *Idem*, 2006.

²⁵⁹ *Idem*, 2006, p.104.

²⁶⁰ *Idem*, 2006, p. 104.

²⁶¹ OLIVEIRA, Joaquim Pereira de. **Estrelas no Chão**: memórias. Brasília: André Quicé editor, 1997.

reinauguração em outro local, no dia 18/07/1965. Naquela oportunidade foi realizado um torneio de futebol de salão entre times de Campo Maior, Teresina e Piripiri. Os funcionários do Banco do Brasil solteiros eram tidos como um bom partido, concorrendo apenas com os sargentos e subtenentes do Exército, locados na cidade que trabalhavam na construção da ferrovia Teresina/Castelo.²⁶² Depois surgiram o Iate Clube Laguna e o Grêmio Recreativo que objetivam trazer diversão à sociedade campo-maiorense. As festas durante o carnaval também movimentavam a cidade, quebrando seu cotidiano pacato. Havia a presença de curso nas ruas, festas a fantasia nos bailes promovidos nos clubes; blocos de carnaval onde os componentes usavam lança-perfume para chamar atenção das garotas.²⁶³

Imagem 13: Corso em Campo Maior com grande participação feminina 1940?



Fonte: Museu do Paulo e Bitorocara; Gracinha Torres²⁶⁴

As festas de carnaval em Campo Maior significavam uma ruptura no cotidiano monótono da cidade, pelo menos nos três dias, com festas nos clubes e nas ruas, no curso havia maior participação feminina, onde as mulheres podiam desfilarem com roupas exuberantes e fantasias ao seu gosto. As festas de carnaval promoviam uma integração entre as classes, mesmo para quem não participava das festas a fantasia, dos blocos, nem interagiam através da troca de lança-perfume, mas observava e tinha sua opinião ou críticas sobre os blocos e as pessoas que estavam se divertindo no carnaval da cidade.

²⁶² OLIVEIRA, 1997, p.62.

²⁶³ Vasconcelos, 2006, p.104.

²⁶⁴Disponível em: <http://bitorocara.blogspot.com.br/search?q=carnaval>. Acesso em 28 de nov. de 2016.

3.3 O cinema em Campo Maior

Outra forma de lazer acontecia através do cinema, que por sinal chegou em Campo Maior a partir de 1930. O prédio foi construído pelo prefeito Francisco Alves Cavalcante e recebeu a denominação de Cineteatro Glória, pois uma cidade que pretendia ser moderna tinha que acompanhar as novidades da época. O cinema dava a cidade novos ares de modernidade, depois o prédio passou por uma reforma e foi reinaugurado com o nome de “Cine Nazaré” em homenagem a Dona Maria de Nazaré Castelo Branco Lins, mulher do novo administrador do cinema, Zacarias Gondim Lins Castelo Branco.

O prédio foi construído com uma arquitetura moderna, em concreto armado e linhas retas com esquadrias, com investimento do poder público, mostrando o desejo do gestor em trazer para a cidade esse elemento moderno que mexia e ainda mexe com a imaginação dos admiradores da “sétima arte”. A repartição também era cedida para outros eventos tais como: formatura, palestras, conferências, seminários, espetáculos mágicos, recitais, dentre outros”²⁶⁵. Elmar Carvalho²⁶⁶ que viveu o apogeu do Cine Nazaré durante a sua juventude assim descreve as acomodações do cine:

Havia um grande anteparo com espelho, que separava o hall de entrada da sala de exibição propriamente dita. As cadeiras eram de madeira, e a parte para sentar era móvel, de forma que poderia ficar na vertical, quando desocupada [...] não havia ar condicionado, de modo que as várias portas laterais ficavam abertas, permitindo que o vento circulasse, pelo que o ar não se tornava viciado. Ademais, existiam grandes ventiladores, que mais pareciam as hélices de um teco-teco, o que dava certo conforto aos clientes.²⁶⁷

²⁶⁵ VASCONCELOS, 2006, pp. 83-84.

²⁶⁶ José Elmar de Melo Carvalho nasceu em Campo Maior – PI, em 09/04/56. Poeta, cronista, contista e crítico literário. Juiz de Direito. Bacharel em Direito e em Administração de Empresas. Presidiu o Diretório Acadêmico “3 de março”, a União Brasileira de Escritores do Piauí e o Conselho Editorial da Fundação Cultural Monsenhor Chaves. Foi membro do Conselho Editorial da Universidade Federal do Piauí. Publicou os livros “A rosa dos ventos gerais”, “Cromos de Campo Maior”, “Noturno de Oeiras”, “Sete Cidades – roteiro de um passeio poético e sentimental” e “Lira dos Cinquentanos”. Participou de várias coletâneas e antologias. Citado em diversos livros e dicionários. Colaborador das principais revistas e jornais do Piauí. Membro de diversas entidades literárias e culturais. Detentor de várias honrarias e distinções culturais. Seu livro “A rosa dos ventos gerais” recebeu o Prêmio Ribeiro Couto (poesia reunida), conferido pela União Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro. Membro da Academia Piauiense de Letras. Disponível em:< <https://poetaelmar.blogspot.com.br/?m=1>> Acesso em 29 de nov. de 2016.

²⁶⁷ CARVALHO, Elmar. Giuliano Gemma e o velho Cine Nazaré. Disponível em:< <http://www.proparnaiba.com/elmar/2013/10/10/giuliano-gemma-e-o-velho-cine-nazar.html>. >. Acesso em 29 de novembro de 2016.

Imagem 14: Cineteatro Glória, em 1932



Fonte: Museu Paulo e Bitorocara

Localizado próximo à Praça Rui Barbosa, na lateral da igreja Santo Antônio, à rua Senador José Euzébio, era um dos locais privilegiados que se destacava por promover encontros e desencontros. A prefeitura apesar de reconhecer a necessidade de oferecer à população essa forma de lazer moderno, não tinha condições financeiras ou pelo menos, alegava não ter condições de mantê-lo, por esse motivo, por meio do projeto lei nº 37 de 06 de outubro de 1948, cedia o prédio do Cineteatro municipal, gratuitamente a qualquer empresa cinematográfica que desejasse explorar essa atividade, apesar de ter passado por vários administradores, entre os quais os senhores Costa Araújo e Castelo, foi com o empresário Zacarias Gondim Lins e sua esposa Maria de Nazaré Castelo Branco Lins que o cinema prosseguiu durante muito tempo. O projeto deixava claro as seguintes condições para ceder gratuitamente o Cineteatro:

Art. 2º A prefeitura ficará isenta de qualquer despesa referente a conservação e dos móveis, cujo o custeio caberá ao empresário.

Art. 3º A prefeitura reservará a si a fixação do tempo de concessão a qual não poderá ser, entretanto por prazo inferior a um ano.

Art. 4º a empresa se obrigará a entregar o prédio nas condições recebidas e promoverá a limpeza do mesmo e dos móveis respectivos, semestralmente se assim o exigir as condições do teatro.²⁶⁸

²⁶⁸ CAMPO MAIOR. Projeto lei nº 37 dispões sobre a concessão gratuita do Cine Teatro municipal, Campo Maior, 06 de outubro de 1948.

O referido projeto objetivava claramente facilitar a exploração do cinema na cidade, haja vista que não cobrava nenhuma taxa ou aluguel do referido prédio, e como o mesmo estava com as instalações prontas facilitaria a quem se arriscasse ao empreendimento. Entretanto, por desconhecer o contexto do Cineteatro e por não concordar com as cláusulas do contrato, um vereador opinou pela rejeição do projeto encaminhando ao conselho consultivo da câmara que, por sinal, discordou do Vereador e rejeitou a sua proposta com a seguinte alegação:

O projeto em causa, pelos seus fundamentos que são jurídicos, é perfeitamente constitucional, atentando-se, porém, para inúmeras dificuldades que se antepõem à empresa cinematográfica desta cidade – irregular frequência ao cinema, despesas avultadas com alugueis de filmes, muitas vezes descompensados pela exiguidade das rendas, etc. leva-nos a rejeição do projeto de autoria do Senhor Erasmo Leite. Como se sabe, nos meios como o nosso, em que as casas de diversões rareiam, cabe ao poder público municipal, incentivar os ambientes que se educa e se esclarece o povo, e nunca lhes opor obstáculos. Temos que optar-lhes, forçosamente, ao problema de auxiliar, quando nos for isso possível, a todos que se propuserem a trazer a nossa terra, diversões instrutivas e educacionais como é o cinema.²⁶⁹

Depreende-se que apesar de um vereador se posicionar contra a concessão gratuita do prédio do cineteatro, tanto prefeito quanto a maioria dos vereadores consideravam o cinema como uma diversão necessária ao provimento da educação e instrução da população, talvez, até como um instrumento civilizatório. Os frequentadores da casa de cinema poderiam aprender modos de se comportar, vestir-se e estar em meio a sociedade. As máquinas de projeção dos filmes eram elementos que causavam curiosidades dos amantes dessa nova invenção tecnológica. As lembranças sobre a presença do cinema em Campo Maior não deixam dúvidas que foi um momento marcante e interessante. Os frequentadores viam isso como uma novidade espetacular como percebe-se no relato memorialístico de Corinto Brasil:²⁷⁰

Após se deliciarem das guloseimas vendidos pelo Zé do Bombom, todos se postavam à fila com ingressos comprados a preços populares à mão, a emoção e a fantasia anestesiavam o coração do espectador na ânsia da entrega do bilhete ao fiel porteiro, Seu Estácio, e adentrar naquele recinto para aguardar o início do filme que seria determinado pelo horário ou pela lotação. Enquanto isso se ouvia como fundo musical um repertório de músicas instrumentais de orquestras famosas como: Grenn Miller, Românticos do Caribe, Perez Prado ou canções na voz de Silvinho, Carlos Alberto, Bienvenido Granda ou Ângela

²⁶⁹ CAMPO MAIOR. Parecer contrário a rejeição do projeto do Vereador Erasmo Leite, que rejeitava o projeto de concessão gratuita do cinema aos interessados no ramo cinematográfico na cidade, Campo Maior, 07 de outubro de 1948.

²⁷⁰ ARAÚJO, Corinto. O Cine Nazaré em Campo Maior. In: FORTES, José. Blog Meio Norte. Disponível em: <<https://www.meionorte.com/blogs/josefortes/cine-nazare-em-campo-maior-image-276932>> acesso em 29/11/2016.

Maria. De repente, as luzes se apagam, os assovios e os gritos são abafados pelo som do hino da copa de 1958? A Taça do Mundo é Nossa? Composição de: Maugeri, Muller, Sobrinho e Dagô que sempre se fez prefixo daquele momento. Ali o público confortavelmente sentado pouco dava conta se ao seu lado tivesse um amigo, uma namorada, a esposa, o pai ou muito menos um desconhecido, se desligava.²⁷¹

Os filmes serviam de inspiração para os meninos que imitavam os caubóis do faroeste; e as belas atrizes serviam de modelos para as moças com sua sensualidade, modo de vestir-se, jeito de andar e sentar-se.

Havia algumas dificuldades. Vez ou outra, as fitas quebravam por causa da má conservação, falha no equipamento de projeção ou por falta do fornecimento de energia elétrica, abastecida pela antiga Usina movida a Diesel.²⁷² Essas falhas geravam vaias, gritos e assobios do público, atitudes duramente repreendidas pelo proprietário que com sua retórica de moral e ética conseguia manter o domínio da situação e fazer que o silêncio reinasse até o final do filme se por ventura outra falha não viesse a ocorrer²⁷³. Os filmes eram esperados com muito entusiasmo, chegavam em Campo Maior muito tempo depois de vistos em Teresina.

Após negociação conjunta com proprietários do CINE REX e CINE ROYAL de Teresina, os filmes, vindos de Recife, com certo atraso, eram enviados de avião, da empresa de Luís Severiano Ribeiro (pioneiro e proprietário de salas de cinema por todo o país) para nossa capital, só depois de exibidos naqueles cinemas chegavam ao CINE NAZARÉ, recebidos pelo técnico em máquinas de projeção, o Sr. Milton Passos, que fazia um trabalho cuidadoso, minucioso, cansativo e rotineiro destes. Corrigindo-os com cortes, remendos com colagens de acetona usada em limpeza de unhas.²⁷⁴

Os meios para fazer as fitas funcionarem eram os mais criativos possíveis, mas ao final, todos saíam satisfeitos e esperando voltar para assistir o próximo filme. O preço era acessível mais não se sabe ao certo se todos tinham condições para frequentar aquele moderno espaço de lazer. De acordo com dona Maria dos Remédios Sousa Santos,²⁷⁵ que na época morava no bairro Parque Estrela, “aquilo era uma novidade, uma diversão muito agradável”, mas ela não podia ir muitas vezes por “dificuldade, porque as vezes a gente não tinha como pagar, mas a gente dava um jeitinho e a gente ia”²⁷⁶. Quando indagada sobre o conteúdo dos filmes, sua lembrança se revela vaga para definir nomes, atores etc., mas ela os define como divertidos:

²⁷¹ ARAÚJO, Corinto, 2016.

²⁷² *Idem*, 2016.

²⁷³ *Idem*, 2016.

²⁷⁴ *Idem*, 2016.

²⁷⁵ SANTOS, Maria Dos Remédios Sousa. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus. 03 de novembro de 2017.

²⁷⁶ *Idem*, 2017.

Era de molecagem, [risos] era de molecagem, era tanta brincadeira que a gente sorria que faltava morrer de sorrir das brincadeiras, mas era interessante porque meu avô não deixava nós ir a uma festa, uma matinê, ele não deixava nós ir. Aí, a gente ia mesmo *pra* praça, *pro* cinema. Era como se fosse uma novidade, nesse tempo não tinha bandido, a gente podia sair sozinha daqui meia noite ir e voltar e não tinha quem mexesse com a gente.²⁷⁷

Elmar Carvalho²⁷⁸ lembra perfeitamente os filmes que assistiu e embalou sua juventude, cita nomes de atores e as cenas dos filmes que o impressionavam, pelo caráter técnico e porque os efeitos sonoros pareciam mais reais. O enredo e cenas eram menos violentos dos que passam na atualidade que “se desenvolve numa forma vertiginosa como se o tempo fizesse parte de uma outra dimensão do espaço-tempo”. Isso mostra a percepção do memorialista sobre as mudanças que foram acontecendo com as produções cinematográficas, cuja crítica recai sobre os filmes da atualidade, considerados piores, pois os filmes do seu tempo tinham enredos que davam mais entusiasmo aos espectadores e estimulavam a imaginação das crianças:

No Cine Nazaré pude assistir a alguns épicos, com temática da história ou da mitologia greco-romana, alguns protagonizados por Victor Mature, o fortão da época, mas considerado bom ator. Giuliano Gemma encarnou, sobretudo, o caubói Ringo, rápido e certeiro no gatilho. Quando os garotos saíam do cinema, pareciam ter incorporado o mocinho. O caminhado sutilmente mudava, na imitação do herói cinematográfico; as mãos se mantinham levemente afastadas dos quadris, como se a qualquer momento fossem sacar um imaginário revólver, que parecia pender do coldre. Outros atores dessa inesquecível época foram Franco Nero, Anthony Quinn, Kirk Douglas, Burt Lancaster, Charlton Heston, Charles Bronson. Sim, quase ia esquecendo, ainda havia Johnny Weissmuller, travestido de Tarzan, a emitir uns gritos escalafobéticos, a se locomover dependurado em cipós e a enfrentar crocodilos e bandidos em plena selva africana. Todos eles encantaram a minha meninice e juventude em películas admiráveis. Indefectivelmente, na Semana Santa, era exibida uma velha fita da vida de Jesus, geralmente a Paixão de Cristo, que assistíamos contritos, tristes, quase como se os fatos tivessem acabado de acontecer.²⁷⁹

O Cine Nazaré, apesar de ter sido o único da cidade, como um dos símbolos da modernidade configurou-se como um centro disseminador de cultura. Os moradores de Campo Maior tiveram experiências que os integravam às novidades da época, proporcionando diversão e lazer. Isso lembra o que Berman²⁸⁰ afirma sobre a modernidade: ela rompe fronteiras

²⁷⁷ SANTOS, 2017

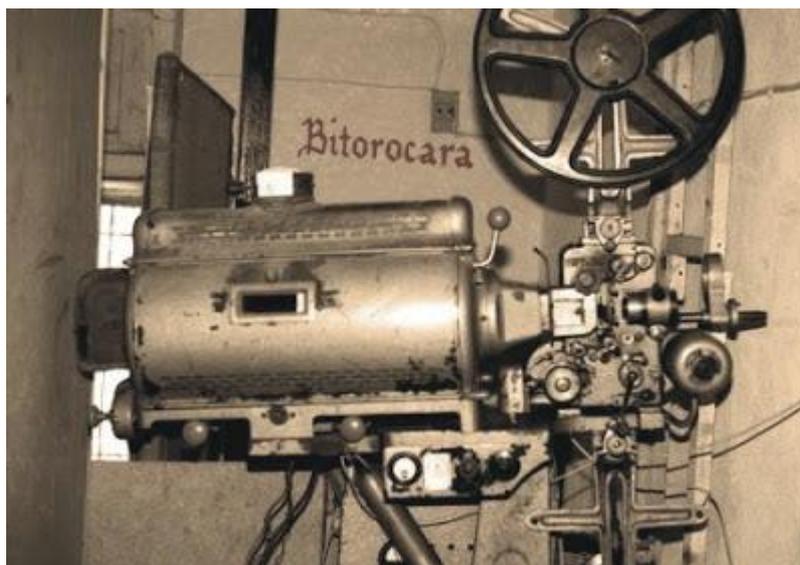
²⁷⁸ CARVALHO, José Elmar. **Disponível em:** <http://www.proparnaiba.com/elmar/2013/10/10/giuliano-gemma-e-o-velho-cine-nazar.html>. acesso em 29 de outubro de 2016.

²⁷⁹ Idem, 2016.

²⁸⁰ BERMAN, 1986.

temporais e espaciais geralmente se constitui do desejo dos indivíduos de fazer parte disso, consumir essas novas invenções. “Aquela sala de cinema, na sua fase áurea, representou em Campo Maior um mundo mágico de fantasia, lazer e cultura e repassou para várias gerações verdadeiras maravilhas do cinema”.²⁸¹

Imagem 15: Projetor do Cine Glória, 1948.



Fonte: Geração Campo Maior; Museu Paulo & Bitorocara, 2010.

Até mesmo a máquina de projeção das fitas era motivo de curiosidade dos frequentadores do cinema naquela época, ficavam olhando com admiração as habilidades e artimanhas que o técnico realizava para fazer a fita rodar. O cinema teve grande público e alcançou certa prosperidade na cidade, mas com a chegada da televisão as coisas mudaram, as pessoas passaram a assistir de forma individual, as novelas que passaram a fazer parte das programações das 18:00, das 19:00 e 20:00h, e isso contribuiu para o golpe de misericórdia no cinema de Campo Maior, que foi perdendo sua importância no cenário social como principal elemento difusor de cultura, entretenimento e lazer. Isso também ocorreu porque houve uma massificação de tecnologias como foi o caso da televisão que a partir da década de 1970 e 1980 passaram a ser mais frequente nas residências dos moradores da cidade, havendo uma fragmentação, individualismo quanto ao uso e consumo desses elementos.²⁸²

²⁸¹ ARAÚJO, Corinto. O Cine Nazaré em Campo Maior. In: FORTES, José. Blog Meio Norte. Disponível em: disponível em: <<https://www.meionorte.com/blogs/josefortes/cine-nazare-em-campo-maior-image-276932>> acesso em 29/11/2016.

²⁸² HAMBURGER, Esther. Diluindo Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: NOVAIS, A. Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz. História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4.

3.4 Da carroça ao veículo motorizado: a presença dos automóveis em Campo Maior

De acordo com Guillermo Giucci²⁸³ “o automóvel é um poderoso símbolo do identificador do século XX, contribuiu para a consolidação da revolução científica e tecnológica em curso.”²⁸⁴ Para o autor a ascensão da automobilismo foi um elemento decisivo da modernidade, compreendendo uma segunda revolução industrial, haja vista que os motores elétricos e de combustão superaram em grande parte a energia muscular humana e animal.²⁸⁵ A partir de 1935 a 1950 houve o período de crescimento e difusão dos automóveis nos mais diferentes meios, o automóvel cruzou fronteiras nacionais e hierarquizou o entorno e modificou o ritmo da cidade coletiva e cotidiana, superou as classes sociais e se tornou objeto de desejo coletivo, embora sua presença não tenha sido acompanhada de acesso e igualdade a todos. Desse modo “o automóvel passou a ser considerado uma exigência do mundo moderno.”²⁸⁶

Ressalta-se que com exceção dos Estados Unidos, a massificação do automóvel nas sociedades industrializadas somente ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial. Na América Latina, no início da década de 1950, ainda não havia indústrias automobilísticas. No Brasil o automóvel era usado como “expressão do controle do estado, como símbolo de luxo e privilégio individual.”²⁸⁷

Em Campo Maior, na década de 1950, os automóveis eram raros e considerados um bem de luxo. De acordo com o IBGE, em 1959 havia na urbe 25 automóveis e 32 caminhões. Pelo seu elevado custo apenas empresários, os donos de comércios e grandes agropecuaristas detinham automóveis e podiam ostentar pelas ruas da cidade. Havia certo contraste entre os veículos considerados modernos e as carroças puxadas a tração animal que transportavam água em latas e pipas do açude para residências da cidade, revelando a precariedade e a falta de estrutura no saneamento básico. De acordo com seu José Airton Mendes Silva as bicicletas no final de 1959, eram um dos principais meios de transporte, mas nem todos podiam comprar:

[...] há um ponto interessante, as pessoas que podiam, tomava banho em casa, as famílias compravam água para suas filhas e senhoras tomarem banho. Agora, homem ia, eu ia com a turma toda [...] tinha um setor lá, quando chegava na barragem, os homens tomavam banho, o transporte nessa época era bicicleta, quem tinha bicicleta, tinha tudo na vida! O pessoal comprava

²⁸³ GIUCCI, Guillermo. A vida cultural do automóvel: percursos da modernidade cinética. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004.

²⁸⁴ CARDOSO, 2004. p.11

²⁸⁵ *Idem*, 2004.

²⁸⁶ *Idem*, 2004.

²⁸⁷ *Idem*, 2004, p.19

bicicleta nessa época eu cheguei a ouvir e a ver, a pessoa tinha que arranjar dois avalistas para comprar uma bicicleta nessa época, na casa Inglesa e na casa Marc Jacob eram os vendedores de bicicleta que tinha aqui nessa época.²⁸⁸

As bicicletas eram importadas da Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e de outros países e traziam o logotipo de suas fábricas de origem: Esplendida, Merwssuis, Puck, Columbia, Dayton, Gulliver Norman, Bristol. Joaquim Oliveira em sua autobiografia, Estrelas no Chão, lembra de quando estudava no ginásio Santo Antônio e sendo de origem humilde, nunca pode comprar uma bicicleta. Aprovado em concurso público do Banco do Brasil em 1961, pode comprar uma Vespa e relata a sua experiência com aquela engenhosa máquina:

Antes do Banco do Brasil, os meus transportes eram cavalos e jumentos, montados em sela, cangalha ou em pêlo. Bicicleta, eu nunca tive uma. Antes do Banco, porque não podia comprar. O que eu podia fazer era apenas invejar a do Chagas Leite, em Campo Maior tinha uma RUDGE verde na qual ele chegava no ginásio Santo Antônio cheio de faceirices. Foi a Bicicleta mais bonita que já vi. Vivia limpa, brilhando sem um arranhão na pintura. Mas já no Banco pude comprar coisa melhor, uma Vespa do Zé Luís do Monte, um dos maiores comerciantes de Altos, não sei como ele conseguia ter na sua loja aquela maravilha Italiana. [...] assinei as promissórias e fiquei de ir receber em Altos a máquina monstruosa [...] comecei a montar aquele cavalo-de-ferro pelas ruas a base do seja-o-que-deus-quiser.²⁸⁹

No início essas máquinas causavam certo assombro e admiração, o maior medo, porém eram os acidentes provocados pela imperícia com o novo transporte. Joaquim Oliveira relata que após comprar a vespa quando foi treinar e aprender a pilotar a “monstruosa máquina” em uma das ruas mais largas da cidade se chocou com um açougueiro que vinha na direção contrária de bicicleta que, por pouco, não causou um desastre maior.²⁹⁰ Francisco Cardoso em memórias de Campo Maior²⁹¹, relata que a motocicleta era um meio de transporte usado na cidade, embora não chegasse a quantidade de dez unidades, inclusive faz questão de associar os objetos aos respectivos donos:

Jawa vermelho, pertencente aos senhor Vicente empregado do Banco do Brasil; BSA preta, pertencente ao dentista prático Luís Ibiapina; Sarolea, preto, do comerciante do ramo de tecido, o senhor Júlio Resende; Indian vermelho, grande e de pneu tipo automóvel, pertencente ao senhor José Wellington empregado da Construtora de estradas de rodagem do senhor Oliveira, genitor do comico e comediante Chico Anísio, que tinha ponto de apoio para a manutenção e guarda dos seus equipamentos em um terreno

²⁸⁸ SILVA, José Airton Mendes. **Entrevista** concedida a Pauliana, agosto de 2016.

²⁸⁹ OLIVEIRA, Joaquim, 1997, pp. 60-61.

²⁹⁰ OLIVEIRA, 1997, p.61.

²⁹¹ CARDOSO, 2014, p.115.

próximo ao açude grande; Triphunfo preto pertencente ao empresário Agenor Melo [...]

Como percebe-se as motocicletas eram consideradas um transporte de luxo, somente comerciantes e pessoas de classes elevadas detinham esses objetos considerados modernos à época. E por estar presente em uma cidade pequena do interior do Piauí, ainda era vista como sinónimo de riqueza e poder. Da mesma forma acontecia com os automóveis, Jeeps e caminhonetes. Francisco Cardoso, descreve que havia aproximadamente uns trinta automóveis relacionando-os aos seus respectivos donos:

Jeep Willys, vermelho, “cara baixa”, pertencente ao fazendeiro Alípio Ibiapina; Jeepe Willys, verde “ cara alta” do fazendeiro Dolival Lobão; [...] Automóvel Ford, vermelho, pertencente ao fazendeiro e político, coronel Luis Miranda, posteriormente vendido para Silvio Clemente que utilizava o mesmo para aluguel; Automóvel Austin, azul claro, do médico Araújo Chaves; Caminhoneta Fargo, verde cabine de aço, do fazendeiro Clemente Pires[...] caminhoneta Willys, verde, carroceria de madeira e cabine de aço, do político e fazendeiro Waldeck Bona [...] ²⁹²

De acordo com Francisco Cardoso²⁹³ esses automóveis ficaram muito conhecidos na cidade, eram motivo de admiração por muitos; eram importados especialmente dos Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha, e vendidos por representantes comerciais em Campo Maior, tais como: a Casa Marc Jacob, Casa Inglesa, outras matrizes e filiais em Teresina. O comprador fazia o pedido e ficava aguardando numa lista de espera, que as vezes demorava meses. O preço era muito alto. Os maiores compradores eram comerciantes, políticos, coronéis que “zelavam tanto por seus veículos, como se fosse uma joia, e permaneciam com eles às vezes por mais de dez anos e quase todos tinham uma história a contar do seu carango.”²⁹⁴ Observa-se que no início não havia muita preocupação com a organização do trânsito através de placas de sinalização e observância das regras de trânsito, o número de veículos era pequeno, além disso o requisito mínimo para dirigir um automóvel, era o dinheiro para comprá-lo. Nos versos a seguir, de Socorro Paz, Campo Maior de Ontem, é possível notar o contraste entre uma cidade que antes tinha o trânsito calmo e que com o tempo foi se modificando e aumentando e no presente esse tempo é lembrado com saudade:

O ontem de que lhe falo
Tenho muito o que contar
Mas somente coisas boas
Quero hoje lembrar

²⁹² CARDOSO, 2014, pp. 117-118.

²⁹³ *Idem*, 2014.

²⁹⁴ *Idem*, 2014, p. 118.

As ruas com poucos carros
Trânsito livre *pra* se andar
Carroças, cavalos e jumentos
Também podiam trafegar

A avenida José Paulino
A mais larga e bem calçada
Por isso era também
Sempre mais movimentada

Aos meus olhos de menina
Para mim nada faltava
Pelas ruas da cidade
Qualquer coisa me agradava [...] ²⁹⁵

O poema revela uma cidade com seu trânsito pacato, pouco movimentado por automóveis, com a presença de cavalos, jumentos e carroças, uma cidade com características rurais se contrasta com uma cidade em processo de transformação e modernização. Campo Maior ao olhar ingênuo de uma criança nada faltava, pois tudo parecia harmonia, paz e tranquilidade.

Imagem 16: Praça Luiz Miranda (1940-1950?).



Fonte: Museu do Paulo & Bitorocara, Lucimary e Katyúcia. ²⁹⁶

²⁹⁵ PAZ, Socorro apud SOUSA, Silva Maria Melo de. Campo Maior: Recordações [s.l.; s. n.], 1987.

²⁹⁶ Disponível em: <http://bitorocara.blogspot.com.br/search?q=mercado+velho>. Acesso em 20 de nov. de 2017.

A foto acima mostra a oposição entre os antigos meios de transporte puxado a tração animal e os modernos carros para época, o relógio no centro da praça se destaca como uma forma de medir as horas e controlar o horário dos trabalhadores, também é um instrumento de controle do sistema capitalista que passa a disciplinar como uma forma de controlar e aumentar a produção. O Relógio retratado na fotografia foi transferido para praça da rodoviária, próximo à avenida Santo Antônio, em virtude do remodelamento da praça Luís Miranda e que por conta dessa coluna era conhecida como praça do Relógio

A fotografia registra também que o centro comercial, onde estava localizado o mercado, permanecia saneado, arborizado, dando a impressão que havia a preocupação de deixar a cidade limpa. E em 1960, Campo Maior já apresentava um trânsito bem movimentado, tendo concluída toda sua sinalização em observâncias as determinações legais das regras de trânsito. Em entrevista aos repórteres do Jornal o Comércio, o Delegado de Polícia, Raimundo Nonato Lopes afirmava que o planejamento dos serviços de ordenação de trânsito tinha sido realizado em duas etapas: primeiro a sinalização e depois a circunscrição. Para isso houve o apoio do 2º BEC, do FRIPISA, DNOCS, e principalmente do prefeito José Olímpio da Paz, “o qual colaborou com 70% dos auxílios oferecidos em razão do mais breve andamento dos trabalhos de instalação”²⁹⁷. O delegado de polícia falou da sua “satisfação ao observar Campo Maior dispo de um serviço de trânsito, do que aliás, muito estava a necessitar, pelo seu caráter de cidade movimentada e em franco desenvolvimento comercial.”²⁹⁸

O aumento de circulação de transportes motorizados demandou a instalação de placas e sinalizações que se constituía como uma forma não só de ordenar a circulação de veículos nas ruas, mas também era visto como resultado de progresso econômico da cidade. Além disso, havia o incentivo do Governo Federal na construção de rodovias, como uma forma de facilitar a escoação de produtos presentes nos municípios do Norte do estado. Além disso, o governo objetivava dotar o Piauí de estradas de rodagem, principalmente nos municípios que ficavam localizados numa zona economicamente estratégica ao desenvolvimento do estado, pois produzia “carnaúba, coco babaçu, culturas agrícolas, interligando-o ao estado do Ceará”²⁹⁹ Em 1961, o governo do estado, através do jornal O Piauí, anunciava investimentos em várias obras, visando a construção de estradas, pontes, e pavimentação asfáltica em várias regiões como mostra o quadro a seguir:

²⁹⁷ Campo Maior vai ter seu trânsito. Jornal do comércio. Campo Maior, 05 de abril de 1961, p. 04.

²⁹⁸ Campo Maior vai ter seu trânsito. Jornal do comércio. Campo Maior, 05 de abril de 1961, p. 04.

²⁹⁹ VIEIRA, 2010, p. 61.

Tabela 4 – Municípios do Piauí contemplados com obras rodoviárias do Governo Federal, 1961

BR- Municípios	Km	Custo previsto
BR-38 Bom Jesus a Jerumenha	248	R\$ 800,00 milhões cruzeiros
BR-22 Jerumenha-Teresina	290	R\$ 300,00 milhões cruzeiros
BR- 39 Bom Jesus, entroncamento Fortaleza-Brasília/ Divisa Piauí-Bahia, Divisa PI-CE	100	500,00 milhões de cruzeiros
Parnaíba a Piripiri	165	650 milhões de cruzeiros
Piripiri a Campo Maior	84	460 milhões
Campo Maior a Teresina	86	350 milhões

Fonte: Jornal Estado do Piauí, Teresina, 27 de julho de 1961, p. 04.

Todos esses recursos eram provenientes do governo Federal que justificavam a importância dos investimentos nas rodovias por considerar que:

O estado do Piauí constitui geograficamente com o Maranhão o Meio Norte, a sua economia baseia-se na produção extrativa do babaçu e da carnaúba dos quais o Piauí é o segundo produtor nacional. O estado produz ainda, mandioca, arroz, cana-de-açúcar, algodão, sal em condições de produção industrializada incipiente [...] As obras federais que serão implantadas ou pavimentadas terão função importante para economia estadual, especialmente nos trechos a serem pavimentados da BR-8 E BR-22 ligando Parnaíba- Campo Maior a Teresina que reforçará e completará o até agora deficiente sistema Ferroviário do estado a E.E. de Ferro Central, atualmente ligando até apenas Parnaíba-Piripiri com a pavimentação do outro trecho BR 22. Piripiri divisa PI/CE assegurar-se-á a ligação da capital piauiense com o sistema rodoviário.³⁰⁰

Compreende-se que havia a preocupação em integrar o estado a outras regiões por meio das rodovias, também existiam discussões e deliberações por deputados e senadores sobre a importância de investimentos nas linhas férreas que, desde o princípio, pelo menos no Piauí, ficou em segundo plano, fazendo parte apenas dos discursos progressistas que almejavam esse meio de transporte para o estado como uma medida que facilitaria a escoação de matérias primas de forma barata e rápida. A ferrovia em Campo Maior foi um projeto fracassado desde o início devido à demora de sua chegada na cidade que aconteceu no final de 1950 fazendo forte concorrência aos automóveis. Houve toda uma preparação para o recebimento do trem que “parou no meio do caminho.”

³⁰⁰ Jornal Estado do Piauí, Teresina, 27 de julho de 1961, p. 04.

3.5 Campo Maior nos trilhos do progresso

Em meados da década de 1950 com as transformações socioeconômicas no Brasil promovidas pelo governo de Juscelino Kubitschek que prometia acelerar o crescimento do país dentro do curto espaço de cinco anos, gerando o famoso slogan (cinquenta anos em cinco) através de seu Plano de Metas, almejava investimentos principalmente em cinco setores: educação, saúde, alimentação, transporte e energia. De acordo com Francisco Alcides do Nascimento³⁰¹ a euforia do discurso progressista do governo de JK chegou ao Piauí e “Teresina foi a porta de entrada para esses novos tempos”³⁰².

Havia o incentivo a instalação de indústrias e infraestrutura, além da modernização da máquina administrativa com a criação da Comissão de Desenvolvimento do Estado do Piauí, cujo objetivo era pensar o seu desenvolvimento a médio ou a longo prazo, sendo que no final da década de 1950 houve a criação de empresas de economia mista dentre as quais podem ser destacadas: “Frigorífico do Piauí S.A.(Fripisa), Centrais Elétricas do Piauí S.A (Cepisa), Telecomunicações do Piauí S.A (Telepisa), Águas e Esgoto do Piauí S.A (Agespisa)”³⁰³. Essas mudanças que aconteciam no estado, também ressoaram em Campo Maior, onde o discurso progressista será tomado pelas autoridades públicas imbuídas do desejo de ver o desenvolvimento econômico da urbe com a chegada da linha férrea e da instalação do Fripisa.

De acordo com Neide Rodrigues Vieira³⁰⁴, as primeiras ferrovias construídas no país foram resultantes da produção do café na região Sul, pois os transportes das produções feitos por mulas, jumentos, e cabotagem geravam muito gastos, no entanto as implantações das ferrovias não se justificaram apenas pelo viés econômico, mas também era uma forma de integrar a região nordeste às regiões do Sul que era o centro político e econômico do sudeste do país. As primeiras ferrovias construídas no Nordeste tinham objetivos de integrar essa região ao centro Sul e desenvolver ainda mais sua economia.

Quando as ferrovias chegaram ao Nordeste, e principalmente ao Piauí, esse meio de transporte que a cada inauguração era comemorado fervorosamente como símbolo do progresso e velocidade, já estavam caindo em “desuso” em decorrência da construção das rodovias, que por seu turno, tinham bastante incentivos das empresas e montadoras automobilísticas que

³⁰¹ NASCIMENTO, Francisco Alcides. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950-1970. In: **Revista Brasileira de História**. Vol. 27, nº 53, São Paulo, Jan-2007.

³⁰² *Idem*, 2007. p .9

³⁰³ *Idem*, 2007. p.9

³⁰⁴ *Idem.*, 2007.

careciam de estradas transitáveis por veículos, caminhões, desde a instalação de indústrias no Brasil, tais como: “ Ford (1919), e General Motors (1925), e a promoção de eventos (exposições e corridas de automóveis) que funcionava como divulgadoras de novos modelos de automóveis e caminhões”³⁰⁵. Essas empresas tinham muito interesse na construção de rodovias e “difundiam ideias e valores positivos associados ao automóvel”³⁰⁶.

A partir dos primeiros anos da República foram feitos projetos que visavam a construção de linhas férreas no estado Piauí ligando-o aos estados vizinhos: Maranhão, Ceará, Pernambuco porque estes serviam de principais entrepostos comerciais do estado. Assim era necessário construir ferrovias ligando Petrolina (PE) a Teresina (PI), a São Luís (Maranhão). Grande parte desses projetos permaneceram apenas no desejo de muitos políticos e governantes do estado, haja vista que após 40 anos da chegada dos trilhos de ferro no Piauí, ainda não havia chegado a metade do que era planejado. E as poucas ferrovias existentes apresentavam um sistema precário, com trens velhos e lentos em virtude também da falta de manutenção, não atendendo à demanda necessária. Para piorar esse quadro havia forte concorrência das rodovias federais que englobavam grande parte das verbas destinadas ao sistema de comunicação e transporte do Brasil. Alguns trechos permaneciam inconclusos chamando a atenção das autoridades públicas e produtores e comerciantes de produtos voltados para comercialização dentro e fora do país.

Em 1955, o senador Mendonça Clark, citado por Leda Vieira,³⁰⁷ lamentava os problemas ligados à rede ferroviária cuja conclusão de alguns trechos se arrastava a anos, dentre os quais cita o prolongamento que ligava Piripiri-Campo Maior e Campo Maior-Teresina “há anos verbas votadas para efetivação da extensão da linha. Constroem-se aterros, pontilhões, estações de paradas, casas de turmas, casas de Chefes de Estação, mas nada de trilhos e, por conseguinte, nada de trens”³⁰⁸.

De acordo com Leda Vieira, os principais argumentos que consideram os motivos da derrocada das ferrovias no país estão relacionados principalmente a: expansão das empresas automobilística demandando a maior parte dos investimentos e verbas Federais nas rodovias e pelos diferentes tipos de bitolas apresentados no sistema ferroviário brasileiro, mas para autora esses argumentos são muito frágeis, e esse abandono das ferrovias se justifica pela “falta de uma política de transportes que integrasse, em todo o país, as ferrovias à outras modalidades de transportes, aproveitasse as vantagens oferecidas pelas estradas de ferro e diminuísse suas

³⁰⁵ VIEIRA, Leda Rodrigues. **Caminhos de ferro**: a ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960. 247 f. Dissertação. Mestrado em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, 2010.

³⁰⁶ PAULA, Dilma Andrade de, 2004, p.53 *apud* VIEIRA, 2010, p.55.

³⁰⁷ VIEIRA, 2010.

³⁰⁸ CLARK, Mendonça *apud* Vieira, 2010, p. 72.

limitações através da integração e planejamento geográfico apoiada³⁰⁹. No entanto, é imprescindível afirmar que a chegada da Ferrovia no Piauí representou um momento de empolgação e fé no progresso e desenvolvimento econômico no estado, pois:

A ferrovia, quando em funcionamento, representou um importante meio de transporte para os produtos da economia piauiense, pois partia de Parnaíba, estendendo-se, em 1923, até Piracuruca, onde eram embarcadas diversas mercadorias (tucum, mamona, cera de carnaúba, óleo de babaçu, mandioca, etc.) e levadas, pelos trilhos, as cidades dotadas de estações ferroviárias, como Cocal, Piracuruca e, muitos anos depois, Piripiri (1937), Campo Maior (1952) e Teresina (1969). As estradas de ferro foram se estendendo por muitos lugarejos e acabou por formar povoados ao longo de sua implantação. A ideia que movia seus administradores era que os trilhos atingissem a capital, Teresina, na perspectiva de beneficiar o intercâmbio comercial entre a capital e as cidades da região Norte do estado.³¹⁰

Ainda de acordo com a autora, o trem fez parte do cotidiano de muitas cidades do Piauí, especialmente em Parnaíba. Analisando as memórias dos ferroviários, ela mostra como o trem marcou o comportamento da população:

que usufruiu de seus serviços em direção à praia, à festa de Bom Jesus dos Navegantes, às férias em Amarração (atual Luís Correia), ao transporte de alimentos de localidades vizinhas, a exemplo de Frecheiras. O trem também provocou sentimentos de medo, desconfiança, susto e fascínio. Medo pelas faíscas que queimavam as roupas novas de “domingo”, dos possíveis atropelamentos, etc.; desconfiança da velocidade, susto dos apitos estridentes e do “novo” mecanismo e fascínio pela máquina que soltava fumaça e faíscas no ar e pelo progresso advindo de sua chegada em vários recantos.³¹¹

Em Campo Maior não foi diferente, o trem causava admiração e hoje é representado apenas pela memória, cuja estação serve de museu e sua estrutura física evoca os auspiciosos tempos em que o trem era um símbolo do progresso e a fé num futuro promissor para a cidade. Ainda no início da república, os primeiros trens ainda faziam mais parte dos discursos das autoridades públicas do que uma realidade concreta, e em 1910 por meio de um projeto “lei nº 569, de 2 de julho, autorizava o Estado a contratar junto ao governo federal a construção do ramal de Campo Maior a Amarração, da estrada de ferro Sobral a Teresina”. O projeto previa mais de 300,00 libras esterlinas, mas foi barrado no tribunal de contas paralisando as atividades de construção de linhas férreas. Desse modo, somente depois de muita espera é que o trecho ferroviário que liga Piripiri-Campo Maior foi concluído e recebido com muita empolgação.

³⁰⁹ VIEIRA, 2010, p. 70.

³¹⁰ *Idem*, 2010, p.19.

³¹¹ *Idem*, 2010, p.20.

O trecho ferroviário Piripiri-Campo Maior teve seu projeto elaborado pelo Departamento Nacional de Estradas de Ferro (DNEF) e aprovado pelo Decreto n.º 12.841, de 10 de julho de 1943. Os trabalhos de construção ficaram a cargo do 1.º Distrito de Construção do Departamento Nacional de Estradas de Ferro, sediado em Teresina, a partir de 1947, sendo os serviços executados à base de empreitada pelas firmas Oliveira Paulo e Omar O'Grady. Com a criação do 1.º Grupamento de Engenharia em 1955, e mediante convênio entre os Ministérios da Guerra e Viação e Obras Públicas, em abril de 1955, os trabalhos dessa ferrovia foram entregues ao 4.º Batalhão de Engenharia de Construção (4.º BEC), sediado em Crateús-Ceará. Em 13 de maio de 1958, foi criado o 2.º Batalhão de Engenharia de Construção que entregou ao DNEF o trecho Piripiri-Campo Maior, com um total de 77.398 km, compreendendo terraplanagem, obras d'arte, via permanente, edificações, linhas telegráficas e telefônicas, cercas, marcos e instalações de via permanente³¹².

Imagem 17: linha ferroviária sendo construída de Teresina a Piripiri que cortava Campo Maior.



Fonte: Jornal do Comércio, 19 de abril de 1959, p. 3- Biblioteca Marion Saraiva

As imagens acima se referem às etapas finais de conclusão do trecho que ligava Teresina a Piripiri e passava por Campo Maior. O Jornal o Comércio, em 1959, publicava a seguinte matéria: “Espadas de trilho cortam barriga da terra: Construir Ferrovias e Rodovias é café pequeno para o 2º Batalhão de Engenharia e Construção” onde enfatizava a importância do trabalho do 2º Batalhão de Engenharia de Construção (BEC) para a concretização das linhas ferroviárias que ligavam Teresina a Piripiri, pois essas trariam o desenvolvimento do estado e principalmente aos municípios que eram dotados de estação ferroviária e que eram passagem do trem.

Por onde as linhas de ferros passavam, davam um novo sentido de melhorias na estrutura da cidade, pois mexiam com a economia, davam empregos a muitos trabalhadores que exerciam funções na construção da estrada de ferro. Além disso, o trem era visto como sinônimo do

³¹² VIEIRA, 2010, p.78.

progresso e desenvolvimento da economia. Para entender isso, basta analisar os vários discursos das autoridades públicas que justificavam a necessidade da construção de ferrovias como uma forma de facilitar a escoação de produtos produzidos no Piauí para os estados do Maranhão, Ceará e outros, além de fazer a relação comercial entre a Capital Teresina e cidades do Norte que vinham produzindo, coco babaçu, couro, tucum, cera de carnaúba etc. dessa forma, o transporte ferroviário trouxe melhorias econômicas para muitas cidades do Piauí, dentre as quais destaca-se Campo Maior:

[...] trouxeram estímulo às atividades agrícolas, em particular à produção de gêneros alimentícios, uma vez que facilitaram a integração da mesma no mercado de gêneros alimentícios do Nordeste. Também, em certa medida, limitaram o papel econômico das vias de comercialização do litoral, reduzindo de certo modo as funções de entreposto comercial da Parnaíba. Em oposição, cresceram de importância numerosas cidades ao longo das principais rodovias (Floriano, Campo Maior, etc.).³¹³

De acordo com relato de Antônio de Araújo Loyola³¹⁴ que veio comandar o Tiro de Guerra em Campo Maior no exército na posição de cabo e depois sargento entre o interstício de 1962 a 1966 onde foi o último comandante da primeira companhia. Depois de 1988 quando saiu do Tiro de Guerra ficou morando na cidade até hoje. Para ele a presença da tropa na cidade movimentava a economia; construiu a ferrovia e rodovias. Os militares gastavam seus salários na cidade. O quartel contribuía com os momentos de festas e sociabilidades nos clubes sociais e dos cabarés na zona planetária localizados na rua Santo Antônio, bem como no comércio de produtos alimentícios e outros gêneros, transporte eletrodomésticos etc.

A movimentação em torno desses clubes e o quartel que movimentava muito, os soldados nas ruas, cabos e sargentos. Os oficiais, a maioria casando por aqui, construindo famílias. O quartel ficava na UESPI, nós chegamos a ter 400 homens ali, quando ela fechou, eu fiquei com vinte e poucos homens. Eu fui o último comandante dela, até que eu entreguei ela para o estado e fui transferido daqui, aí você imagina era normalmente o capitão, tínhamos uns três tenentes uns quinze a vinte sargentos, nós éramos cada um de um lugar. Éramos todos de fora e não tinha quase ninguém daqui, mas nos tornamos daqui a maioria casou aqui e depois foi embora para Rio Grande. O quartel movimentava dinheiro, movimentava a sociedade. Foi construída a estrada de ferro que fizemos de Piripiri *pra* cá. Eu construí a estrada de ferro, pois trabalhei nela. Nós tínhamos o armazém onde é o museu do Zé Didor. Eles

³¹³ CAMPANHA NACIONAL DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). Estudos de desenvolvimento regional: Piauí. 1959. Série levantamentos e análises, v. 9. p. 66. Apud VIEIRA, 2010, p. 139.

³¹⁴ Natural do município de Tauá no Estado do Ceará, mais precisamente na cidade de Trapiá, mas viveu a maior parte de sua vida no Piauí se considera um cidadão campo-maiorense pelos grandes feitos que fez pela cidade. É Formado em Letras e Teologia pela Universidade Federal do Piauí e em Teologia pela Faculdade de Teologia do Brasil tenho docência do Ensino Superior pela Faculdade Candido Melo no Rio de Janeiro e o curso de Sargento de Engenharia do Exército.

vendiam *pra* gente até geladeira, a gente tinha lambreta comprada no quartel. Nós que éramos militares tínhamos até uma certa preponderância sobre os funcionários civis, custavam receber dinheiro e a gente não, era cabo do exército, sargento e oficial do exército, hoje ainda tem valor, você imagina naquele tempo! então quando quartel fechou em 66 a cidade emborcou [...]”³¹⁵

A presença do Exército em Campo Maior tinha relação com a construção do trecho ferroviário, ligando Piri-piri a Campo Maior, entretanto o acampamento sediado na cidade movimentava a economia. Em relação aos salários dos soldados não se sabe se recebiam proventos superiores aos dos civis. É provável que o entrevistado recebesse porque era sargento e comandante. Os militares tiveram grande participação na construção e estradas carroçáveis e na construção das ferrovias. Essa participação também adivinha das propostas desenvolvimentistas do governo Federal.

É necessário ressaltar que o jornal O estado do Piauí agia como instrumento disseminador de ideias positivas dos Governos Federal e Estadual. Nessa época havia forte propaganda do governo de Juscelino Kubitschek, incentivando a industrialização e principalmente o setor automobilístico o que justifica também a construção de muitas rodovias com o objetivo de integrar o Brasil. Nesse período, quem governava o Piauí era Francisco das Chagas Rodrigues (1959 a 1962). A citação a seguir, talvez possa corresponder às críticas feitas ao governo que investia mais em rodovias, deixando em segundo plano as ferrovias por conta da morosidade da conclusão e manutenção de alguns trechos como observa-se no discurso do Deputado Sigefredo Pacheco³¹⁶ em 1956, por ocasião da visita dos alunos da Escola Superior do Tiro de Guerra em Campo Maior. O Deputado acentua em tom de protesto, criticando o desamparo e desinteresse em relação à região. Considera que havia desatenção do Governo Federal com o transporte ferroviário no Piauí:

Nós nos consideramos, nesse sentido, verdadeiros enteados da república. Embora todos os planos ferroviários, desde os mais remotos, incluam o Piauí, — por imperativos geográficos, econômicos e táticos — como centro das comunicações Leste a Oeste e de Norte a Sul, nenhuma ligação foi feita até agora, e continuamos, por isso, quanto a transportes ferroviários, completamente isolados. A morosidade e as deficiências com que as estradas

³¹⁵ LOIOLA, Antônio Araújo. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 25 de julho de 2017.

³¹⁶ Sigefredo Pacheco, filho de Vicente Pacheco Inês da Costa Araújo, foi o primeiro prefeito de Campo Maior eleito a parti da constituição de 1934, Era médico, mas sempre foi atuante na política. Em 1938 foi deposto pelo golpe do estado novo, retornando ao cenário político como deputado federal em virtude da redemocratização do País em 1945, filiado ao PSD, cujo ensejo possibilitou a sua participação na Assembleia Nacional Constituinte que promulgou a Carta Magna em 1946. Sendo reeleito em 1950-1954. Em 1958 perdeu a eleição como candidato a suplente de José Mendonça Clark. Mas em 1962 aliado a Petrônio Portela, onde atuou na união da coligação entre UND E PSD, foi eleito a Senador onde seu partido teve ampla maioria de votos. No exercício do regime militar era amigo de Humberto Alencar Castelo Branco e aliou-se a Arena.

de ferro avançam para o Piauí, ou sobre ele se estendem, constituem fatos correntes e desconcertantes, que desapontam e desanimam os piauienses, gerando e robustecendo no espírito deles essa sensação de enteados e descrentes de assistência e amparo.³¹⁷

O tom de crítica recai sobre o Governo Federal, que de acordo com Sigefredo Pacheco, que agia com displicência em relação ao transporte ferroviário no estado, tratando o Piauí como se fosse um “enteado”, ou seja, a analogia é interessante, pois de forma indireta afirma que o governo federal excluía o estado como se o mesmo não fizesse parte da nação. Mas também pode se referir a uma forma de rivalidade em oposição ao governo Federal. Contudo, a fala do deputado serve como objeto de análise para entender o descontentamento que as autoridades tinham em relação a ausência do transporte ferroviário que na época era visto como meio de transporte barato, integrando o Piauí geograficamente e economicamente a outras regiões.

Ainda no mesmo discurso usa do mesmo artifício para continuar as críticas em relação a morosidade das estradas de ferro que convergiam para “Campo Maior: a estrada de Parnaíba-Teresina, que é a Central do Piauí e a Crateús-Campo Maior, que a ligaria a Fortaleza e a Camocim, no Ceará, e acrescenta provocando interesse, admiração e risos”³¹⁸:

Pois bem! No começo deste século, chegou a Campo Maior a comissão de engenheiros que concluía os estudos do prolongamento da estrada de Camocim a Campo Maior, e determinava o lugar da futura estação, nesta cidade. Houve, então, grandes festas comemorativas. Festas a nossa moda, com foguetes, música, discursos e bebidas. Um preto velho que a tudo assistia, já desencantado a meio século, deu uma cusparada irreverente e estrepitosa, e, cobrindo o cuspe com terra, exclamou: - “quando este nascer, a estrada chegará aqui...” E, até hoje, a estrada de ferro não chegou a Campo Maior... e a cusparada do preto velho ainda é a cova de muitas esperanças e a fonte de muitos desesperos³¹⁹

O deputado usa de sua boa oratória para representar o momento que se cogitou a construção da estrada de Ferro de Camocim a Campo Maior, usou a figura popular do “Preto Velho” para destacar uma visão profética do futuro em relação aquele momento de tanta exaltação e comemoração diante da possibilidade da construção da estação ferroviária em Campo Maior. A figura do “Preto Velho” representa sabedoria e capacidade de discernimento, posto que foi o único que agiu com desencantamento, no momento em que o desejo de muitos em ver a linha de ferro passar pela cidade era mais forte que a percepção e senso crítico da

³¹⁷ JORNAL DO PIAUÍ: Campo Maior e a Escola Superior de Guerra. [s. l], 18 out. 1956.

³¹⁸ JORNAL DO PIAUÍ: Campo Maior e a Escola Superior de Guerra. [s. l], 18 out. 1956.

³¹⁹ JORNAL DO PIAUÍ: Campo Maior e a Escola Superior de Guerra. [s. l], 18 out. 1956.

realidade. Assim a estrada de ferro em Campo Maior chegou de forma bastante tardia, frustrando os cidadãos e autoridades que tanto sonharam com a chegada do trem.

Sobre a concretização da Estrada de Ferro Central, somente depois de 30 anos alcançou Piri-piri à 84 km de Campo Maior e no intervalo de 1935 a 1955 seus trilhos continuaram parados nessa cidade, daí o tom de descontentamento de Sigefredo, em relação a demora da estrada de ferro para chegar em sua terra natal, Campo Maior. Além disso, enfatizou sua esperança, de enfim, ver o sonho se realizar porque o governo anunciava em boa hora a construção das duas estradas que fora entregue “ao eficiente 4º Batalhão Ferroviário do Exército constatando um novo ritmo de trabalho, de disposição e honestidade desses soldados patriotas que estendem os tão esperados trilhos, em terras do município de Campo Maior”³²⁰. Também levantou uma interrogação, ou suspeita em relação aos materiais usados na construção da linha férrea:

Há, entretanto, uma sombra e uma interrogação em nossas esperanças de hoje: estou informado, nas melhores fontes possíveis, de que estão sendo montados, em nossa estrada, criminosamente, trilhos velhos, desgastados e de insignificante período de utilização trazidos para nós de uma estrada de ferro do Sul do país. Vou colher, sobre o assunto, dados bastantes e seguros, para organizar e encaminhar o protesto e a defesa do Piauí junto aos poderes competentes e responsáveis.³²¹

A citação mostra como o deputado que na condição de representante do povo e sendo natural de Campo Maior, tomava partido em defesa da construção da estrada de ferro que passaria pela cidade, no entanto, fica claro o descontentamento pela demora da chegada desse meio de transporte moderno que, na verdade, já estava sendo considerando ultrapassado em outras regiões do país pelo crescimento e investimento nas rodovias.

Nesse sentido, percebe-se como o trem que na época era encarado como “símbolo do moderno e do futurismo” já estava sendo tratado por outros estados do Sul como obsoleto, haja vista que os investimentos estavam sendo destinados principalmente para as rodovias. De acordo com Cláudia Cristina Fonteneles, parafraseando Nelson Peixoto, “o ideário do progresso, incorporado no transporte ferroviário, influenciou hábitos sociais inspirando sonhos e esperanças, mas também definindo maneiras de durar, sobretudo da vida urbana”³²².

³²⁰ *Idem*, 1956.

³²¹ *Idem*, 1956.

³²² PEIXOTO, Nelson 1995 *apud* FONTENELES, 2015, p. 218.

“A estrada de ferro implantou mudanças nas cidades, provocou novas experiências de tempo e mudanças marcadas pela aceleração do crescimento econômico e urbano através de novos estilos arquitetônicos”³²³. Embora os anos de 1950 tenham assistido maiores investimentos do Governo Federal no setor ferroviário, iniciado no governo de Getúlio Vargas e depois com Juscelino Kubitschek com a implantação da rede Ferroviária Federal, com aprovação da lei 3 115 em 16 de março de 1957. Tais medidas não evitaram a decadência das ferrovias no estado.

O progresso aliado à chegada do trem deu-se no sentido de uma flecha que segue para cima, pelos menos era como as autoridades relatavam quando se referiam a esse assunto, no entanto, como não prosseguiu através de mais investimentos houve uma queda, ou seja, a decadência do setor ferroviário, haja vista que muitas estradas de ferro foram desativadas. Essa concepção também é delineada por Antônio de Araújo Loiola que atuou como comandante do segundo Batalhão instalado em Campo Maior entre 1962-1966³²⁴. Que associa a chegada da linha de ferro ao governo dos militares com a Ditadura de 1964.

Não tinha estrada até o governo da Revolução Militar de 64. Que tudo o que tem aqui, começou com ela, na qual fiz parte dela! a estrada a gente saía daqui num caminhão que a metade, era carroceria de madeira, chamavam de misto, era tipo ônibus, mas aberto de lado. Saíamos daqui às seis da manhã *pra* chegar em Teresina às onze horas. Ora, quando fui fazer um teste em Fortaleza, eu sai daqui dez horas da manhã de domingo *pra* chegar às quatro horas da tarde, quarta-feira em Fortaleza, eram quatro dias de viagem para Fortaleza e hoje é seis horas de viagem [...]³²⁵

A percepção do entrevistado, revela sua parcialidade diante da realidade vivida, pois atribui todas as mudanças ocorridas no país ao governo dos militares, inclusive porque fez questão de ressaltar o orgulho que tem, por ter feito parte desse processo e contexto histórico, atuando como um oficial do Exército, na cidade de Campo Maior e adjacências na construção de estradas de ferro e rodovias. Nesse sentido, a concepção de modernização e desenvolvimento estão ligados à noção de progresso como uma seta na posição voltada para cima, para o crescimento, ou seja, numa visão linear apontada para o futuro, como se o mesmo fosse sempre superar o presente³²⁶. Como percebe na sua afirmação a seguir a respeito da modernização da cidade:

³²³ FONTENELES, 2015, p. 218

³²⁴ LOIOLA, Antônio de Araújo. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 25 de julho de 2017.

³²⁵ LOIOLA, Antônio de Araújo. **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, 25 de julho de 2017.

³²⁶ FONTENELES, 2015.

Seria uma incoerência eu dizer que a cidade não evoluiu. Em todos os sentidos evoluiu muito! A cidade tem calçamento, tem energia, não é essas coisas toda, mas tem! Tem água encanada e potável, tem o comércio que no ramo farmacêutico é igual ao de Teresina, temos lojas de departamentos como o Paraíba que as de outros lugares não nos fazem vergonha. Evoluiu em termos de colégios; temos faculdades particulares, pública a UESPI, e em todos os sentidos evoluiu! calçamentos, urbanização, abrimentos de ruas, estradas para o interior, no ramo habitacional. Só não evoluiu mais porque nossos governantes são safados. Eu vou falar mesmo que no tempo de mais dinheiro que foi o tempo do PT, o “gato” comeu, ninguém sabe onde o dinheiro entrou! Se o dinheiro que veio para cá, tivesse sido aplicado, Campo Maior hoje, era igual uma cidadezinha americana, mas infelizmente tem famílias em Campo Maior que evoluíram mais que a cidade.³²⁷

Novamente o entrevistado aponta o desenvolvimento da cidade, no sentido de evolução em vários setores como de energia, transporte, abastecimento de água encanada, construção de estradas, a presença de comércios, escolas e faculdades. Desse modo, fica evidente a insatisfação do entrevistado com a forma de governar do Partido dos Trabalhadores, por questões ideológicas e subjetivas porque valoriza e defende que o período de maior investimento em todos os setores, de infraestrutura e desenvolvimento na cidade, adveio do governo dos militares, mas é necessário ressaltar que não foi só no governo dos militares que houve o desenvolvimento da cidade, pois foi possível constatar que em períodos anteriores como na década de 1930 e 1940 já havia ações da prefeitura no sentido de melhoramentos urbanos e desenvolvimento da cidade. Quando questionado sobre qual do período houve o impulso da modernização e evolução da cidade afirma:

Olha, a gente pode dizer que, não só Campo Maior, mas o Piauí de um modo geral, começou ou recomeçou a evoluir no Governo de Alberto Silva com a Revolução Militar. Não é porque sou sargento que digo isso, porque eu sou mais civil do que muitos civis! Sou um cidadão, até mesmo, porque não tenho pecado, sou pobre por opção, minhas filhas são ricas, mas eu não sou, veja só, quando os militares assumiram em 64, logo veio as coisas devagar, nós não tínhamos estradas, aí, logo tivemos estrada asfaltada até Fortaleza, quatro horas de viagem pra Teresina se viraram em uma hora e meia. O Piauí não tinha universidade, logo foi fundada uma em Teresina, Campo Maior teve por conta da distância que era pouca entre Teresina e Campo Maior e foi mesmo que ser fundada aqui. A barragem da Boa Esperança passou a distribuir energia para o Piauí todo. O Zoológico, o Albertão; calçaram Teresina todinha e asfaltaram. Foi feita estradas no Piauí todo, começou a surgir dinheiro. *Pra* você ter ideia, antes da Revolução eu era militar, recebia dinheiro de três em três meses, depois eu passava bem porque nosso armazém vendia fiado pra descontar no dinheiro da gente e os funcionários civis passavam seis meses sem receber dinheiro. Quando os militares assumiram uma das primeiras

³²⁷ LOIOLA, Antônio de Araújo, **Entrevista** concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 25 de julho de 2017.

medidas deles foi pagar em dia quem trabalha, porque precisa e foi assim pra todos os servidores.³²⁸

De acordo com Lucineide da Costa Cardoso³²⁹ os discursos construídos pelos militares entre o período compreendido entre 1964 até 1999, exaltam o feito de 31 de março de 1964, procurando justificar os motivos que levaram a tomada do poder pelos militares, ao mesmo tempo que buscam construir uma imagem positiva desse feito, onde configura-se como uma disputa de memória, haja vista que sempre irão exaltar e colocar esse acontecimento como uma grande “revolução” sem considerar seus efeitos negativos para o país.

Ressalta-se que há correntes que criticam e discordam do termo revolução denominando o acontecimento de 1964 de golpe de estado, entre os quais estão, os historiadores Caio Navarro de Toledo, Jacob Gorender e Lucília de Almeida Neves Delgado³³⁰ os mesmos consideram que foi um golpe que também teve apoio de intelectuais e civis, grandes empresários e industriais, ou seja, grupos reacionários e conservadores que reagiram diante do perigo da instalação do socialismo ou comunismo no Brasil, posto que esses grupos eram contra as reformas de base, estavam insatisfeitos com a crescente e autônoma organização dos setores da sociedade civil naquele momento, assim diante de aproximação do presidente João Goulart com países socialistas e suas ideias houve a disseminação da informação que o Brasil podia se tornar um país comunista, sendo a principal justificativa para os militares tomarem o poder e instaurar a ditadura no Brasil a partir de 1964.

Voltando a entrevista de Antônio Loiola, percebe-se que apesar de negar a influência de sua profissão como militar, em relação ao seu ponto de vista, percebemos que sua opinião não rompe com o seu lado profissional. Existe um grande entusiasmo na fala de Antônio Loiola ao abordar as questões relacionadas ao desenvolvimento de Campo Maior e do país, associado, principalmente, aos recursos Federais do governo dos militares posto que na sua opinião foi o período de maior prosperidade econômica para o Brasil, talvez porque tenha assimilado o slogan muito difundido na época que propagava a existência de “um milagre econômico no país”. O discurso de Antônio Loiola envolve a simpatia que ele tem em relação ao governo dos militares. Afirma que não havia autoritarismo dos governantes no projeto de modernização do

³²⁸ LOIOLA, Antônio de Araújo, Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 25 de julho de 2017.

³²⁹ CARDOSO, Lucileide Costa. Os discursos de celebração da ‘Revolução de 64’. Revista brasileira de História. São Paulo, v. 31, nº 62, 2011, p. 117-140.

³³⁰ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Governo de João Goulart e o golpe de 64: memória, história e historiografia. Dossiê, Revista O Tempo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a06v1428.pdf>. Acesso em 27 de março de 2018.

país e conseqüentemente nos centros urbano, defendendo o caráter “revolucionário” do Golpe de estado de 1964:

Quando se envolve a palavra Revolução normalmente tem luta armada e houve. Daí o nome Revolução. Não foi pelos militares, foi pela igreja católica e os civis que conclamaram os militares para ir às ruas, nós fomos, revolucionamos o país que foi fechado o congresso, câmara, senado, justiça e foi instituído uma lei que tinha: segurança, saúde, tinha desenvolvimento, tinha progresso, tinha tudo! Então esse movimento foi chamado por nós de Revolução Vitoriosa de 31 de março de 1964 porque ela botou “os pingos nos is” e evitou que naquele tempo fosse instalado o comunismo que hoje é instalado no Brasil³³¹

Compreende-se que o entrevistado defende sua convicção e está imbuído de um pensamento político ideológico de exaltação do ato militar que ele considera uma Revolução de 64. De acordo com Lucília Delgado³³² que analisa uma vasta historiografia sobre o golpe de 1964, de fato foram os militares que depuseram o presidente João Goulart com o apoio e em parceria com partidos políticos, segmentos e organizações da sociedade civil que se opunham à opção política do presidente e de seus aliados históricos como por exemplo, de realizar as reformas de base e outras de cunho socialista, mas no caso da disputa de memória entre a historiografia que defende que houve o golpe e os militares que exaltam o ocorrido como a “revolução de 64”, compreende-se que o entrevistado silencia o fato do golpe de 64 ter interrompido o sistema democrático que ainda estava tentando se restabelecer, “Foram eles também que, à frente do governo federal, reproduziram por vinte anos uma prática discricionária, autoritária, arbitrária e excludente. Inauguraram e reproduziram o tempo da ditadura no Brasil pós-1964.”³³³

Para Lucileide Cardoso³³⁴ não houve Revolução, a maior parte da população ficou à margem desse processo e a tomada do poder pelos militares beneficiava apenas o capital estrangeiro, os grandes empresários e industriais que coadunaram muito bem com os militares, além disso, após analisar variada gama de discursos militares, a autora afirma que eles esquecem de mencionar como o regime militar rompeu com o sistema democrático brasileiro e coadunou com a usurpação das liberdades e os direitos humanos:

Do ponto de vista da crise político-institucional, identificou-se como um movimento político-militar conservador, em oposição às ‘reformas de base’ nacional-populistas e à participação política de setores populares. Também foi capaz de expressar interesses das classes dirigentes com respaldo das classes

³³¹ *Idem*, 2017.

³³² DELGADO, 2009.

³³³ DELGADO, 2009, p. 143.

³³⁴ CARDOSO, 2011.

médias. Garantiu o atrelamento do empresariado nacional ao capitalismo internacional, correspondendo ao extrato moderno da burguesia industrial. [...] Não creditam as realizações e resultados econômicos, o denominado ‘milagre brasileiro’, às condições internacionais e às potencialidades internas. Sequer lembram os custos desse desenvolvimento oriundos da elevação dos níveis de pobreza. Basta analisar os indicadores de saúde, educação e distribuição de renda presentes na atualidade, fruto do modelo econômico excludente e marginalizante implantado pelos militares. Recusam a ideia de que o Congresso Nacional perdeu seu poder fiscalizador e a imprensa sofreu intensa censura nesse período. Esquecem, propositadamente, que para a oposição, após a ‘abertura política’ na década de 1980, só restava contar as vítimas da repressão: mortos, desaparecidos, cassados e exilados, completados pelos expurgos de militares e civis.³³⁵

Portanto, grande parte das reformas e crescimento econômico responsável por investimentos em infraestrutura e transporte e indústria nesse período no Brasil, foi proveniente do capital estrangeiro à custa de empréstimo com juros muito altos, que aos primeiros sinais de crise em 1973 e 1974, o capital especulativo e os empréstimos a juros baixos sumiram e foram para outras praças gerando, uma grave crise na economia do Brasil, com queda na economia, inflação, congelamento de salários, desemprego etc., houve fortes pressões contra o governo para que se desse a abertura da redemocratização do país novamente.

Esses fatores justificam como no período de 1960-1970 houve muitas transformações na cidade de Campo Maior, que alcançou certo nível de desenvolvimento urbano, com a chegada da estrada de ferro, a construção da rodovia 343, e construção de obras e depois passou por um período de estagnação econômica e de desenvolvimento urbano, mas bem antes a cidade já passava por muitas melhorias urbanas, talvez com o governo dos militares houve certo impulso e desenvolvimento.

³³⁵ CARDOSO, 2011, pp. 137-138.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou o processo de modernização de Campo Maior no período compreendido entre 1930 e 1970, apontando as principais intervenções na cidade através de calçamento e alargamento de ruas, avenidas, embelezamento de praças, edificação de novos prédios públicos e outros. Constatou-se que essas intervenções urbanas foram proporcionadas pela prosperidade econômica do município com a comercialização da cera de carnaúba, entre o período de 1930 até 1948, haja vista que as receitas do comércio desse produto foram expressivas nesse período devido a exportação da cera que servia para produção de um material explosivo, o ácido pícrico, com o término da guerra houve a desvalorização da cera no mercado, ocorrendo poucas intervenções na cidade, muitas obras realizadas em Campo Maior após esse período foram resultantes de investimentos do Governo Federal.

As intervenções no município provenientes da comercialização da cera de carnaúba geraram conflitos de interesses, entre a prefeitura e as elites econômicas locais, devido à iniciativa do poder público em compor patrimônio municipal que passou a se interessar por faixas de terras onde existiam os carnaubais e eram de proprietários ilegais ou grileiros, e ficavam no entorno do centro urbano, além disso casas e terrenos que ficavam em locais estratégicos para os melhoramentos urbanos foram desapropriados para construção de obras de interesse da prefeitura.

Apesar de ter investigado todas as documentações disponíveis no arquivo público da prefeitura municipal e na câmara do município, verifiquei que existe certo silenciamento em torno da memória política e das obras construídas em Campo Maior nos períodos como 1935 a 1938 que teve Sigefredo Pacheco como prefeito que depois foi deputado e em seguida Senador da República; e entre 1931/01/1951 a 31/01/1955 na administração do prefeito Raimundo Nonato Monteiro Santana, economista, pesquisador e intelectual piauiense, por isso não foi possível analisar as principais obras e reformas empreendidas por esses prefeitos nesses períodos o que não quer dizer que não tenham acontecido, motivo que leva a crer que as fontes e a memória dessa época, possam ter sido “esquecidas”, silenciadas ou até apagadas, abrindo novas possibilidades de pesquisa.

De acordo com Lucília Delgado o conhecimento histórico e a memória são influenciáveis aos interesses individuais e coletivos “que atuam nas diversas conjunturas, nas quais o homem constrói o processar da história. São também terrenos férteis para expressão de

disputas políticas, sociais e, sobretudo, de registros das práticas de exercício do poder”³³⁶. O que justifica o fato de alguns eventos e fenômenos históricos serem mais lembrados, investigados e comemorados mais que outros.

Verificou-se que na década de 1970 ocorreu a realização de obras na cidade, as quais se destacaram: o novo mercado, o Terminal Rodoviário Zezé Paz, o Monumento aos Heróis do Jenipapo, vistas como sinônimo do desenvolvimento e progresso. Acredita-se que essas obras deram um novo aspecto para a cidade, proporcionando mudanças na reorganização do espaço urbano, como foi o caso do mercado que tornou as avenidas Demerval Lobão e Rua Senador José Euzébio principais pontos comerciais, ao tempo que foi afastando as residências e seus respectivos moradores para bairros mais distantes.

Políticos e cronistas do Jornal A Luta destacaram que essas mudanças eram necessárias, pois estavam dentro dos padrões estéticos e de uma engenharia moderna, logo eram vistas como sinônimo de progresso. Por outro lado, havia os que criticavam essas reformas, pois além de destruírem o patrimônio arquitetônico da cidade não traziam nem um benefício e acabavam tornando certos espaços mais feios, como foi o caso do remodelamento da Praça Rui Barbosa.

Um dos objetivos iniciais da pesquisa era perceber como ocorreu o autoritarismo por parte da prefeitura na personalidade dos políticos da época, mas compreende-se que é necessário uma pesquisa mais aprofundada sobre esse aspecto, pois no momento, apesar da análise de todos os documentos oficiais encontrados, como decretos e projetos leis, não foi possível destacar claramente como esse autoritarismo foi percebido pela população, principalmente as que foram impactadas diretamente com essas ações, ou seja, as pessoas que tiveram suas casas desapropriadas não estão mais vivas, ou se mudaram e não foi possível entrar em contato com parentes ou moradores afetados diretamente com essas reformas urbanas.

Constatou-se que a maioria das ações da prefeitura tinham a preocupação em dar a cidade um aspecto mais bonito, limpo e civilizado. Além disso, verificou-se pelos relatos memorialísticos e entrevistas que algumas intervenções como a iluminação, o embelezamento das praças e o cinema modificaram o comportamento dos campo-maiorenses que viam esses elementos como uma novidade que divertia e proporcionava o conforto e lazer.

Outra questão, que no momento não foi possível analisar, posto que buscava-se perceber: Como a população mais carente foi afetada pelas reformas urbanas? Apesar de

³³⁶DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Governo de João Goulart e o golpe de 64: memória, história e historiografia. Dossiê, Revista O Tempo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a06v1428.pdf>. Acesso em 27 de março de 2018.

realizar entrevistas com diversas pessoas, não ficou esclarecido sobre esse assunto. A maioria dos entrevistados diziam não lembrar, ou que não foram afetados diretamente por essas intervenções.

Portanto, acredita-se que os objetivos desse trabalho foram alcançados pois constatou-se que Campo Maior passou por vários processos de intervenções de várias administrações que procuraram lhe dar um aspecto mais moderno e civilizado. A modernização da cidade foi chegando aos poucos, através de elementos como: a energia elétrica, do sistema de abastecimento de água, pelo próprio lazer nas praças e clubes da cidade, as idas ao cinema, dentre outros aspectos como a chegada do trem, a pavimentação de ruas e avenidas, que possibilitaram a cidade um modo de viver urbano moderno, ao observar as fontes constatou-se que a memória de certas épocas e governos foram preservados mais que outros, assim acredita-se que essa pesquisa abre novos caminhos para que se possa responder aquilo que não conseguiu no momento, haja vista que é uma reflexão e uma tentativa de compreender como ocorreu o processo de modernização de Campo Maior e os fatores que possibilitaram isso.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

ALVES FILHO, João. **Campo Maior e o contraditório**. Campo Maior [s/n], 2011.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: aventura na modernidade**. São Paulo: Schwarcz Ltda, 1989.

BRESCIANI, Maria Stella. As sete portas da cidade: Espaço e Debates. **Revista de Estudos Regionais e Urbanos**, São Paulo: NERU, n. 34, p. 10-15, 1991.

_____. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. 5. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1980.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo: memória e o fim do fim da história**. Biblioteca nacional de Portugal, 1945.

CARDOSO, Lucileide Costa. Os discursos de celebração da ‘Revolução de 64’. **Revista brasileira de História**. São Paulo, v. 31, nº 62, 2011, p. 117-140.

CARLOS, Ana Fani Alessandri.; SOUZA, Marcelo Lopes.; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CASTELO BRANCO FILHO, Heitor. **Paz e guerra na terra dos carnaubais**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 1992.

CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Tristeresina: um lugar triste e lindo, capaz de nos ensinar que as cidades existem em sua forma invisível. In: VASCONCELOS, J.H.; ADAD, S.J.H.(Orgs.). **Coisas de cidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.p. 175-184.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHAVES, Celson Gonçalves. **Urbanização em Campo Maior**. Edição do autor, 2007.

_____. **Rua Santo Antônio**. 2 ed. Campo Maior-PI: EDUFPI, 2014

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: Memória, tempo, identidades**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930: historiografia e história**. 7. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.

FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. **O recinto do elogio e da crítica: maneiras de durar de Alberto Silva na Memória e na História Piauiense**. Teresina: FUNDAPI, 2015, p.156

GIUCCI, Guillermo. *A vida cultural do automóvel: percursos da modernidade cinética*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: ed. Centauro, 2004.

HAMBURGER, Esther. *Diluído Fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano*. In: NOVAIS, A. Fernando; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v.4

KERSTEN, M. S. A. **Os rituais de tombamento e a escrita da história**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1994.

LIMA, Francisco de Assis. **Campo Maior em Recortes**. Campo Maior: edição do autor, 2007.

LIMA, Reginaldo Gonçalves de. **Geração Campo Maior: anotações para uma enciclopédia**. Teresina-PI: Gráfica e editora Júnior Ltda, 1995.

MELO, Cláudio. **Os primórdios na nossa história**. Teresina: [s.n.] 1983.

MENDES, Felipe. *Formação econômica*. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (Org.) **Piauí: Formação- desenvolvimento- Perspectivas**. Teresina, Halley, 1995.

NORA, Pierre. *Entre a memória e história: a problemática dos lugares*. In: **Projeto História**. São Paulo, nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: Modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. 2.ed. Teresina: EDUFPI, 2015.

_____. *Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970*. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH, vol. 27, nº 53, p.195-214, jun. 2007.

_____. *História Oral: experiências na construção de fontes orais*. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do.; VAINFAS, Ronaldo. **História e Historiografia** (org.). Recife: Bagaço, 2006. p. 119-141

OLIVEIRA, Natália; Afonso, Alcília. **Da matriz vejo a cidade: a igreja de Santo Antônio em Campo Maior**. Teresina: Halley, 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PEREIRA, Raimundo N. Bitencourt. **Modernização urbana de Campo Maior (1930-1937)**. 2015. 157 f. Dissertação de Mestrado- Programa de Pós-Graduação em História- PPGH, Universidade de Campina Grande, Paraíba, 2015.

POLLAK, Michel. **Memória e identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro. Vol. s, nº 10, 1992.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reformas urbanas e controle social 1860-1930**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Multigraf Editora LTDA, 1993

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.

_____. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo**. 3. ed. Teresina: EDUFPI, 2006.

REZENDE, Antônio Paulo. **(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de 20**. Recife: FUNDARPE, 1997.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Evolução histórica da economia piauiense**. 2. Ed. Academia de letras- convênio Banco do Nordeste: Teresina, 2001.

_____. **Evolução Histórica da economia piauiense e outros estudos**. Teresina: EDUFPI, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio Republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil: República: da Belle époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. V.3

_____. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Márcio Seligmann. Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: SILVA, Márcio. Seligmann(Org.). **História, Memória e Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Leda Rodrigues. **Caminhos de ferro: a ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960**. 247. F. Dissertação. Mestrado em História do Brasil. Programa de Pós-Graduação mestrado em História do Brasil. Universidade Federal do Estado do Piauí, 2010.

FONTES

DECRETOS E PROJETOS LEIS:

CAMPO MAIOR. Decreto N° 35/68, Estima a receita e fixa a despesa do serviços Autônomo de água esgotos SAAE DE Campo Maior, estado do Piauí para exercício de 1969. Campo Maior, 08 de outubro de 1968.

CAMPO MAIOR, Decreto N° 31/ 68 Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, parte de um terreno d espólio de Luiz Camêlo de Sousa, efetiva, logo, desapropriação. Campo Maior, 5 de setembro de 1968.

CAMPO MAIOR, Lei n° 776, de 7 de maio de 1970. Que dispõe sobre o abastecimento d'água , Campo Maior, 07 de maio de 1970.

CAMPO MAIOR, projeto Lei n° 28, de 09 de setembro de 1948, que autoriza o prefeito adquirir grupo motor gerador para iluminar as praças Bona Primo e Rui Barbosa e abre crédito especial de (Cr.₡ 25.000.00) para atender a autorização. Campo Maior, 09 de setembro 1948.

CAMPO MAIOR. Projeto lei n° 37, de 10 de outubro de 1948. Que trata sobre os termos de concessão gratuita do prédio Cine Teatro. Câmara Municipal. 10 de outubro de 1948.

ARAGÃO, Ascendino Pinto de. Exposição de motivos do decreto lei n° 43 de 10 de julho de 1943. Campo Maior, 10 de julho de 1943.

CAMPO MAIOR, Justificativa do projeto lei n° 50, que abre crédito de 20.000. 000 cruzeiros para a construção de um novo cemitério. Campo Maior, 01 de fevereiro de 1949.

CAMPO MAIOR, Decreto n° 15, declara de utilidade pública, para efeito de desapropriação, um terreno que mede cinco e meio metros de frente por quinze dito de fundos, contendo uma casa de palha e um muro de pedras, sito no Bairro n. S. de Lourdes, pertencente ao Sr. Francisco Pereira da Silva, e efetiva, logo, a desapropriação. Campo Maior, 17 de julho de 1968

Campo MAIOR, Decreto n° 27. Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, um terreno suburbano pertencente, por aforamento, a herdeiros de Raimundo Nonato Alvarenga e efetiva logo desapropriação. Campo Maior, 15 de julho de 1968.

CAMPO MAIOR, Lei N° 628. Autoriza ao poder executivo a promover o pagamento de lote de terreno Urbano pertencente, ao Sr. Otacílio Eulálio, desapropriado pelo decreto n° 3/63, de 6/2/1963.

CAMPO MAIOR. Decreto n° 46, declara de utilidade pública e faz desapropriações diversas, de imóveis marginais da rodovia Teresina-Fortaleza, nas zonas urbanas e suburbanas desta cidade. Campo Maior, 28 de fevereiro de 1969.

CAMPO MAIOR, Decreto N°36 Declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, um terreno e casa nele encravado, e efetiva, logo, a desapropriação. Considerando a utilidade

pública que deve incidir sobre o terreno e casa nele encravada, de propriedade da SR. Elsa Maria da Soledade, para fim de abertura de rua. Campo Maior, 29 de outubro de 1968

JORNAIS

JORNAL A LUTA.
JORNAL DO COMÉRCIO.
JORNAL DO PIAUÍ.

ENTREVISTAS

ALVES FILHO, João. Entrevistas concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 05 de maio de 2017.

BRITO, Raimundo José Cardoso. Entrevista concedida à Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 04 de maio de 2017.

FONTINELES, Raimunda Lopes. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 20 de maio de 2017.

HOLANDA, Manoel Gomes de. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 13 de maio de 2016.

LIMA, João da Cunha. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 05 de novembro de 2017.

LOIOLA, Antônio Araújo. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 25 de julho de 2017.

MENDES, José Airton. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus, Campo Maior, 17 de junho de 2017.

SANTOS, Maria Dos Remédios Sousa. Entrevista concedida a Pauliana Maria de Jesus. Campo Maior, 03 de novembro de 2017.

RELATOS MEMORIALÍSTICOS

CARDOSO, Francisco Da Silva. **Memórias de Campo Maior**. 2 ed. Teresina-PI: Gráfica Pinheiro, 2014.

_____. **Solar dos Furtados em Campo Maior**: fragmentos históricos, fotos. Fatos e causos. Teresina-PI: Edição do autor, 2016.

_____. **Memórias da adolescência**: venturas e aventuras em Campo Maior. 2. ed. Teresina-PI: Gráfica Pinheiro, 2014.

OLIVEIRA, Joaquim Pereira de. **Estrelas no Chão**: memórias. Brasília: André Quicé editor, 1997.

VASCONCELOS, Marcos. **Raízes de pedra**. Fortaleza: Editora Livro Técnico Premium, 2006.

SITES CONSULTADOS

CARVALHO, Elmar. Giuliano Gemma e o velho Cine Nazaré. Disponível em: <<http://www.proparnaiba.com/elmar/2013/10/10/giuliano-gemma-e-o-velho-cine-nazar.html>>. Acesso em 29 de novembro de 2016.

BRASIL, Corinto Araújo. Cine Nazaré em Campo Maior. In: FORTES, José. Blog Meio Norte. Disponível em: <<https://www.meionorte.com/blogs/josefortes/cine-nazare-em-campo-maior-image-276932>> Acesso em 29 de novembro de 2016.

CASA INGLESA. Disponível em: <<http://bitorocara.blogspot.com.br/search?q=casa+inglesa>> Acesso em 15 de outubro de 2017.

PRAÇA LUÍS MIRANDA: Disponível em: <http://bitorocara.blogspot.com.br/search?q=mercado+velho>. Acesso em 20 de nov. de 2017.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Governo de João Goulart e o golpe de 64: memória, história e historiografia. Dossiê, Revista O Tempo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a06v1428.pdf>. Acesso em 27 de março de 2018.

BASTOS, Cláudio de Albuquerque. Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí. Teresina; Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_governadores_do_Piau%C3%AD> Acesso em 26 de Março de 2018.